



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA

CARLOS ANDRÉ DA SILVA

A MISSA DO VAQUEIRO EM MANARI/PE:
As relações entre História, Memória e Cultura
(1986-2018)

MACEIÓ – AL

2020

CARLOS ANDRÉ DA SILVA

**A MISSA DO VAQUEIRO EM MANARI/PE:
As relações entre História, Memória e Cultura
(1986-2018)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lídia Baumgarten.

Maceió – AL

2020

**Catálogo na fonte Universidade
Federal de Alagoas Biblioteca
Central
Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

S586m Silva, Carlos André da.

A missa do vaqueiro em Manari/PE: as relações entre história, memória e cultura (1986-2018) / Carlos André da Silva. – 2020.

145 f. : il., figs. color.

Orientadora: Lídia Baumgarten.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em História. Maceió, 2020.

Bibliografia: f. 138-145.

1. Missa do vaqueiro (Eventos religiosos). 2. História. 3. Memória. 4. Cultura. 5. Ressignificação. I. Título.

CDU: 981.34

Folha de Aprovação

CARLOS ANDRÉ DA SILVA

**A Missa do Vaqueiro em Manari/PE: As relações entre História, Memória e Cultura
(1986-2018)**

Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em 22 de setembro de 2020.



Prof.^a Dra. Lídia Baumgarten (Orientadora)
Universidade Federal de Alagoas

Banca Examinadora:



Prof.^a Dr.^a Irinéia Maria Franco dos Santos (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Alagoas



Prof. Dr. Cândido Moreira Rodrigues (Examinador Externo)
Universidade Federal do Mato Grosso

**Aos vaqueiros de Manari, que historicamente fizeram
de sua vivência e labor, a resiliência do homem do
sertão que sempre precisou ser tão forte.
À Zé Pesqueira (in memoriam).
À Tadeu Pedro Lima (in memoriam).**

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a minha mãe, dona Clara Maria, uma mulher guerreira e forte como suas ancestrais, por sempre acreditar no poder da educação enquanto ação transformadora de vidas. Por acreditar em mim, por me incentivar. Por ser meu porto seguro. Também agradeço a meu pai, José Domício, pelo apoio e por toda a ajuda durante a realização do curso de mestrado. Não foram caminhos fáceis de percorrer. A ajuda, compreensão e colaboração dos meus pais, foram fundamentais para a conclusão de todo esse processo. Agradeço a minha irmã, Maria Aparecida pelo apoio e colaboração e também a meu sobrinho José Felipe, durante a mudança para Maceió. A minha irmã Maria de Fátima, pelo apoio, colaboração, incentivo, sugestão e leitura do material escrito.

Agradeço imensamente aos amigos e amigas que verdadeiramente vibraram comigo, torceram e me apoiaram durante toda a trajetória do mestrado. Agradeço imensamente aos que também colaboraram com meu processo de mudança para Alagoas: Anúbia, Quitéria, Jakeline, Marluce Monteiro, dona Cida.

Igualmente agradeço a cada um dos colaboradores da pesquisa. Ao padre Giorgio Botta, atualmente ex-pároco do município de Manari, pela atenção, diálogo, apoio, sugestões, leitura do material escrito e boa vontade antes e durante o desenvolvimento da pesquisa. A dona Maria do Amparo, nora de Zé Pesqueira, guardiã de vasto acervo memorialístico e iconográfico, que foram essenciais para o andamento da pesquisa. A Norma Waleska, neta de Zé Pesqueira, pela paciência, atenção, prestatividade, ajuda, apoio, colaboração e elucidação de muitos fatos; antes, durante e depois da realização da entrevista. A Amélia Wanessa, neta de Zé Pesqueira, e Ricardo Malta, enquanto membros da Comissão Organizadora da Missa do Vaqueiro de Manari, pelo diálogo desprendido, por toda ajuda e colaboração com a pesquisa. A Denisson Lins, que prontamente nos atendeu e concedeu entrevista para ampliar e compreender os diversos campos da cultura vaqueira no município. A professora Júnia Valéria, que fez a articulação entre mim e seu sogro, o senhor João da Cruz, por todo apoio, antes, durante e depois da realização da entrevista. Externo aqui um agradecimento mais que especial, ao senhor João da Cruz, que por ser vaqueiro desde menino, foi de fundamental importância na compreensão do ser vaqueiro, no decorrer do tempo e na história.

Também quero agradecer a Família Monteiro Lima, que não mediu esforços em contribuir para a realização da pesquisa, por disponibilizar seu acervo fotográfico referente a Missa do Vaqueiro, para análise e uso na composição da escrita dissertativa. Ao fotógrafo George Pessoa, que gentilmente cedeu seus registros. A Família França de Oliveira, nas pessoas

de Tião de Beto, Selma, Raquel França e Geovana, que concederam acesso e uso de seu acervo fotográfico. A artista manariense, Clara Estela Malta, pela concessão e uso de suas obras xilogravadas que imageticamente conta a história da promessa. A Paulinha, secretária da Paróquia de São Sebastião, que gentilmente me atendeu e me concedeu cópias de documentos importantes da Igreja Matriz.

A Cícero do Sindicato e a Jailson do IPA, pela disponibilização de dados referentes a produção agrícola e pecuária do município de Manari. E também a Erivaldo pelo acesso aos dados sobre a criação de gado na região.

Agradeço aos professores do PPGH – Programa de Pós-graduação em História da UFAL, em especial aos professores das disciplinas obrigatórias e eletivas, que foram cursadas no primeiro ano do curso de mestrado, pela nobreza de ser professor de uma universidade pública em tempos sombrios como os que estamos vivenciando nos últimos anos. Pela qualidade pedagógica desempenhada e desenvolvida em sala de aula por cada um. Igualmente agradeço à coordenação e secretaria do PPGH. Agradecimento especial à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento que possibilitou o desenvolvimento da pesquisa, meu deslocamento entre Pernambuco e Alagoas, a participação em diversos eventos, em diferentes estados da Região Nordeste, bem como pela ajuda na aquisição de livros e outros instrumentos, que foram de fundamental importância durante o desenvolvimento da pesquisa, bem como na escrita dissertativa.

Quero externar meu agradecimento e gratidão à minha orientadora, a Professora Dra. Lídia Baumgarten, que me aceitou para ser seu orientando. Gratidão por toda a confiança depositada, por acreditar na minha proposta de projeto de pesquisa, pelas orientações, dicas, ensinamentos, sugestões, correções, paciência e zelo durante estes dois anos de mestrado. Por me direcionar em toda a trajetória da escrita dissertativa, tirando dúvidas, fazendo indicações de textos, livros, artigos ou outras fontes que foram fundamentais neste processo. Pela compreensão de minhas limitações enquanto pesquisador e estudante, minha eterna gratidão.

Aos colegas de turma, em especial a Ana Greice, que se tornou uma amiga de denotada importância na trajetória do curso, bem como depois dela. Agradeço pela troca de experiências, de histórias e pelo apoio em comum, pelo diálogo nas horas de confusão e dúvida – que não foram poucas – compartilhando dos mesmos anseios, insegurança e dificuldades. Sua amizade, carinho, admiração e respeito, tem se demonstrado importante na trajetória de minha nova formação acadêmica.

Externo meus sinceros agradecimentos aos professores que aceitaram convite para serem membros da banca de qualificação e defesa, a Professora Dra. Irinéia Maria Franco dos

Santos da UFAL e o Professor Dr. Cândido Moreira Rodrigues da UFMT, pelo cuidado e trato na leitura do material qualitativo, bem como pelas sugestões e orientações.

Ao professor que se tornou um grande amigo, doutor Ítalo Emanuel, pelas dicas, sugestões, ensinamentos, paciência e leitura da minha escrita dissertativa, meu muito obrigado por toda a contribuição na minha construção textual.

Por fim, quero agradecer a Universidade Federal de Alagoas – UFAL, por me abrir as portas para um curso de qualidade e gratuito. Por ter me possibilitado aperfeiçoar e ampliar o conhecimento. Reforço aqui, a necessidade de um engajamento para lutarmos por uma universidade pública, gratuita e de qualidade, para todos e todas, que desejam ingressar em curso de nível superior.

“Nosso vaqueiro é figura central, centrípeta e centrífuga a um só tempo, dessa expansão/ocupação e estruturação sociocultural realizada pela pecuária extensiva no ciclo do couro, que se inicia em meados do século XVI e vai até o início do século XX, quando aparece o arame farpado. É uma espécie de campeador de aparência medieval a encher o imaginário popular com sua riquíssima tradição oral: histórias de bois ideados e encantados, concepção de mundo, religiosidade, crença fatalista e redentorista, sincretismo e superstições. Esse percurso físico e também temporal exigiu dos vaqueiros a criação de saberes e fazeres, equipamentos, técnicas, procedimentos que possibilitaram o desbravar do meio inóspito das caatingas, matas, agrestes, cerrados, chapadas e planaltos e o estabelecimento de vida sociocultural no sertão em coexistência (quase sempre não pacífica) com os índios lá existentes. Fruto da miscigenação, o vaqueiro é índio, negro e branco”.

Washington Queiroz (2014).

RESUMO

A Missa do Vaqueiro é um fenômeno religioso, histórico e cultural recente na historicidade do município de Manari/PE, ainda pouco estudado e carente de fontes escritas. A presente pesquisa teve como objetivo analisar a importância histórica e cultural, bem como identificar as problemáticas e desdobramentos, a partir de narrativas orais de homens e mulheres, do campo e da cidade, que estão conectados com o ato religioso, com a cultura vaqueira, com a história e com a memória do lugar. Para localizarmos a pesquisa num tempo/espaço, um recorte temporal foi estabelecido entre os anos de 1986 e 2018. Como fontes históricas, foi empregado o uso de jornais do acervo digital da Hemeroteca da Biblioteca Nacional; imagens e fotografias de arquivos familiares e particulares. Utilizou-se a História Oral como recurso metodológico para analisar a narrativa das entrevistas. Foram previamente selecionados, sete colaboradores para o desenvolvimento da pesquisa, utilizando-se um roteiro de entrevistas, definido como semiestruturado. Como embasamento teórico, utilizamos as obras de autores como: Cunha (2016); Cascudo (2000); Albuquerque Jr. (2011); Meihy e Holanda (2010); Alberti (2013), Souza (2013), Halbwachs (2003); entre outros. Os resultados obtidos evidenciam que desde sua idealização, a Missa do Vaqueiro em Manari tem passado por intenso processo de ressignificação, além de contribuir para a permanência da cultura do vaqueiro e das relações do homem com o campo. É uma solenidade religiosa que está impregnada por interesses diversos e diferentes relações, sejam elas sociais e/ou de poder, assim como por relações políticas, além da relação ambígua e conflituosa entre o “sagrado” e o “profano” que extrapola o espaço de sociabilidade.

Palavras-Chave: Missa do Vaqueiro; Memória; Cultura; Ressignificação; Relações de poder.

ABSTRACT

The Cowboy Mass is a recent religious, historical and cultural phenomenon in the historicity of the municipality of Manari/PE, still little studied and lacking in written sources. This research aimed to analyze the historical and cultural importance, as well as to identify the problems and unfoldings, from oral narratives of men and women, from the countryside and the city, which are connected with the religious act, with cow girl culture, with history and with the memory of the place. To locate the research in a time/space, a time frame was established between 1986 and 2018. As historical sources, the use of newspapers from the digital collection of the Hemeroteca of the National Library was used; images and photographs from family and private archives. Oral History was used as a methodological resource to analyze the narrative of the interviews. Seven collaborators were previously selected for the development of the research, using an interview script, defined as semi-structured. As a theoretical basis, we used the works of authors such as: Cunha (2016); Cascudo (2000); Albuquerque Jr. (2011); Meihy and The Netherlands (2010); Alberti (2013), Souza (2013), Halbwachs (2003); among others. The results obtained show that since its idealization, the Cowboy Mass in Manari has undergone an intense process of resignification, besides contributing to the permanence of cowboy culture and man's relations with the countryside. It is a religious solemnity that is impregnated by diverse interests and different relationships, be they social and/or power, as well as by political relations, in addition to the ambiguous and conflicting relationship between the "sacred" and the "profane" that goes beyond the space of sociability.

Keywords: Cowboy Mass; Memory; Culture; Resignification; Power relations.

LISTA DE FIGURAS E IMAGENS

FIGURA 01: Compilação com títulos de matérias jornalísticas sobre a Missa do Vaqueiro de Serrita publicada em jornais do DF, RJ, PR e MT.....	25
IMAGEM 01: Cartaz de divulgação para Bolão de Vaquejada.....	57
IMAGEM 02: Cartaz de divulgação para Pega de boi no mato.....	61
IMAGEM 03: Cartaz de divulgação para Corrida de Argola.....	62
FIGURA 02: Primeira figura da série que retrata o imaginário em torno da promessa.....	76
FIGURA 03: Segunda figura da série que retrata o imaginário em torno da promessa.....	77
FIGURA 04: Terceira figura da série que retrata o imaginário em torno da promessa.....	78
FIGURA 05: Versos feitos para o ofertório da Missa do Vaqueiro de Manari – PE.....	99
IMAGEM 04: Adesivo de divulgação da 28ª edição da Missa do Vaqueiro de Manari.....	123
IMAGEM 05: Brasão/logomarca da Missa do Vaqueiro e da Noite dos Criadores de Manari.....	125

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 01: Vista aérea do traçado urbano do distrito sede. Manari – PE.....	39
FOTOGRAFIA 02: Vista aérea do traçado urbano do distrito sede. Manari – PE.....	41
FOTOGRAFIA 03: Zé Pesqueira e vaqueiros posam para fotografia em frente a Igreja Matriz.....	71
FOTOGRAFIA 04: Celebração da Missa do Vaqueiro na calçada da Igreja Matriz.....	83
FOTOGRAFIA 05: O sítio Velho Matias é transformado para recepcionar a chegada dos vaqueiros.....	90
FOTOGRAFIA 06: Procissão da Missa do Vaqueiro.....	96
FOTOGRAFIA 07: Vaqueiros acompanham a última Missa a ser celebrada na Praça Nossa Senhora da Conceição.....	111
FOTOGRAFIA 08: Vaqueiros acompanham a celebração da 23ª edição da Missa do Vaqueiro na atual Praça de Eventos, situada na Avenida JK.....	112
FOTOGRAFIA 09: Vaqueiros participam da 32ª edição da Missa realizada no Parque de Vaquejada Maria Chaveiro.....	116
FOTOGRAFIA 10: Vaqueiros, turistas e munícipes dividem o mesmo espaço da Praça de Eventos para acompanhar mais uma celebração da Missa do Vaqueiro.....	119
FOTOGRAFIA 11: Palco dos festejos “profanos” serve de altar para a Missa do Vaqueiro..	122
FOTOGRAFIA 12: Membros da Comissão Organizadora carregam a tradicional padiola com imagem de São Sebastião, durante a 26ª edição da Missa do Vaqueiro, realizada na Praça de Eventos.....	131
FOTOGRAFIA 13: Vaqueiros acompanham as homenagens e entrega de troféus na Praça de Eventos.....	135

LISTA DE MAPAS

MAPA 01: Identificação e localização das Festas de Gado no município de Manari – PE.....54

LISTA DE QUADROS E TABELAS

QUADRO 01: Total de matérias e notas sobre a Missa do Vaqueiro de Serrita, publicadas no jornal Diário de Pernambuco entre os anos de 1972 a 1983.....	32
TABELA 01: População Total, Rural/Urba - Município - Manari - PE.....	40
QUADRO 02: Listagem dos sítios pertencentes ao município de Manari – PE.....	42
QUADRO 03: Detalhamento da área plantada em Manari – PE.....	44
QUADRO 04: Índice pluviométrico mensal do município de Manari entre os anos de 2015 e 2018 em mm.....	45
QUADRO 05: Levantamento estimativo do rebanho animal do município de Manari - PE.....	47

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABVAQ – Associação Brasileira de Vaquejada
CB – Correio Braziliense
DN – Diário de Natal
DF – Distrito Federal
DP – Diário do Paraná
DP – Diário de Pernambuco
FJP – Fundação João Pinheiro
HBN – Hemeroteca da Biblioteca Nacional
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IPA – Instituto Agrônomo de Pernambuco
Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
JB – Jornal do Brasil
JD – Jornal do Dia
MDA – Ministério da Agricultura
MT – Mato Grosso
NE – Nordeste
PE – Pernambuco
PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PR – Paraná
RN – Rio Grande do Norte
RJ – Rio de Janeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	18
CAPÍTULO I	
1. OS CAMINHOS DA MISSA DO VAQUEIRO.....	23
1.1 De Serrita a Manari.....	24
1.2 O município de Manari: aspectos históricos, culturais e econômicos.....	35
1.3 O Vaqueiro: seu legado e suas manifestações culturais.....	49
1.3.1 A Vaquejada ou Corrida de Mourão.....	55
1.3.2 A Pega de Boi no Mato.....	58
1.3.3 A Corrida de Argola.....	61
1.3.4 A Missa do Vaqueiro.....	63
CAPÍTULO II	
2. A TRAJETÓRIA DA MISSA DO VAQUEIRO EM MANARI: HISTÓRIA, MEMÓRIA E CULTURA.....	67
2.1 Entre histórias, memórias e narrativas.....	68
2.2 Zé Pesqueira: o idealizador da Missa do Vaqueiro em Manari.....	71
2.3 A promessa.....	74
2.4 Meandros da trajetória histórica da Missa do Vaqueiro entre 1986 a 2018.....	79
CAPÍTULO III	
3. RELAÇÕES DE SOCIABILIDADE E DE PODER NO PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO DA MISSA DO VAQUEIRO.....	104
3.1 A Missa do Vaqueiro e suas interfaces: relações sociais e de poder.....	105
3.2 Entre o “sagrado” e o “profano”.....	117
3.3 Relações políticas e seus desdobramentos.....	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	136
REFERÊNCIAS.....	138
FONTES.....	145

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa procurou analisar a Missa do Vaqueiro enquanto principal ato religioso que se realiza no município de Manari – PE, e que se transformou em elemento cultural da região. O objeto desta pesquisa, tem sua trajetória histórica marcada por elementos festivos, que se distanciam em certa medida do campo sacralizado, assim como por elementos culturais herdados do processo de colonização transposto nos sertões do estado de Pernambuco e da cultura que foi sendo construída a partir de questões emblemáticas para a região, como por exemplo, a seca e seus efeitos; bem como, as dificuldades de sobrevivência no sertão nordestino, que exigiram formas de viver, de trabalhar, de se alimentar, e também de lazer, atrelada a valores e crenças em comum.

A Missa do Vaqueiro de Manari reúne elementos – como destacados no parágrafo anterior – que ao longo do tempo foram sendo ressignificados gradativamente, como acontece a partir de novas formas de vivências e transformações da sociedade e também dos desafios que vão sendo interpostos para o homem do sertão. O principal objetivo da pesquisa é evidenciar a importância histórica e cultural, bem como identificar as problemáticas e os desdobramentos, a partir de narrativas orais de homens e mulheres, do campo e da cidade, que estão conectados com o ato religioso, com a cultura vaqueira, com a historicidade e com a memória do lugar.

O município de Manari está situado na atual região geográfica imediata de Arcoverde, antiga microrregião denominada de sertão do Moxotó, dista 385 km Recife, capital do estado de Pernambuco. O clima que predomina é o Semiárido quente, a flora é dominada pela Caatinga hiperxófila. Conforme dados estatísticos do IBGE para 2018, o município tinha uma população estimada em 21.085 habitantes. Apresenta uma taxa de 78,9% de ruralização, sendo a quinta maior do estado, conforme dados do último censo demográfico de 2010.

Parto da hipótese de que a Missa do Vaqueiro contribui para a manutenção de vínculos culturais, que foram sendo ressignificados por uma parcela de homens e mulheres do campo (e também da cidade) – que se identificam com a cultura vaqueira – ao longo da trajetória histórica dessa região, tais como: a valorização dos costumes e da tradição e o sentimento de pertencimento da própria categoria/grupo de vaqueiros, que desponta como figura central desta região sertanista, tomando como embasamento da proposição dada por Meihy e Holanda (2018, p. 49) a respeito dos sujeitos de memória enquanto “documentação viva”, tendo esta concepção como “um alerta preparatório para a falibilidade das problemáticas ou hipóteses”, risco que o historiador que trabalha com História Oral pode correr.

Com a manutenção da Missa do Vaqueiro por mais de três décadas, é possível afirmar que as festas de gado ganharam mais espaço, notoriedade e passaram a movimentar uma pequena economia local, assim como a cultura de toda uma gente, que foi dando sentido novo às suas práticas e vivências no semiárido nordestino. Entretanto, não é possível afirmar que todos os participantes da festa, tanto os que moram na região quanto os que vêm de outras regiões compartilham do mesmo sentimento de valorização e pertencimento à cultura vaqueira, que se fortalece a cada edição da Missa do Vaqueiro, como veremos ao longo dos capítulos.

Para tanto, a pesquisa guiou-se entre a possibilidade de se confirmar ou não a hipótese destacada na página anterior, a partir da análise das entrevistas que foram realizadas, aliadas a vasto material jornalístico, que abarcaram durante anos a realização da Missa do Vaqueiro em Serrita, em território do Alto Sertão do estado de Pernambuco. A partir da primeira metade da década de 1970, a imprensa escrita, em diferentes Estados da federação, divulgou, promoveu, gerou crítica e divergências, como também fomentou investimentos públicos e contribuiu com a abertura de espaço para a cultura vaqueira.

Para uma melhor compreensão e análise do contexto histórico, fora estabelecido um recorte temporal, entre o ano de fundação, em 1986 e 2018, com a intencionalidade de verificar as mudanças, permanências, problemáticas e desdobramentos a respeito da trajetória do ato/evento religioso, enquanto produto da manifestação da cultura vaqueira e da religiosidade cristã. Durante o desenvolvimento da pesquisa de campo, assim como do processo de escrita, foi desafiador colocar em prática o distanciamento de minhas emoções, afastar-se do objeto pesquisado, daquilo que bem conheço e faz parte de minha vivência social, sobretudo, a partir da análise do material narrativo transcrito, das fontes jornalísticas, e também das fotografias e imagens, que emanaram ampla gama de inquietudes.

A metodologia aplicada/utilizada na pesquisa teve como base a História Oral, com a elaboração de um roteiro de entrevistas, questionários semiestruturados e registros de memória, conforme a definição dos entrevistados e a relação que tem ou tiveram com o objeto pretendido, abarcando direta ou indiretamente, as três instituições responsáveis pela realização, financiamento e celebração da Missa do Vaqueiro, que são: a Comissão Organizadora, a administração pública municipal e a Paróquia de São Sebastião. A História Oral permitiu analisar a construção da memória individual e coletiva de acordo com as narrativas apresentadas pelos entrevistados, que tornou possível a continuidade da pesquisa, bem como da escrita dissertativa. Um total de cinco entrevistas foram efetivamente concretizadas, gravadas e transcritas, abarcando as próprias experiências e os registros de memórias – individuais e coletivas – de sete sujeitos históricos. A seleção dos entrevistados se deu entre homens e

mulheres, com diferentes profissões e padrões sociais, ocupando diferentes espaços na sociedade, com faixa etária entre 35 e 80 anos e que têm ligações (in)diretas com o objeto pretendido.

Destaco aqui que o processo de seleção dos entrevistados que colaboraram com a pesquisa passou por algumas alterações, praticamente de última hora. Em cidades pequenas, como Manari, por exemplo, em que as forças políticas são mais proximais aos indivíduos, pode terminar por contribuir no momento de recusa, aceite e/ou desistência, mesmo sendo apresentado, explicado e garantido ao possível entrevistado o direito ao anonimato. Conforme assevera Alberti (2013, p. 41), “essas circunstâncias forçosamente alteram a listagem inicialmente elaborada” redirecionando assim, o planejamento previamente elaborado, exigindo nova reestruturação e reordenamento da programação preparada anteriormente.

Para as entrevistas que se realizaram, os entrevistados abriram mão do anonimato. Dentre os quais estão: a senhora Maria do Amparo Lima, a senhorita Norma Waleska Monteiro Lima, membros da Família Monteiro Lima, descendentes de Zé Pesqueira, idealizador da Missa do Vaqueiro, em entrevista realizada em junho de 2018; o pároco do município, padre Giorgio Botta, que concedeu a primeira entrevista da pesquisa, realizada em junho de 2018; o senhor João Francisco da Silva, conhecido pela alcunha de João da Cruz, um dos vaqueiros mais velhos do município de Manari, em entrevista realizada em setembro de 2018; o senhor Denisson Rodrigues D’Almeida Lins, proprietário de um parque de vaquejada nas cercanias da cidade, além de organizar um dos maiores grupos de vaqueiros camisa branca que participam da solenidade religiosa, em entrevista realizada em janeiro de 2019; a senhorita Amélia Wanessa Monteiro Lima e o senhor Ricardo Vieira Malta, membros da Comissão Organizadora da Missa do Vaqueiro, em entrevista realizada em março de 2019.

Entre os entrevistados se encontram religiosos católicos, padre, vaqueiro de profissão e/ou amador, agricultor(a) e/ou criador(a), professores, enfermeira, advogada, bancário, homem e mulher do campo e da cidade. As quase seis horas de gravações resultaram na transcrição de aproximadamente setenta páginas, que nos permitiu adentrar a história da Missa do Vaqueiro, e compreender o significado que deram a sua própria vivência. As entrevistas propiciaram uma aproximação aos bastidores, bem como as problemáticas e desdobramentos da solenidade religiosa. Ressalta-se a esse contexto, que algumas perguntas das entrevistas foram comuns a todos os entrevistados, além de perguntas mais direcionadas a vivência de cada um, e a participação no evento religioso.

A realização das entrevistas decorreu da proposição apresentada por Alberti (2013, p. 167): “escolher a primeira, ou as primeiras, pessoa(s) a ser(em) entrevistada(s). (...) dependerá

de algumas estratégias fixadas (...) para o início da pesquisa, em função de aspectos que variam conforme cada caso específico”. A autora sugere ainda que a escolha para a primeira entrevista sirva de eixo direcionador para as demais, e acrescenta que “pode recair sobre figuras de atuação destacada em relação ao tema, julgadas mais representativas e cujos depoimentos (sic) pareçam essenciais para a realização das demais entrevistas”. Tomando por base esse princípio, o início da pesquisa de campo, priorizou, também, os sujeitos com mais facilidade de acesso e disponibilidade.

Para embasamento teórico, a pesquisa tem como arcabouço vasto levantamento bibliográfico, abarcando conceitos que foram pertinentes ao objeto em estudo, como por exemplo, a História Oral a partir da concepção dada por Alberti (2004) e (2013), e também por Meihy e Holanda (2010), entre outros autores; o conceito de memória individual e coletiva presente em Halbwachs (2003) de lugares de memória em Nora (1993). A concepção de cultura é abordada a partir de Certeau (1998). A imagética do vaqueiro se deu a partir de obras de Cascudo (2000) e Cunha (2006) entre outros; a concepção de sertão e Nordeste tomadas de empréstimo em Ferraz e Barbosa (2015), Albuquerque Junior (2011) e (2014), entre outros; o conceito de poder, bem como suas relações e exercício, são analisados sob a ótica de Foucault (2019); a dicotomia “sagrado” e “profano”, a partir da concepção dada por Eliade (1992).

Os jornais e as fotografias, são fontes importantes para análise e compreensão da Missa do Vaqueiro e das questões simbólicas, emblemáticas e complexas dentro do recorte temporal estabelecido. As fontes jornalísticas consultadas, estão disponíveis para acesso no sítio eletrônico da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional, observadas a partir da abordagem apresentada por Capelato (2015). As fotografias expostas neste corpus dissertativo, fazem parte de acervos particulares, físicos e/ou virtuais, de pessoas ou famílias que têm ou tiveram relação direta com a Missa do Vaqueiro em Manari; inclusive dos entrevistados que gentilmente concederam acesso, autorizaram a reprodução e uso, e estão distribuídas no escopo dos três capítulos, analisadas a partir da concepção dada por Burke (2017) e Mauad (2004).

O primeiro capítulo intitulado – *Os caminhos da Missa do Vaqueiro* – trata de analisar e discutir as origens e o processo de expansão da Missa do Vaqueiro realizada no município de Serrita, ainda durante a primeira metade da década de 1970, até adentrar ao então distrito de Manari, local de desenvolvimento desta pesquisa. Neste capítulo, procuro caracterizar a região levando em conta seu contexto histórico, político, social e econômico, compreendendo dentro deste ambiente, a construção imagética em torno da figura do vaqueiro; suas práticas culturais, marcadas pelo campo religioso, bem como suas práticas esportivas, enraizadas secularmente nos sertões nordestinos e que foram sendo ressignificadas através dos tempos.

O segundo capítulo – *A Trajetória da Missa do Vaqueiro em Manari: História, Memória e Cultura* – aborda o uso da História Oral e da memória enquanto procedimento metodológico da pesquisa. Recurso que me possibilitou como pesquisador/historiador reconstruir a trajetória histórica por meio da memória dos entrevistados e de outras fontes, de um pouco mais de três décadas de realização da solenidade religiosa no município de Manari, conforme o recorte temporal estabelecido. Neste capítulo apresento o responsável por idealizar e organizar a Missa do Vaqueiro por muitos anos, Zé Pesqueira, vaqueiro, sertanejo, homem do campo, criador e agricultor. Ainda neste capítulo procuro apresentar elementos acerca da religiosidade, um deles é a novena realizada para os vaqueiros, criadores e agricultores, que igualmente acontece no mesmo dia, na Igreja Matriz.

No terceiro capítulo – *Relações de Sociabilidade e de Poder no Processo de Ressignificação da Missa do Vaqueiro* – procurei discorrer sobre questões mais complexas que foram surgindo ao longo da pesquisa e que envolvem diretamente a manutenção da promessa, a estrutura organizativa, e o financiamento da Missa do Vaqueiro, marcada por conflitos, divergências, contradições e diferentes interesses. Também procuro analisar as relações sociais, políticas e relações de poder que estão imbricadas na estrutura do evento como um todo, além de analisar a dicotomia entre o “sagrado” e o “profano” entre os sujeitos e instituições envolvidas na Missa do Vaqueiro.

Foi possível perceber, durante o desenvolvimento da pesquisa, sobretudo, a partir da análise das entrevistas, do material jornalístico consultado, da iconografia utilizada, bem como do aporte bibliográfico, que a Missa do Vaqueiro de Manari apresenta uma trajetória histórica permeada por polêmicas, conflitos internos, por influências políticas em suas estruturas e por densas relações de poder. Foi possível confirmar a hipótese de que a Missa do Vaqueiro tem contribuído para o fortalecimento da cultura vaqueira município de Manari, bem como para a manutenção de raízes históricas ressignificadas em permanente processo de continuidade e mudança, que se tornou um patrimônio de imensurável valor histórico, religioso e cultural.

CAPÍTULO I

1. OS CAMINHOS DA MISSA DO VAQUEIRO*

1.1 De Serrita a Manari

Para compreendermos como a Missa do Vaqueiro¹ adentrou em terras manarienses, se faz necessário percorrer os caminhos trilhados pelo ato religioso ainda em terras do Alto Sertão pernambucano, no município de Serrita, que fica localizado na antiga mesorregião do Sertão², atual região geográfica imediata de Salgueiro. É nacionalmente conhecida como a Capital do Vaqueiro e por ter uma das maiores manifestações da cultura vaqueira, que é a própria Missa do Vaqueiro, fundada em 1971 pelo Padre João Cância e o rei do baião, Luiz Gonzaga. Desde 2009, o ato religioso é considerado Patrimônio Cultural e Imaterial do Estado de Pernambuco, através da Lei Estadual nº 933/2009.

A Missa do Vaqueiro, não só a que se realiza no município de Serrita, é um ato religioso para os que comungam da fé católica e se identificam com a cultura do vaqueiro. Para os serritenses “A motivação central da reunião é a homenagem a Raimundo Jacó famoso vaqueiro, assassinado e transformado em símbolo de seus companheiros de profissão. Jacó era primo de Luiz Gonzaga, que anualmente comparece à missa” (Letícia Lins, *Jornal do Brasil – RJ – 01/08/1974*). Idealizada para homenagear um vaqueiro morto no campo de trabalho, a solenidade religiosa da aludida municipalidade, diferencia-se da que é realizada no município de Manari, que se celebra anualmente como pagamento de uma promessa feita por um vaqueiro durante um período de longa estiagem no sertão.

Adentrando ao cerne da solenidade religiosa e seu percurso, para este subitem, nos debruçaremos por páginas de jornais, sobretudo do *Diário de Pernambuco*³, por ser o maior

* O título deste capítulo, faz referência a um artigo publicado pela jornalista Helena Maria Ribeiro, para o jornal *Diário de Pernambuco*, datado de 15 de julho de 1976. Em seu texto, a jornalista apresenta um roteiro histórico que perpassa o litoral e adentra ao sertão; rota que se tornou turística no estado de Pernambuco. O material está acessível para consulta no site da Hemeroteca da Biblioteca Nacional em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_15&PagFis=13293&Pesq=Os%20caminhos%20da%20Missa%20do%20Vaqueiro> acesso em: 27/05/2018.

¹ “Vaqueiro, criador ou homem de fazenda, são títulos honoríficos entre eles”, pontua Abreu (1988) em sua obra *Capítulos de História Colonial*. Porém, durante o Brasil Colônia, a atividade vaqueira não era desempenhada exclusivamente por homens livres; é sabido que muitos negros escravizados também eram utilizados para exercer tal atividade.

² Em sua viagem incursiva pelos sertões do Brasil, para documentar a famigerada Guerra de Canudos, Cunha (2016, p. 80) o descreve da seguinte maneira: “e o sertão é um vale fértil. É um pomar vastíssimo, sem dono” que “ao sobrevir das chuvas, a terra, (...) transfigura-se em mutações fantásticas, contrastando com a desolação anterior. (...) A natureza compraz-se num jogo de antíteses”. O sertão postulado ao imaginário nacional como uma paisagem adversa e árida, é muito mais dinâmico e de variada interface física, ecológica, cultural, política e geográfica. Partindo do sertão, para sua abrangência dentro da divisão geográfica do Brasil, Albuquerque Jr. (2011, p. 47) aponta que “a seca, o cangaço, o messianismo, as lutas de parentela pelo controle dos Estados, são os temas que fundarão a própria ideia de Nordeste” ideia estereotipada de um ambiente imóvel, pautado por questões vistas como únicas e flagrantes deste imenso recorte regional do Brasil.

³ O jornal *Diário de Pernambuco*, é considerado o mais antigo periódico impresso em circulação em toda a América Latina. Sua fundação, na cidade de Recife, se deu nos idos de 1825. A 7 de novembro daquele ano, publicou em

veículo de comunicação escrita do estado, que noticiou e documentou durante muitos anos a Missa do Vaqueiro em Serrita. Ao analisar diversas matérias, artigos e notas jornalísticas do mencionado veículo e de jornais de outros estados, é possível perceber o tom ostentoso que foi dado e propagado pela imprensa escrita, quando se tratava da divulgação do aludido ato religioso, e que se deu com maior intensidade entre os anos de 1972 a 1983. Geralmente com títulos bastante chamativos – como podemos observar na FIGURA 01 – a imprensa procurava exaltar os feitos da solenidade religiosa que se realizava em pleno sertão pernambucano, em meio a caatinga, enquanto a região era praticamente desconhecida ou ignorada por estes mesmos jornalistas. Também é possível perceber a escala ascendente tomada a partir da divulgação destas matérias, assim como pela importância denotada no cenário nacional do cantor Luiz Gonzaga, enquanto membro fundador e por sua ligação com o contexto histórico, político, social e econômico da região.

FIGURA 01: Compilação com títulos de matérias jornalísticas sobre a Missa do Vaqueiro de Serrita publicada em jornais do DF, RJ, PR e MT.



Fonte: Compilação feita pelo autor, 2019.

Nota-se que toda a expansão, alcance e popularização adquiridos, foram inicialmente impensados por seus fundadores. Porém, com todo o dinamismo que se criou, facilitado pela

quatro páginas, sua primeira versão impressa. Em suas primeiras linhas dirigia-se ao público alvo, com os seguintes dizeres: “Faltando nesta cidade assaz populosa um Diário de Anúncios, por meio do qual se facilitassem as transações, e se comunicassem ao público notícias, (sic) que a cada um em particular podem interessar”. Este vastíssimo e igualmente rico acervo, encontra-se disponível para consultas, online, no sítio eletrônico da HBN.

imprensa, pela influência de Luiz Gonzaga, assim como pelo governo de Pernambuco – que também estava interessado na promoção do evento como um todo – através da Secretaria de Turismo, atuou ativamente na promoção e divulgação propagandística, e toda uma logística fora alçada através de investimentos públicos, com aporte técnico da Empetur⁴, determinando a possibilidade do romper de tantas fronteiras, não somente dentro do próprio estado, mas abrangendo de norte a sul do Brasil, levando para diferentes partes do país e até mesmo para o exterior uma nova configuração do tradicional rito católico romano, que além da finalidade pastoral, prima pela valorização da trajetória histórica do homem sertanejo e campestre.

A FIGURA 01, como citado no parágrafo anterior, procura evidenciar o alcance obtido pela Missa do Vaqueiro de Serrita. Diversos recortes com títulos de matérias jornalísticas que foram publicadas em diferentes estados, de três regiões geográficas do Brasil, demonstram que o alcance obtido pela aludida solenidade religiosa não se resumiu ao recorte territorial e geográfico da própria região Nordeste. Seria divulgada e noticiada através da imprensa escrita, nas regiões centro-oeste, sudeste e também na região sul. Atuando em conjunto, imprensa e governo do estado, dão suporte para que Pernambuco entre no circuito dos grandes eventos culturais do país, durante a Ditadura Militar.

A esse contexto, é importante frisar, que a “aceitação” das missas de categorias, como a do objeto desta pesquisa, por exemplo, assim como seu consequente estabelecimento e romper de fronteiras, insere-se dentro de um novo contexto religioso experienciado no seio da Igreja Católica, sobretudo na América Latina, a partir da segunda metade do século XX com a Teologia da Libertação, que nas palavras de Löwy (2000, p. 56) “é, ao mesmo tempo, reflexo de uma *práxis* anterior e uma reflexão sobre essa *práxis*” e que tomou forma, conteúdo e ação, após a realização do Concílio Vaticano II, que teve como propositura, a aplicação das renovações litúrgicas e uma maior abertura do meio eclesial ou absorção deste às mudanças que estavam acontecendo na sociedade contemporânea como um todo.

Conforme Passos (2014, p. 7) “A Igreja católica se orientou historicamente pelos Concílios como um recurso extraordinário para estabelecer consensos de fé na comunidade, quando ela se via sob o risco de dissensos internos e de ameaças externas”. Nesse contexto, é pertinente destacar, que a busca por uma aproximação do clero católico com a realidade social – pobreza, alta miserabilidade, altos índices de violência – a que estava imersa a maioria da população desta porção do continente americano, também é carregada de intencionalidades,

⁴ Empetur é a Empresa Pernambucana de Turismo, fundada na administração do governador Nilo Coelho, em dezembro de 1967. A estatal é hoje, responsável pelo financiamento e gestão dos grandes eventos públicos que acontecem dentro do estado.

como por exemplo, conter a secularização dos países latinos, que conforme Berger (2000, p. 10) “a modernização leva necessariamente a um declínio da religião, tanto na sociedade como na mentalidade das pessoas”, e da mesma forma refrear o claro e forte crescimento de diferentes denominações religiosas, que estavam minando o número de cristãos católicos, fazendo com que o catolicismo começasse a perder espaço, diminuir sua influência e conseqüentemente, seu poder na região. Contudo, a Igreja Católica não hesitaria em manter-se hegemônica como há séculos tem sido, mesmo que para isso fosse preciso (de)mover de si estruturas secularmente consolidadas e/ou forças mais conservadoras, entretanto, sem abandoná-las de fato, e assim, ‘abrir-se’ para as mudanças que o transcorrer do século XX traria.

Além da propositura emanada pelo contexto religioso, que exige uma gama de interpretações, para compreendermos a Missa do Vaqueiro enquanto elemento das novas práticas culturais, se faz igualmente necessário, analisarmos a localização em que está inserido o objeto pretendido nesta pesquisa, visto que o sertão de PE é uma mesorregião⁵ geográfica de grandes proporções; uma faixa territorial composta por diferentes culturas que foram sendo moldadas com o passar dos tempos, baseada em vivências de diferentes povos que aqui se encontraram muito antes do processo explorador iniciado pelos portugueses, durante e após este período.

Dentro das paragens sertanistas do NE, homens e mulheres se adaptam há séculos às adversidades que as condições climáticas oferecem, principalmente ao que Cunha (2016, p. 48) condicionou chamar de “ciclos adurentes das secas” sendo esta uma das primeiras referências a serem lembradas quando se aborda sobre a região. A condicionalidade climática a que se refere o autor faz com que a região NE como um todo, historicamente esteja rotulada por frases e informações estereotipadas. Tal fato não deveria caracterizar, tampouco ser a principal referência que se deve ter sobre esta macrorregião geográfica do território brasileiro, apesar de trazer em si marcas da dureza das intempéries climáticas. No entanto, o objeto de pesquisa inscreve-se dentro deste roteiro histórico, que é tipicamente nordestino, em uma região que se confunde com a própria ideia de Nordeste, que é o sertão, tendo como personagem, um sujeito igualmente histórico, o vaqueiro sertanejo.

⁵ A Mesorregião do Sertão de PE, é a antiga denominação criada para o quadro de divisões geográficas do IBGE, no final da década de 1980, que vigorou até 2017, quando um novo quadro foi elaborado para dinamizar planejamentos e estimativas do órgão. Diante desta nova reorganização, as divisões geográficas regionais passaram a se chamar de Regiões Geográficas Intermediárias e Imediatas. Para consulta, o material está disponível em: https://www.ibge.gov.br/apps/regioes_geograficas/. Segundo dados do mesmo órgão, o estado de Pernambuco, antes da nova atualização entrar em vigor, era dividido em cinco mesorregiões e dezenove microrregiões. A macrorregião a que se refere o autor citado, abarca toda a vasta região historicamente conhecida como Sertão, que se define pela presença de traços e marcos culturais comuns entre os povos, bem como dos aspectos econômicos, sociais, físicos e geográficos.

Conforme assevera Pericás:

(...) muitos autores tentaram entender o Sertão (...) enfatizando em excesso alguns de seus aspectos físicos, como as características físicas do homem da região, suas manifestações psicológicas, sua tessitura emocional ou a influência do espaço geográfico e climatológico local. Essa hipertrofização de certas facetas produziu, por vezes, interpretações incompletas que reforçavam os mesmos clichês sobre uma sociedade que, como qualquer outra, sempre apresentou uma variada gama de experiências, padrões e valores culturais. Por isso, essa macrorregião não pode ser vista num flagrante único e estanque, com uma paisagem relativamente homogeneizada, mas sim interpretada como um ambiente muito mais dinâmico do que se pensa, com uma série de características, por vezes desprezadas pelos estudiosos, que vão do conservadorismo cultural latente até as renovações, adaptações e incorporações, tanto em termos materiais como nas formas de convivência social (PERICÁS, 2010 p. 19).

O sertão, como sugere o autor supracitado, precisa ser encarado e visto como uma região plural, espaço de sociabilidade entre diferentes elementos que deram as características que moldaram seu território. Mas, para que de fato isso aconteça, precisa-se romper com velhos estereótipos construídos dentro de cada homem e mulher nordestino; um rótulo não apenas impregnado aos aspectos físicos, políticos ou geográficos, mas que está, também, internalizado nas pessoas que habitam a região.

Albuquerque Jr. (2011, p. 31) é bastante enfático ao apontar que “nós, os nordestinos costumamos nos colocar como os constantemente derrotados, como o outro lado do poder do Sul, que nos oprime, discrimina e explora”. Enquanto o próprio nordestino estiver preso a esses estigmas sociais, postulados nos mais diversos veículos de comunicação; seja por meio do rádio, da imprensa televisiva, impressa e/ou também da literatura, jamais será possível “fazer com que este espaço cristalizado, estremeça, rache, mostrando a mobilidade de seu solo, (...) que deixam vir à tona, (...) novos elementos, novos magmas que se cristalizam e dão origem a novos territórios” (ibidem, p. 36). É dentro deste espaço plural, que se percorre o caminho entre Serrita e Manari – campo do objeto desta pesquisa – dois municípios com características territoriais, geográficas e culturais bastante próximas e parecidas entre si. Que se interligam através de uma história de fé, a partir da criação da Missa do Vaqueiro. Esta conexão se dá entre histórias que se inscreveram a partir do Alto Sertão do estado de Pernambuco e fizeram de Serrita, polo irradiador de um novo elemento cultural genuinamente nordestino, e que se tornou uma das maiores manifestações de fé do homem sertanejo e campesino.

Nestes quarenta e sete anos de realização, muito já se foi escrito sobre a Missa do Vaqueiro em Serrita, tornando-a uma temática extensamente discutida e analisada por diversos autores, não somente pela ótica da fé. Músicas, poemas, versos, cordéis, livros, revistas, jornais,

estudos acadêmicos, peças de teatro, filmes, documentários, e também matérias jornalísticas, que retratam, pesquisam e procuram entender o fenômeno social que se estabeleceu a partir da ascensão da solenidade religiosa em questão, assim como os seus mais variados elementos constitutivos.

Tomando como base a propositura deste subitem em destacar o dinamismo de informações sobre o objeto exposto, a partir dos jornais, e conforme é possível observar na FIGURA 01, anteriormente posta, e em consonância com os fragmentos textuais expostos a seguir e que foram extraídos das matérias recortadas, mostram como em diferentes regiões do país, ainda se reforçam velhos estereótipos sobre o sertão nordestino, sua cultura e sua gente. Não se levando em conta todo o dinamismo e pluralidade que é uma das marcas mais características do Brasil. Apesar de serem matérias escritas durante a Ditadura Militar, um dos períodos mais perversos de nossa história, esta é uma visão comumente reproduzida nos mais variados veículos de comunicação, que não levam em conta o outro lado dessa realidade vivida, experienciada; da mesma forma é deixada de lado as relações que são tecidas em seu foro mais reservado; projetando-se uma imagem colonial em um homem contemporâneo, já ressignificado, apesar das heranças culturais que continuam a reproduzir.

“A Secretaria do Governo do Estado e a EMPETUR estão providenciando cartazes para serem fixados nas agências bancárias, casas comerciais, restaurantes e outros locais mais frequentados, no Recife e em várias outras cidades do Brasil, mostrando como chegar ao local da Missa do Vaqueiro em Pernambuco e todas as facilidades que são oferecidas para a participação da solenidade” (CB – DF – 14/07/1974).

“Quinze mil pessoas de todas as classes sociais assistiram ao Governador Eraldo Leite descerrar a placa próxima ao altar de onde o Padre Cântio celebrou a IV Missa do Vaqueiro. Com este ato, deu-se por inaugurado o Parque Estadual do Vaqueiro, nas Lages, município de Serrita. ‘Deixo o governo, mas não deixo o Nordeste’ disse na ocasião o Governador. E acrescentou: ‘Deixo também, nas mãos do meu sucessor, Ministro Moura Cavalcanti, aqui presente, a missão de continuar ajudando o vaqueiro, este homem forte’” (CB – DF – 16/08/1974).

“Celebrada há quatro anos, sempre no terceiro domingo de julho, em Serrita, alto sertão pernambucano, a Missa do Vaqueiro já se tornou um acontecimento tão importante no calendário de Pernambuco quando o Drama da Paixão, encenado anualmente em Nova Jerusalém. Milhares de pessoas comparecem à cerimônia, idealizada em moldes regionais pelo Padre João Cântio, que aí substitui os paramentos clássicos por uma roupa de couro. E com seus trajes típicos comparecem também os vaqueiros da região, que no Ofertório depositam no altar peças de sua indumentária ou utensílios de trabalho: perneiras, chapéus, gibões, mochilas” (Leticia Lins, Jornal do Brasil – RJ – 01/08/1974).

Este ano, o número de vaqueiros que vão participar, vestidos a caráter, será superior aos anos anteriores (...). Todos eles trazem mensagens de fé e solidariedade através de cantigas de exaltação, repentes, aboios, chocalhos e oferendas. A comunhão da

solidariedade é feita com comidas típicas da Região (farinha, rapadura, carne seca, queijo e vinho), e este ano, será ainda mais bonita com os arranjos de Luiz Gonzaga e do Quinteto. A Empresa de Turismo de Pernambuco, está promovendo, mais do que nos outros anos, uma divulgação maciça, em todo o país, através da distribuição de folders, cartazes e matérias para a imprensa, além de trazer importantes personagens do mundo turístico para conhecer, “in loco”, o espetáculo (Helena Maria Ribeiro, Diário de Pernambuco – PE – Segundo Caderno, p. 15 – 15/07/1976).

“A obra de Janduhy Finizola é inspirada num famoso ritual católico que no terceiro domingo de julho reúne anualmente no povoado Lages, em Pernambuco, uma multidão de vaqueiros vindos de todos os cantos do Nordeste para rezar pelo seu legendário líder Raimundo Jacó, primo de Luiz Gonzaga, morto à traição numa emboscada em 1954. Rezas de Sol para a Missa do Vaqueiro é transcrição textual dessa missa rezada pelo Padre João Cânciao, e assistida pelos vaqueiros montados em seus cavalos. Segundo a Funarte, “é uma missa católica com todos os seus rituais, mas que, durante o seu transcorrer, traz à tona todo o drama e o sofrimento do povo nordestino, o duro dia-a-dia dos homens dos sertões e das secas caatingas” (Yan Michalski, Jornal do Brasil – RJ – 09/06/1978).

“Anualmente, no terceiro domingo do mês de julho, o alto sertão de Pernambuco reveste-se de um colorido mais intenso e a missa, por si só, vem se transformando a cada ano numa atração turística quase comparável ao Drama da Paixão de Cristo da Nova Jerusalém. A Empresa de Turismo de Pernambuco tem se empenhado em coordenar e promover o evento, permitindo, no entanto, que a programação fique por conta do padre local e dos vaqueiros, para que não seja deturpada do seu sentido mais genuíno” (DP – PR – 14/07/1978).

“A verdade é que a homenagem se transformou em uma grande festa para todos os vaqueiros nordestinos, que seguem de todos os estados próximos a Pernambuco até Serrita, levando suas características, roupas típicas, seus hábitos regionais para o imenso espaço do sertão transformado em altar. Eles chegam com palavras cheias de versos, onde o sabor das aventuras continua vivo e a realidade sertaneja ainda é a lei. São boiadeiros de perdidas caatingas, de gestos rudes e coração puro” (Dayse Regina Ferreira, Diário do Paraná – PR – 15/07/1982).

“Turistas procedentes de diversos estados brasileiros e de alguns países europeus estão sendo esperados em Pernambuco, neste mês de julho, pela Secretaria de Turismo, para assistirem a um dos mais significativos eventos da região: a missa do vaqueiro. Promovida pela Empetur, numa homenagem ao típico vaqueiro do sertão nordestino, ela é um misto de celebração religiosa e festa popular, realizada no município de Serrita, extremo oeste pernambucano” (JD – MT – 03/07/1984).

“Hoje é o dia em que vai ser realizado no município de Serrita, (...) uma das manifestações mais ricas em sentido de originalidade do Brasil. Trata-se da Missa do Vaqueiro que reunirá centenas de vaqueiros e turistas. É o segundo maior evento cultural do Estado de Pernambuco depois do drama da Paixão de Cristo, em Fazenda Nova” (JD – MT – 21/07/1985).

Postos cronologicamente, os fragmentos textuais, trazem em suas linhas, fatos e acontecimentos que marcam a própria trajetória histórica da aludida solenidade religiosa, são pontos relevantes, que denotam, por exemplo: o financiamento através da EMPETUR; a quantidade de público presente; as figuras políticas; obra com dupla finalidade; denota-se com

mais ênfase o caráter turístico a que fora alçada, passando a ser vista como “um dos acontecimentos mais importantes do calendário turístico” do estado de Pernambuco; bem como alguns aspectos mais direcionados aos acontecimentos do ato religioso, como o ofertório, por exemplo. O que podemos tirar da análise das matérias jornalísticas em seu teor, além das questões pontuadas acima, demonstram o caráter exótico que a cultura não elitizada exerce na sociedade brasileira. São tratadas como a cultura do outro, que gera perplexidade e curiosidade em um primeiro olhar. A ideia de um sertão contemporâneo, de um Nordeste multicultural, parece causar determinada estranheza, conforme defende Albuquerque Jr (2014, p. 43) ao destacar que essa desconstrução da imagem e da ideia de imobilidade da região “É um gesto político da maior importância. É romper com as imagens e enunciados estereotipados, rotineiros, naturalizados, repetitivos, clichês sobre o sertão, a começar por enunciar a sua pluralidade interna”. Dessa feita, não se isenta aqui, o papel e a relevância histórica que a imprensa⁶ desempenhou nos anos áureos da Missa do Vaqueiro de Serrita. Do contrário, denotam o quão fundamental foi neste processo.

A esse contexto, não se pode deixar de enfatizar, o quanto esta mesma imprensa jornalística atua na naturalização de conceitos, rótulos e estereótipos que reforçam uma imagem não condizente com a região. “O jornal, como afirmou Wilhelm Bauer, é uma verdadeira mina de conhecimento: fonte de sua própria história e das situações mais diversas, e meio de expressão de ideias e depósito de cultura” (CAPELATO, 2015, p. 115). De fato, é inegável o seu poder de influência na sociedade, assim como a sua vital função social para a existência de um ambiente democrático. Porém, não deve ser utilizada enquanto mera fonte de informação sobre dado acontecimento histórico. Para isso, o pesquisador, que se utiliza de tais materiais como fonte de pesquisa, compete examinar com acuidade o que se encaixa na pertinência de seu objeto de estudo, analisando-o, confrontando-o.

O papel da imprensa escrita, assim como o da mídia televisiva e radiofônica para o sucesso da Missa do Vaqueiro de Serrita é notório, este cenário de divulgação e propagandístico, que se construiu não somente dentro do estado de Pernambuco, alçou a solenidade religiosa para além do alto sertão pernambucano. O QUADRO 01, na página

⁶ Para uma maior exploração e aprofundamento sobre o papel da imprensa na História e o uso desta como fonte histórica, são imprescindíveis as leituras de: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (ORG). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. CAPELATO, Maria Helena. **História do tempo presente: A grande imprensa como fonte e objeto de estudo**. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.). **História do tempo presente**. Rio de Janeiro: FGV, 2014. Um contexto atualizado que permite ao pesquisador, encontrar-se ou guiar-se pelas veredas quase irresistíveis das páginas dos jornais, onde “não se podem negar a sua importância e o seu poder, razão pela qual ela se configura como fonte e objeto valioso para o historiador” (CAPELATO, 2015, p. 121).

seguinte, traz um levantamento quantitativo de publicações referentes ao tema, através das páginas do Diário de Pernambuco, por sua atuação na divulgação e promoção da solenidade religiosa. Durante a consulta do acervo jornalístico, foi constatado um engajamento de divulgação que se dá, sobretudo, entre os anos de 1972 até 1983. No transcorrer deste período, contabilizou-se 140 (cento e quarenta) publicações, entre matérias, algumas de páginas inteiras, e também de pequenas notas. A divulgação deste material, centrava-se, principalmente, entre os meses de abril, maio e junho, que antecedem a realização do ato religioso, que adotou como data de celebração todo terceiro domingo de julho.

QUADRO 01: Total de matérias e notas sobre a Missa do Vaqueiro de Serrita, publicadas no jornal Diário de Pernambuco entre os anos de 1972 a 1983.

Ano	Qtd	Ano	Qtd	Ano	Qtd	Ano	Qtd
1972	04	1975	12	1978	06	1981	12
1973	13	1976	21	1979	11	1982	15
1974	22	1977	09	1980	07	1983	08

Fonte: Levantamento feito pelo autor, 2019.

No QUADRO 01, podemos observar que as páginas do Diário de Pernambuco apresentaram um maior fluxo de publicação durante os anos de 1974 e 1976. Uma ampla maioria deste material, estavam voltados para os interesses turísticos que o governo do estado em parceria com a prefeitura de Serrita desenharam para contemplar a aludida municipalidade no intuito de atrair um número cada vez maior de turistas durante o mês de julho. Desde obras de infraestrutura, com melhorias das estradas vicinais que ligavam a cidade ao local de celebração da solenidade religiosa, bem como a construção de um campo de pouso para aeronaves de pequeno e médio portes; além dessas questões, que estiveram além do campo político e financeiro, a Missa do Vaqueiro terminou por contribuir para o fortalecimento da economia local e para a melhoria da infraestrutura urbana, como a instalação de energia elétrica, por exemplo. As melhorias proporcionadas, assim como a promoção e divulgação feitas, não somente através das páginas de jornais impressos, acabou contribuindo para que o ato religioso, começasse a conhecer o outro lado das benesses políticas: os fins eleitoreiros. Em pouco tempo, apareceram as primeiras críticas e dissensos, advindo tanto pela ótica da fé, quanto pelo apelo turístico que acabou tomando.

Luiz Delgado, em artigo de opinião, destaca:

“Uns dois anos atrás, assisti na televisão, interessadamente, uma reportagem sobre a tal missa. Observei que, depois da comunhão verdadeira (não sei se precedida de qualquer confissão e não digo comunitária pois não há isso), o padre oficiante

convocava a uma segunda comunhão, sociológica segundo as suas palavras, se bem me lembro: metia-se um piquenique na cerimônia sagrada e aí apareciam carne, queijo e rapadura. (...) Em que estarão pensando as entidades turísticas quando se dispõem a favorecer tais coisas? Só uma desculpa lhes resta: a de que as autoridades religiosas que seriam competentes, não somente não as advertem de nada, como deixam esse padre de cujas intenções ou de cujo preparo Deus me livre de ser juiz, fazer o que bem (ou mal...) entende com o memorial do Sacrifício redentor” (LUIZ DELGADO, DP – PE, Opinião, Primeiro Caderno, p. 4, 20/08/1974).

Turismo e fé andaram lado a lado com a proporção tomada pela solenidade religiosa realizada no município de Serrita. Se por um lado, a aproximação da instituição católica na vida dos seus fieis representou os avanços do Concílio Vaticano II, bem como da Teologia da Libertação em curso no Brasil, do outro lado, há um levante radical do conservadorismo latente na sociedade, seja ele advindo de dentro do próprio corpo clerical, seja da sociedade civil católica mais fervorosa, como podemos observar na citação do escritor e jornalista Luiz Delgado, extraída do Diário de Pernambuco, citada na página anterior. A estranheza, a realidade conflitante bradadamente visível nas palavras do jornalista, denotam o comportamento religioso arcaico que muitos católicos adotam como postura de fé. A opinião expressada, não é tão somente do escrevente, mas de um corpo social que detém poder de influência e que se sente incomodada com a postura adotada pelo padre João Câncio na concepção da Missa do Vaqueiro, ao ponto de ser questionada e colocada em dúvida sua formação e vocação sacerdotal.

“Uma festa sertaneja jamais reuniu tantas personalidades quanto a famosa Missa do Vaqueiro celebrada, ontem, no Sítio das Lages, neste município. Vaqueiros, agricultores e fazendeiros de várias localidades dos sertões pernambucanos acorreram a este município, a fim de assistir a um espetáculo religioso que já se incorporou ao roteiro turístico do Estado. O governador Eraldo Gueiros, à frente de uma numerosa delegação, prestigiou o acontecimento. O futuro chefe do executivo estadual, ex-ministro Moura Cavalcanti, também esteve presente e, inclusive, filmou partes da festa com uma câmera de 16mm. Senadores, secretários de Estado, deputados, prefeitos, vereadores, juizes, promotores, professores universitários e estudantes assistiram à Missa, oficiada pelo padre Câncio, seu idealizador. Além de se constituir ato de fé religiosa, a missa do Vaqueiro se transformou numa grande atração turística, acreditando-se que mais de 15 mil pessoas presenciaram, este ano, o ofício litúrgico. O cantor Luís Gonzaga se exibiu durante a festa, interpretando algumas de suas composições” (DP – PE, Capa, p. 1, 22/07/1974).

Enquanto o corpo mais conservador do próprio seio católico se debela, na outra ponta da dualidade turismo e fé, se divulgam nos mais variados meios de comunicação os ‘sucessos’ obtidos em mais uma edição do ato religioso. Aproveitando do alcance e proporção adquiridos, políticos municiam suas campanhas políticas em aparições públicas, fortalecem seus ‘currais eleitorais’ e garantem a manutenção de suas carreiras de estado. É possível notar, analisando as demais matérias veiculadas, que não há uma preocupação advinda do governo do estado, com

a manutenção da finalidade pastoral da solenidade religiosa, mesmo com o aumento significativo de turistas, bem como com a incursão de agentes públicos e autoridades políticas no evento como um todo.

Em matéria para o Diário de Pernambuco, em julho de 1973, o correspondente Reinaldo Belo, de Petrolina, destaca em sua coluna, que com a ampliação propagandística e turística do evento: “O público aumentará e, talvez, o padre Câncio tenha dificuldades de cumprir a sua missão” (DP-PE, Primeiro Caderno, p. 8, 07/07/1973). Ao passo que o jornalista J. R. Tinhorão, para o Jornal do Brasil, impresso do Rio de Janeiro, relata em setembro de 1976, que a Missa do Vaqueiro foi realizada com uma “invasão dos turistas no Parque Estadual do Vaqueiro no Sítio Lages” (JB - RJ, Caderno B, p. 02, 02/09/1976). Com o auxílio do aparato estadual, o município de Serrita viu, a cada ano, o crescente número de turistas que rumavam ao alto sertão pernambucano, para assistir a Missa do Vaqueiro e participar dos dias festivos que a antecedia. Além disso, o governo estadual, se aproveitara de toda a promoção em torno do ato religioso, para a divulgação das demais atrações turísticas, por estratégia do próprio aparato, assim como da produção artesanal, que poderia ser visitada, conhecida e comercializada durante o percurso que ligava Recife à Serrita.

Tornada conhecida em todo o território nacional, a Missa do Vaqueiro no município serritense, também terminou por contribuir para o fortalecimento do turismo pelo interior do estado de Pernambuco, trazendo visibilidade para a cultura do vaqueiro e denunciando as dificuldades vividas pelos munícipes daquela região durante os anos 1970. Além desses fatores, a proporção tomada, facilitada pelas mudanças internas da própria Igreja Católica pós-Vaticano II, assim como através da mídia impressa, radiofônica ou televisa, acabou influenciando na concepção de outras missas, como a que se realiza em Manari desde 1986, por exemplo, que se baseia notadamente nos moldes que o Padre João Câncio se utilizou para dar o tom e as características que tem uma missa para vaqueiros, apesar das críticas fervorosas de membros mais conversadores do clero romano.

Desde então, com a consolidação estabelecida já mesmo na primeira metade da década de 1970, não seria possível precisar, atualmente, quantas solenidades religiosas com este mesmo modelo estão sendo realizadas dentro do estado de Pernambuco. Espalharam-se desde cidades de médio porte, até o mais pequeno arruado; bem como por comunidades do espaço rural, distantes dos centros urbanos. Um dado observável é que no sertão, não apenas no sertão pernambucano, raros são os municípios que não homenageiam a figura do vaqueiro com um evento religioso. Seja como pagamento de uma promessa, a exemplo de Manari, ou para

reverenciar a memória de um vaqueiro morto, a exemplo de Serrita. Transformada em cultura⁷ durante o transcorrer dos anos, a Missa do Vaqueiro atuaria no reforço do processo de identidade do homem sertanejo, mesmo com toda uma estereotipia agregada; é também uma associação de fé com a sua realidade vivida e experienciada no tempo presente, gestada a partir das transformações litúrgicas ocorridas no seio do catolicismo a partir da segunda metade do século XX.

Com toda a promoção e divulgação, o alcance obtido ainda durante os primeiros anos da década de 1970, difundiu-se até adentrar ao sertão do Moxotó e ao conhecimento dos moradores de Manari, que na década seguinte também idealizaria uma missa para os vaqueiros, só que, além destes, incluíram os agricultores e também os criadores da região. A atual municipalidade, era na década de 1980, um pequeno distrito pertencente ao município de Inajá, também no sertão do Moxotó. Aproximadamente 340 km distanciam Manari e Serrita. Apesar da distância, a identificação com o ato religioso gestado em terras serritenses, aproximou duas realidades territoriais, culturais e geográficas quase equânimes. Fortemente identificado com a cultura rural e com a criação do gado bovino, este recorte territorial do sertão pernambucano, local de desenvolvimento da pesquisa de campo, tem em sua história, marcas e heranças comuns da ocupação sertanista, como trataremos no subitem a seguir.

1.2 O município de Manari: aspectos históricos, culturais e econômicos

A trajetória histórica do atual município de Manari⁸ é marcada por heranças comuns às ocupações sertanistas no interior do estado de Pernambuco. Entre estes legados, estão a presença da figura do vaqueiro e toda a sua construção sociocultural. Para adentrarmos a estas questões históricas, se fez necessário um levantamento sobre as origens do processo de povoação e ocupação definitiva do território manariense. Recentemente foram descobertas duas

⁷ Para a escrita dissertativa, optou-se por não abordar o objeto de pesquisa, que é a Missa do Vaqueiro, dentro da aplicabilidade do termo popular, enquanto adjetivo atrelado ao substantivo cultura. Burke (2010, p. 10) chama a atenção sobre o uso do termo Cultura Popular, ao destacar que “existem problemas recorrentes que precisam ser discutidos a um nível mais geral do que o da região – problemas de definição, explicação de transformações e, o mais evidente, a importância e os limites da própria variação regional”. Fruto de oposição à cultura clássica e elitista, a propalada cultura popular forjada no velho continente, precisa ser pensado como um termo superado; e o adjetivo, atrelado à cultura deixado para trás, visto que a ideia de uma cultura do povo, forjada como um momento de ‘cisão’ entre sociedades, numa dualidade conflitante que se coaduna nos limites urbanos, como extremos e opostos que se atraem. Folclorizada, a cultura popular, deve ser entendida e encarada como pertencente a um tempo e espaço geográfico já posto e ultrapassado. Para maiores aprofundamentos sobre essas questões, é fundamental a leitura da obra de: Certeau, Michel de. **A cultura no plural**. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. – 7ª ed. – Campinas, SP: Papyrus, 2012.

⁸ Na língua Tupi, o topônimo Manari significa “riacho, água da chuva” e faz alusão a um curso de rio que corre nas proximidades da sede do município. O gentílico é manariense.

cartas sesmarias⁹ datadas da segunda década do século XVIII, e dão conta de que as terras do antigo Campos da Mariana¹⁰, deram origem ao território do atual município de Manari. Estes registros históricos eram até então desconhecidos pela população, pois nunca foram citados quando se tenta trazer à luz a história do lugar, sobretudo, através das memórias dos anciãos, apesar de que, o pouco que se sabe, também é fruto de narrativas orais passadas de uma geração a outra.

Manari, segundo aponta Correia (2016, p. 23) “cresceu sem ‘certidão de nascimento’ e, conseqüentemente erigiu sua prole desprovida de elementos palpáveis de seu passado; uma cidade que se viu crescer desprovida de memória documental”. Conforme relatos orais, um fato tem sido dado como oficial até então, e dá conta de que duas figuras masculinas conhecidas como irmãos Pereira, Antonio e Manoel, foram os primeiros moradores destas terras, e fixaram-se após comprá-las a Família Aranha, possivelmente em idos do século XIX. Com o conhecimento possibilitado pelas cartas sesmarias encontradas, este episódio da história manariense, passa a ser encarado como mais um ‘mito’, mas não está se descartando a possibilidade destes dois homens estarem entre os primeiros que ocuparam em definitivo o território. O desconhecimento e incerteza sobre as origens chegam até a documentação oficial mais conhecida, que é datada de 10 de janeiro de 1929, quando o pequeno arruado fora elevado a condição de Vila da Mariana, por meio da Lei Municipal nº 02, pertencente ao atualmente extinto município de Moxotó.

Partindo para a documentação oficial recentemente descoberta, entre os anos de 2015 e 2016, a primeira carta sesmarial, é datada de 06 de março de 1724, em que aparecem como requerentes, três figuras masculinas, são eles: João Pereira Campos¹¹, João Peixoto Vilela¹² e Paulo Ferreira Pacheco¹³. Entre as justificativas apontadas no requerimento para posse das terras, estão o motivo destas serem devolutas, nunca doadas anteriormente; serem eles

⁹ As cartas sesmarias, eram um documento dado em nome do rei de Portugal, para um beneficiário que tinha como objetivo cultivar o lote de terra a que estava destinada a sesmaria. A distribuição de sesmarias durante o período colonial do Brasil, pode ser consultada na Plataforma SILB - Sesmarias do Império Luso-Brasileiro; que está disponível online, no endereço eletrônico <<http://www.silb.cchla.ufrn.br>>.

¹⁰ Campos da Mariana é a denominação primitiva das terras que originaram o atual município de Manari. Tal referência a nomenclatura citada acima, aparece em registros datados da primeira metade do século XVIII. Posteriormente a localidade ficou sendo chamada apenas de Mariana, até que fora renomeada para Manari em meados do século XX durante o governo Vargas. Segundo Correia (2016, p. 22) trata-se do “decreto-lei estadual nº 952, de 31 de dezembro de 1943”. Com uma política nacionalista, o governo Getúlio Vargas acabou gerando um fenômeno de renomeação de cidades, distritos e povoados, que privilegiou a aplicação de topônimos indígenas.

¹¹ Na mesma carta sesmarial, aparece como Padre e morador da capitania do Ararobá. Em documento datado do ano de 1725, aparece como requerente de uma nova carta sesmarial, para posse de terras na mesma região, expandindo assim seu domínio, destacando-se como um grande proprietário rural da capitania citada.

¹² No documento, consta como morador da capitania do Ararobá e tem como função Comissário Geral.

¹³ Do mesmo documento, também é morador da referida capitania do Ararobá e, tem como profissão, Alferes.

descobridores de terras; tinham gado cavalari¹⁴ e gado vacum¹⁵, sendo concedida uma légua¹⁶ e meia de terra para cada um dos sesmeiros, que conforme Ribeiro (1995, p. 341) “as terras, pertencendo nominalmente à Coroa, eram concedidas gratuitamente em sesmarias aos que se fizessem mercedores do favor real”.

A segunda carta sesmarial tem como data de requerimento 04 de maio de 1725, aparecendo como peticionário o sesmeiro João Pereira Campos. Nesta carta, a sesmaria requerida localizava-se entre o rio *Panema*¹⁷ e o riacho *Moxoto*¹⁸. As terras eram chamadas de *Penore*¹⁹, *Caxito*²⁰, *Parida*²¹ e Campos da Mariana. Nestes sesmeiros, segundo Freyre (2004, p. 324) despertou-se “o instinto de posse; e acrescentando-se ao domínio de terras tão vastas, direitos de senhores feudais sobre a gente que fosse aí mourejar²²”. Documentalmente, estes foram os sesmeiros responsáveis pela criação das primeiras fazendas e também pela instalação dos primeiros currais da região, bem como pela inserção de outros parceiros/meeiros para a povoação e ocupação definitivas destas terras doadas pela Coroa Portuguesa. Com base nessas informações, é possível considerar que a presença do vaqueiro na aludida região, remonta aos primórdios da ocupação definitiva, tanto para a lida com o gado, quanto para o preparo e cultivo da terra.

Acredita-se que os primeiros colonizadores²³, compostos por homens brancos e pardos, livres, mulheres, remanescentes indígenas e escravizados, fixaram-se na região logo após a concessão das cartas sesmariais; estabeleceram moradia no alto de uma das inúmeras serras que marcam a geografia do lugar, e nos vários brejos espalhados pelo território, assim como nas

¹⁴ O termo gado cavalari refere-se à criação de cavalos, muares e asininos.

¹⁵ O termo gado vacum refere-se à criação de bois, bezeros, vacas, vitelas, touros e novilhos.

¹⁶ Sistema de medida muito comum durante o período colonial do Brasil, frequentemente utilizado até a adoção do sistema métrico. Equivale a aproximadamente 6.600 metros. No caso da carta sesmarial acima, a equivalência seria de aproximadamente 10.000 metros, ou seja, quase 10 km de terras.

¹⁷ Rio Panema é na nomenclatura primitiva do rio Ipanema, que nasce no município de Pesqueira, agreste do estado de Pernambuco, e deságua no rio São Francisco, já no estado de Alagoas. Tem uma extensão estimada em 139 km. Grifo meu.

¹⁸ O riacho Moxoto ou rio Moxotó, nasce no município de Sertânia, sertão do estado de Pernambuco próximo a divisa com o estado da Paraíba, e deságua no rio São Francisco. Seu curso é utilizado para marcar as fronteiras entre Pernambuco e Alagoas. Tem uma extensão estimada em 226 km. É rio intermitente, ou seja, a incidência de águas em seu leito se dá entre os meses de chuva, conforme pode ser observado no QUADRO 04. Grifo meu.

¹⁹ Penore é a nomenclatura primitiva da atual localidade chamada de Brejo do Prioré, fica no atual território do município de Ibimirim, do qual é fronteiro a Manari. Grifo meu.

²⁰ Não foi possível encontrar referências sobre a atual localização. Grifo meu.

²¹ Não foi possível encontrar referências sobre a atual localização. Grifo meu.

²² Segundo o dicionário Aurélio (2002 p. 474), o termo refere-se a “trabalhar muito, sem descanso (como um mouro)”. De fato, não deve ter sido nada fácil ocupar e povoar região tão erma, desbravar o matagal grosso das caatingas praticamente intocadas, lidar com uma região desconhecida e distante ao mesmo tempo. E, além disso, torná-la produtiva e viável para garantir os custos da ocupação.

²³ Não se está descartando aqui, a possibilidade de que estas terras tivessem sido ocupadas ou exploradas anteriormente por forasteiros/exploradores e/ou curiosos, mas que não detinham documentação sobre sua posse.

proximidades da histórica Lagoa da Mariana²⁴ “já que como era costume da época, o estabelecimento de moradias e a criação de gado bovino às margens de cursos de rios e lagoas, bem como em proximidade de olhos d’água ou em região de brejo” (CORREIA 2016, p. 19). Ali, sob orientação dos sesmeiros instalaram currais para a criação do gado vacum, e em outras partes do território fizeram pequenos plantios de cana de açúcar – já que na região ainda é possível encontrar engenhos trapiches em pleno funcionamento, e também resquícios destes, em estado de abandono; o regime de produção e moagem era feito em parceria, como prevalece atualmente – aproveitando-se dos brejos e do solo fértil da região, até então inexplorado com intensidade, que juntamente com “os cercados de milho, de mandioca, de feijão, de inhame, de jerimum garantiam (...) a subsistência” (CASCUDO, 2000 p. 103). Historicamente, as terras que compõem o atual município de Manari tem sido utilizadas para o desenvolvimento de atividades agrícolas e pastoris, práticas econômicas e socialmente viáveis, facilitada pela grande extensão rural, que justifica a alta taxa de ruralização – como veremos na TABELA 01 – e condicionada sobretudo, pela fertilidade do solo, estando ainda na zona de confluência climática entre o sertão e o agreste pernambucano.

Manari está situado no interior do estado de Pernambuco, e foi elevado tardiamente à categoria de município, emancipando-se apenas em 12 de julho de 1995, por meio da Lei nº 11.229. É de conhecimento local que uma primeira tentativa de emancipação política fora pleiteada durante a primeira metade da década de 1960; trata-se do Projeto nº 729 de 22 de outubro de 1963. Entre as justificativas apresentadas, está a capacidade produtiva e diversificada do distrito, apontando que a localidade era um importante celeiro agrícola para a região. Contudo, o pedido fora negado, sob a alegação de que o distrito não atendia as exigências necessárias para ser elevado a município.

Atualmente, Manari é composto pelo distrito sede, que pode ser visto nas FOTOGRAFIAS 01 e 02, pelo distrito de Santa Luzia, pelos povoados de Serra do Exu e Umbuzeiro Doce, além de noventa e um sítios espalhados por toda extensão rural, conforme pode ser visto no QUADRO 02. A formação do distrito sede é composta por uma tipologia mononuclear, que cresceu no entorno da atual Igreja Matriz²⁵, inicialmente sob a invocação de

²⁴ A Lagoa da Mariana como ficou conhecida, é a única referência geográfica e histórica que restou da primitiva ocupação do período colonial no território do município de Manari, como pode ser vista na FOTOGRAFIA 02. Apesar das inúmeras tentativas da administração pública atual em fazer seu esgotamento e posterior entupimento, a comunidade católica local tem agido contra a destruição deste ‘símbolo’ tão significativo para a história da cidade, que seria segundo Meneses (2009, p. 449) um “lugar de memória (...) lugar físico que valeria a pena visitar, pois guardava lembranças do passado”. Passado este, que vive em constante ameaça de desaparecer para sempre.

²⁵ Segundo dados do IBGE (2010), no último Censo Demográfico, o município de Manari tinha uma população católica estimada em aproximadamente 87,6% dos municípios.

Nossa Senhora da Conceição, e também nas proximidades de sua histórica Lagoa da Mariana – hoje completamente abandonada pela população, pelo poder público, além de estar poluída, e com construções que chegam a beirar suas margens, como é possível observar, quase ao centro da FOTOGRAFIA 02, estando totalmente descaracterizada e diferente de sua formação natural.

FOTOGRAFIA 01: Vista aérea do traçado urbano do distrito sede. Manari – PE.



FONTE: Acervo particular da professora Maria José Constante Rodrigues. 2005.

A FOTOGRAFIA 01 é o primeiro registro aéreo da sede do município de que se tem conhecimento, e mostra o traçado urbano em uma simetria semi irregular, com vistas ao terreno íngreme em que está localizado, quase em cima de um morro, como pode ser melhor observado a partir da FOTOGRAFIA 02, exposta na página 43. O conjunto arquitetônico era inicialmente formado por casas térreas, de taipa batida, revestidas ou não. O casario que resistiu ao tempo, são originários do século XIX e da primeira metade do século XX, porém, com uma parcela da população sem apego às construções históricas, as que resistiram ao tempo e ação de seus proprietários estão completamente descaracterizadas, outras foram demolidas para dar espaço a novas construções, seja para moradias ou para estabelecimentos comerciais, especialmente a partir da consolidação do processo emancipatório na primeira metade da década de 1990.

Geograficamente, o município está situado na atual região geográfica imediata de Arcoverde, antiga microrregião denominada de sertão do Moxotó²⁶, distando 385 km da capital,

²⁶ Antiga Microrregião geográfica do território pernambucano, composta por sete municípios: Arcoverde, Betânia, Custódia, Ibimirim, Inajá, Manari e Sertânia. Substituída pela atual divisão regional, chamada de região geográfica

Recife. Apresenta clima Semiárido quente, tem como vegetação característica, a Caatinga hiperxófila²⁷. Segundo dados do IBGE para 2018, o município tinha uma população estimada em 21.085 habitantes. Apresenta uma taxa de 78,9% de ruralização, sendo a quinta maior do estado, conforme dados do último censo demográfico de 2010. Na TABELA 01 apresentada a seguir, podemos visualizar o declínio da taxa de ruralização do município, durante as três últimas décadas.

TABELA 01^{28*}: População Total, Rural/Urba - Município - Manari - PE

População	População (1991)	% do Total (1991)	População (2000)	% do Total (2000)	População (2010)	% do Total (2010)
Total	11.962	100,00	13.028	100,00	18.083	100,00
Urbana	1.545	12,92	2.287	17,55	3.818	21,11
Rural	10.417	87,08	10.741	82,45	14.265	78,89

Fonte: PNUD, Ipea, FJP. 2010.

*Adaptada pelo autor.

Os dados apresentados, revelam que entre os anos de 1991 e 2010, a taxa de ruralização do município de Manari diminuiu 8,19%, número proporcional a taxa de urbanização, que no mesmo período, mais que dobrou em número de habitantes, fato que pode ser entendido como reflexo do êxodo rural. O contínuo deslocamento migratório entre campo-cidade paulatinamente tem moldado o cenário do traçado urbanístico manariense, como podemos perceber na diferença entre as FOTOGRAFIAS 01 quando registrada em 2005 e a FOTOGRAFIA 02 registrada em 2018, que denotam o caráter intencional de ambos os registros: mostrar a evolução urbana do distrito sede da aludida municipalidade, ao passo que o município acompanha a tendência de desruralização do país, colocando em declínio a permanência do homem no campo.

imediate de Arcoverde, que abrange os municípios de: Arcoverde, Buíque, Custódia, Ibimirim, Inajá, Itaíba, Manari, Pedra, Sertânia, Tupanatinga e Venturosa.

²⁷ Esse é o principal tipo de vegetação que cobre o território do município de Manari. Caracteriza-se pela ocorrência em solo rasos e por apresentar uma vegetação de pequeno e médio portes. No período de estiagem, as caducifólias perdem a sua folhagem, por terem esse caráter xerófilo, características de plantas adaptadas às regiões secas ou semiáridas. Nesse tipo de caatinga, a flora mais comum é a jurema, branca ou preta, o angico, a catingueira, o umbuzeiro, a aroeira, entre outras. Além das diversas espécies de cactáceas, como por exemplo, o mandacaru e o xique-xique.

²⁸ Os dados apresentados na TABELA 01, fazem parte do perfil do município de Manari, traçado pelo Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil. Além desses dados apresentados acima, é possível consultar a caracterização do território municipal, o IDHM, a demografia, os dados sobre educação, renda, trabalho, habitação e vulnerabilidade social, através do link http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/manari_pe. Esses dados são extraídos do Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010.

FOTOGRAFIA 02: Vista aérea do traçado urbano do distrito sede. Manari – PE.



FONTE: Reprodução/Prefeitura Municipal de Manari – PE. 2018.

Com uma vasta extensão rural, é possível, ao analisar a toponímia dos sítios listados no QUADRO 02 da página seguinte, perceber a influência marcante do ambiente geográfico nas denominações. Cada topônimo tem sua história “podemos ignorá-la, mas ela existiu e justificou o topônimo” considera Cascudo (1956 p. 14), ao criticar a política de renomeação de diversos lugarejos, sítios, povoados, distritos, vilas e cidades durante a primeira metade do século XX no Brasil. A exemplo claro disso, temos o caso do próprio nome do município de Manari, que durante o processo de colonização chamava-se Campos da Mariana, e que segundo o autor, o termo ‘campos’ marca “a influência da pecuária”, que foi sendo devassado ou suprimido com o sobrevir dos anos, passando a chamar-se apenas de Mariana até o processo de renomeação ainda na primeira metade do século XX.

O trabalho com o gado garantiu a toponímia de diversas localidades listadas no QUADRO 02, principalmente as que carregam a nomenclatura relacionada a água. O que sugere que Manari também é legado “do grande ciclo de vaqueiros” (ibidem, p. 15) uma vez que “os velhos currais de gado foram os alicerces pivorantes das futuras cidades” (ibidem, p. 102). Ciclo que deixou marcas profundas, principalmente na cultura do município, que apesar de ressignificada através dos tempos, é herança do processo explorador/colonizador e do contato com os nativos que já que ocupavam esta região.

QUADRO 02: Listagem dos sítios pertencentes ao município de Manari – PE.

LISTAGEM POR ORDEM ALFABÉTICA		
Sítio Açude Seco	Sítio Estiva	Sítio Pasta
Sítio Aguada	Sítio Faveira	Sítio Pau Branco
Sítio Aguadinha	Sítio Furninha	Sítio Pé de Serra
Sítio Alagoinha	Sítio Garrote	Sítio Pedra de Amolar
Sítio Alicércio	Sítio Gravatá	Sítio Pedra Pintada
Sítio Alto do Gavião	Sítio Imbé	Sítio Pocinhos
Sítio Alto do Rodrigues	Sítio José dos Reis	Sítio Poço da Volta
Sítio Alto dos Santos	Sítio Junco	Sítio Queimada Grande
Sítio Alto Fechado	Sítio Lagoa da Vaca	Sítio Queimadas
Sítio Alto Vermelho I	Sítio Lagoa do Açude	Sítio Rodrigues
Sítio Alto Vermelho II	Sítio Lagoa do Damião	Sítio Salgado I
Sítio Aroeira	Sítio Lagoa do São Gonçalo	Sítio Salgado II
Sítio Baixa Nova	Sítio Lagoa do Teixeira	Sítio Salitre
Sítio Bálsamo	Sítio Lagoa Queimada	Sítio São Gonçalo
Sítio Balbino	Sítio Lagoinha	Sítio Saquinho
Sítio Bananeira	Sítio Lagoinha do Damião	Sítio Serra de Dona Josefa
Sítio Barbosa	Sítio Laje Vermelha	Sítio Serra do Carrapicho
Sítio Bargadinha	Sítio Lajedo	Sítio Serra do Rodrigues
Sítio Barriguda	Sítio Lajeiro Vermelho	Sítio Serra do Saco
Sítio Bebedouro	Sítio Limeira	Sítio Serra Pintada
Sítio Berduega	Sítio Livramento	Sítio Serra Vermelha
Sítio Boa Sombra	Sítio Lourença	Sítio Serrinha
Sítio Bom-nome	Sítio Maniçoba	Sítio Serrote
Sítio Cabeça de Vaca	Sítio Manuíno	Sítio Situação
Sítio Cabecinho	Sítio Melancia	Sítio Talhado Branco
Sítio Cacimba Nova	Sítio Mendonça	Sítio Tomé
Sítio Cana Brava	Sítio Minador	Sítio Travessão
Sítio Carnaúba	Sítio Olho D'água	Sítio Umburana
Sítio Caruá	Sítio Olho D'aguinha	Sítio Umbuzeiro
Sítio Cedro	Sítio Passagem	Sítio Umbuzeiro da Carnaúba
Sítio Espia		

Fonte: Levantamento feito pelo autor, 2019.

Por ser um município tipicamente rural e agrário, legado do processo histórico de ocupação do território, conforme aponta Correia (2016, p. 29) “a criação de gado na região ainda fomenta a existência do vaqueiro”. Com isso, tem na agropecuária sua principal atividade econômica, criando e produzindo gado para o abate, para a produção de leite, queijos e outros derivados. Manari está localizado na região que subjetivamente, Freyre (2004, p. 47) chamou de “outro Nordeste” que seria o Nordeste pastoril, algodoeiro, distante dos canaviais e da

fidalgua das casas-grandes. Seria também o Nordeste “das areias secas” que contrastava com “a doçura das terras de massapê” quase deificada. A concepção freyreana de sertão, enquanto parte e produto de um outro Nordeste, que de fato ele não conhecia, demonstra seu saudosismo e apego ao passado açucareiro, dos grandes latifúndios canavieiros e seus engenhos, lotados de homens, mulheres e crianças escravizadas, que se construiu na zona da mata pernambucana e em outras partes do país. Esta imagem e estereotipia do sertão enquanto espaço outro – porém com bastante mobilidade – é parte de uma construção imagética e sociocultural que homens brancos, letrados, abastados, com poder e influência, desde tempos idos, tende a reproduzir na sociedade. Está tão enraizado culturalmente, que a figura deste sertão outro, imbuído por marcas da aspereza da terra, faz parte da imagética instalada no íntimo dos habitantes desta região, como é possível observar no trecho dos versos de Fagundes (2007) para o documentário *Pro dia nascer feliz*:

*“Só existe um argumento
Que me parte o coração
Ver o povo madrugar
E seguir para o roçado
Mas se a chuva não chegar
Perde o que se foi plantado”*

Os versos da escritora, documentarista e jornalista manariense, são reflexos da realidade experienciada, vivida e sentida nos sertões nordestinos durante os ciclos da seca, que se tornaram cada vez mais frequentes, fazendo com que esse ‘outro Nordeste’, carregue sinais que são perpetrados pelo tempo, assim como na concepção freyreana e como cita Cascudo (1956, p. 12) “a literatura tornou motivo a seca e sua tragédia”. Apesar da condicionalidade climática a cidade destaca-se pela produção de grãos, centrada principalmente no feijão e no milho, de forma consorciada, ou seja, com o feijão e o milho dividindo o mesmo roçado. Prática antiga que favorece a organização do plantio e conseqüentemente facilita a limpeza das lavouras. Entretanto, em períodos anteriores o município teve uma produção agrícola bastante diversificada, cultivando além dos grãos citados, produzia em escala comercial, a mamona e a mandioca, abastecendo o comércio local e de cidades circunvizinhas, enquanto o algodão, era negociado e vendido à indústria têxtil. Distante das grandes produções agrícolas do início e meares do século XX, o QUADRO 03, na página a seguir, apresenta informações obtidas através do IPA – Agência Manari, dados quantitativos da área plantada no município, entre os anos de 2015 e 2018.

QUADRO 03: Detalhamento da área plantada em Manari – PE.

Ano/Safra	Quantidade de hectares			
	Milho	F. Vigna ²⁹	F. Phaseolus ³⁰	Total
2015	500	100	500	600*
2016	1.000	1.000	-	1.000*
2017	4.000	350	-	4.000*
2018	200	-	-	200

Fonte: IPA, Secretaria de Agricultura e Reforma Agrária.

*Área plantada de forma consorciada.

O QUADRO 03 detalha a área plantada no município em hectares. No ano de 2015, um total de seiscentas hectares foram cultivadas, desse montante, 95% fora perdido para a seca. Uma colheita de aproximadamente 5% rendeu somente 06 toneladas de feijão e 03 toneladas de milho. A falta de chuvas regulares, como podemos observar no QUADRO 04, exposto na página seguinte, dificultou a produção agrícola, e o pouco que foi possível colher não supera as despesas. Para o ano de 2016, a irregularidade do período chuvoso comprometeu mais vez a viabilidade da produção agrícola do município. Porém, animados com a quantidade de chuva que caiu em janeiro, um mil hectares foram preparados para o cultivo, no mesmo molde do anterior, a forma consorciada. Para a produção de feijão de corda, a perda foi total e para o feijão comum, chegou a 60%, que rendeu apenas 288 toneladas. Já para a produção de milho, a perda representou 70%, sendo possível colher 540 toneladas. Em comparação com o ano anterior, apesar das perdas, o saldo foi positivo.

Para 2017, como é possível observar no QUADRO 04, a expectativa de chuva se apresentou desanimadora, mas a partir de março o cenário começou a mudar e fora preparada uma área de aproximadamente quatro mil hectares para o cultivo. Com a sequência de meses chuvosos, o agricultor viu cerca de 70% de sua lavoura ser perdida, dessa vez, para o excesso de chuvas. Durante todo o ano, choveu quase o dobro do que se choveu em 2015, com o maior volume de chuvas concentradas entre o segundo e o terceiro trimestre. Apesar das percas, chegaram a ser colhidas 2.160 toneladas de milho e 864 toneladas de feijão. Porém, entre o fim de 2017 e o início de 2018, o declínio da regularidade das chuvas, fez a produção agrícola decair mais uma vez.

Para o ano de 2018, somente 200 hectares foram preparados para o cultivo a partir dos meses de chuva, mas o que se viu foi um ano de chuvas fracas, não sendo possível ao

²⁹ O feijão *Vigna unguiculata* é o nome científico do popularmente conhecido feijão de corda, que também pode ser conhecido por: feijão caupi, feijão miúdo, feijão fradinho, feijão frade ou feijão macáçar. Muito comum o plantio, cultivo e consumo do grão na região Nordeste do Brasil pelo seu alto valor nutritivo e proteico.

³⁰ O *Phaseolus vulgaris* é o nome científico para o popularmente chamado de feijão comum ou também chamado de feijão de arranca.

trabalhador rural, colher seu roçado, tendo perca total de sua lavoura. Fato que coloca 2018, como um ano de zero produção agrícola para o município de Manari. Os dados coletados através do IPA – Agência Manari, mostram que a produção está em declínio nos últimos anos, justificada sobretudo, pelo inconstante ciclo das chuvas, que têm apresentado uma irregularidade bastante considerável, como podemos observar no QUADRO 04, abaixo.

QUADRO 04*: Índice pluviométrico mensal do município de Manari entre 2015 e 2018 em mm.

Meses	2015	2016	2017	2018
Janeiro	33	302	4	16
Fevereiro	37	86	0	74
Março	3	8	28	74
Abril	62	30	104	62
Maiο	14	29	112	46
Junho	83	54	170	20
Julho	133	32	209	43
Agosto	30	5	98	7
Setembro	13	0	69,8	5
Outubro	3	10	10	0
Novembro	0	0	0	13
Dezembro	29	7	5	114
Total	440	563	809,8	474

Fonte: IPA, Secretaria de Agricultura e Reforma Agrária. 2019

* Levantamento feito pelo autor

Ultimamente os anos têm sido de meses verdes, mesmo com poucas chuvas, seguidos de meses de seca, sobretudo a partir do último trimestre de cada ano, como é possível verificar entre os anos de 2015 a 2017. Podemos observar neste mesmo quadro, que entre de agosto de 2016 e março de 2017, choveu apenas 54 milímetros, dentro de um período de oito meses, fato que acentua as problemáticas causadas pela ausência de chuvas mais densas.

A esse contexto, destacam-se as informações trazidas por Magalhães,

De acordo com o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, 2014), alguns dos maiores impactos das mudanças climáticas ocorrerão sobre as regiões semiáridas do planeta, inclusive sobre o Nordeste do Brasil. Esses resultados também são corroborados pelo Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas (PBMC, 2015). De acordo com vários modelos climatológicos, é provável que aumente a frequência e a intensidade de secas no Nordeste, assim como a duração do período seco, como ocorre, atualmente, em certas regiões do Brasil. As temperaturas globais deverão elevar-se em pelo menos dois graus até o final do século. Haverá mais evapotranspiração e, portanto, menor umidade no solo. Vários modelos indicam que poderá reduzir-se o fluxo de água em importantes bacias do Nordeste, como no São Francisco. Com mais secas, menos umidade, menos água, os impactos poderão ser maiores sobre a agricultura, sobre a economia, sobre as condições de vida. Além dos

desafios tradicionais e históricos, sobre o enfrentamento dos impactos das secas na região, novos desafios são colocados, diante da possibilidade de eventos extremos mais frequentes e intensos (2016, p. 34).

Com base no exposto pelo autor, as mudanças climáticas, como o aumento da temperatura, já é uma realidade. Da mesma forma, a inconstância nos ciclos de chuva também é. O sertão nordestino tem convivido com dias cada vez mais quentes e temporadas menos chuvosas, acentuando os períodos cíclicos da seca, tornando-a mais severa. Elementos resultantes, conforme Pericás (2010, p. 20) da “ocupação humana, com a expansão das fronteiras agrícolas e de criação de gado, por exemplo”. Com a natureza sendo constantemente devassada, o resultado não seria outro, o aquecimento global. No tocante ao desmatamento em terras sertanejas, assim como em terras agrestes, o autor citado acima destaca que:

Um dos grandes culpados pela degradação e pela destruição arbórea no Agreste e no Sertão foi o sistema ferroviário. Como as árvores da Caatinga são mais compactas (com maior peso específico) do que os das matas úmidas, possuem maior durabilidade, sua tessitura elástica apresenta uma resistência mais elevada às vibrações dos trens (que podem afrouxar os cravos em outros tipos de madeira). Por isso, não é de estranhar que, num período equivalente a pouco mais de cinquenta anos, centenas de milhares de dormentes fossem produzidos a partir de braúnas e aroeiras sertanejas e agrestinas; assim como milhões de metros cúbicos de madeira da região também fossem utilizados como lenha para fornos das locomotivas (ibidem, p. 21).

Ações impensadas do passado, geram consequências para o futuro. Além de contribuir para o desencadeamento das mudanças climáticas, o desmatamento tem contribuído para a degradação dos solos e para o processo de desertificação em algumas áreas da região Nordeste. Segundo Vasconcelos Sobrinho (1970, p. 155 *apud* PERICÁS, 2010, P. 21) “De acordo com estatísticas do Serviço de Inspeção Florestal e Proteção à Natureza, de Pernambuco, só a Great Western Railroad Company, de 1935 a 1945, consumiu 200 mil metros cúbicos de lenha anualmente, assim como 60 mil dormentes”.

No somatório do período apontado pelo autor, a aludida companhia de trens, consumiu o equivalente a 2 milhões de metros cúbicos de lenha, acelerando o aniquilamento de espécies da cobertura vegetal nativa das regiões sertaneja e agreste do estado. Deste montante, calculando o metro cúbico pela quantidade arbórea necessária, houve um consumo de aproximadamente 18 milhões de árvores nativas da caatinga no decurso de dez anos. Ainda dentro deste período, ajunta-se o consumo de 600 mil dormentes, resultando na extração de aproximadamente 6 milhões de árvores nativas. O extrativismo predatório praticado pela empresa, indiscriminadamente, tem afetado negativamente a existência de toda uma fauna e flora locais, que vive em constante ameaça devido à condicionalidade climática natural.

Trazendo o assunto para o contexto local, o município não conta com Secretaria de Meio Ambiente, que neste caso impossibilita quantificar as áreas permanentemente desmatadas, seja para a produção agrícola, seja para a manutenção da pecuária. Da mesma forma, impossibilita estimar as áreas conservadas ou de proteção permanente. Apesar da existência de um endereço eletrônico mantido pela prefeitura municipal, igualmente não há dados ou informações sobre a Secretaria de Agricultura que pudesse ter os resultados buscados. Porém, para o homem e para a mulher do campo, que lida no trato com o gado e outros animais de médio e pequeno portes – como veremos no QUADRO 05 a seguir – que sobrevive da agricultura de subsistência, o desmatamento é uma realidade, já que de acordo com o MDA (2016) a produção da agricultura familiar “constitui a base econômica de 90% dos municípios brasileiros com até 20 mil habitantes; responde por 35% do produto interno bruto nacional; e absorve 40% da população economicamente ativa do país”.

Vale ressaltar que, uma parcela significativa de agricultores, que trabalham no campo, também se considera vaqueiro e trabalha com a criação de gado e nestes casos é praticamente indissociável o seu trabalho, tanto com a agricultura, quanto com a pecuária, ou vice-versa. Como sugere Barreto (1983, p. 26) “o vaqueiro (...) na sua maioria, necessita de outro trabalho para sobreviver. Ele também é agricultor, pois uma atividade está ligada à outra” já que o trabalho como vaqueiro não tem um ‘ordenado fixo’ e que depende da negociação com o patrão. E, é com o trabalhador do campo, herança do processo de colonização/exploração iniciado ainda no século XVIII, que o território manariense foi desbravado e herdou em suas raízes, muito de sua cultura.

QUADRO 05: Levantamento estimativo do rebanho animal do município de Manari – PE.

Ano	Tipos de animais					
	Gado de corte	Gado de leite	Caprino ³¹ de corte	Ovino ³² de corte	Suíno	Galinha de capoeira
2015	8.433	1.488	2.800	10.000	-	10.000
2016	8.500	1.000	2.500	9.000	4.500	9.000
2017	9.500	1.500	2.500	10.000	4.000	9.500
2018	10.500	1.600	3.000	10.000	5.100	11.000

Fonte: IPA, Secretaria de Agricultura e Reforma Agrária. 2019.

³¹ O rebanho caprino, refere-se à criação de cabras e bodes. Desta produção, aproveita-se, sobretudo, o leite, a carne e o couro.

³² O rebanho ovino, refere-se à criação de ovelhas e carneiros. Desta produção, também é possível aproveitar-se do leite, da carne e do couro.

O desmatamento para a manutenção da pecuária é uma realidade secular, e não está distante da vivência do homem do campo manariense. O QUADRO 05 traz dados estimativos sobre o rebanho animal do município, referentes aos anos de 2015 a 2018. Mesmo em período de estiagem, sobretudo, nos longos anos de seca, como os vividos entre 2010 e 2015, é possível observar a resistência campesina em manter a criação de animais de pequeno e médio portes, e também de aves, para continuar tirando da terra seu sustento e mantendo seu criatório. Ainda que estes períodos representem um recorte espacial muito longo sem chuva abundante.

Nos dados apresentados na página anterior, nota-se que a maior predominância está na criação do gado bovino, tanto para o abate, quanto para a produção de leite e derivados; a criação de ovelhas e carneiros, supera e muito, a criação de bodes e cabras; o criatório de galinha de capoeira também é bastante expressiva, assim como o rebanho suíno. É importante frisar que esses animais são comercializados, assim como seus derivados, principalmente em dias de feira na cidade, mas também abastecem o comércio de cidades vizinhas, dentro do estado de Pernambuco, e no estado de Alagoas. Na feira, que acontece sempre as quintas, é possível observar a rotatividade do rebanho municipal. Ao mesmo tempo em que se vende, também são adquiridos novos animais. Tanto essa produção animal descrita no QUADRO 05, quanto o detalhamento da área plantada apontada no QUADRO 03, dão a dimensão da importância que a pecuária e a agricultura familiar³³ tem para o município.

Analisando a trajetória histórica, foi possível observar que a economia e a cultura do município de Manari encontram-se interligadas desde o processo de ocupação e constituição do território manariense, demonstrando a contínua e profunda identificação dos munícipes com o trabalho do campo, seja através da agricultura, seja com o desenvolvimento da pecuária, apesar da continuidade do êxodo rural, e também da condicionalidade climática registrada ao longo da história do Nordeste, como aponta Magalhães (2016, p. 22): “Depois de 1877, outras grandes secas se seguiram: 1900, 1915, 1919, 1932, 1958, 1979-83, 1987, 1990, 1992-93, 1997-98, 2002-03, 2010-1015”. Como elementos que se completam, economia e cultura, moldadas a partir do período colonial e ressignificadas através do tempo, servem de referência para a produção agrícola, assim como para as principais práticas esportivo-culturais que se desenvolvem e ganharam espaço, como veremos a seguir.

³³ Segundo a Lei nº 11.326 de 24 de julho de 2006 considera-se agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; tenha percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento, na forma definida pelo Poder Executivo e dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família.

1.3 O Vaqueiro: seu legado e suas manifestações culturais

Historicamente, o vaqueiro é fruto do processo de miscigenação que transcorreu durante a colonização do Brasil. Gestado do contato entre nativos e portugueses, o vaqueiro, segundo Cunha (2016 p. 136) “fez-se homem, quase sem ter sido criança” e essa imagética, emoldurada na célebre obra *Os Sertões*, poderia facilmente, mais de um século depois, ser encontrada na figura do senhor João Francisco da Silva³⁴, ou como prefere ser chamado: João da Cruz – um dos colaboradores da pesquisa – vaqueiro de tempos idos, que traz em sua gênese a tipologia carregada desta herança secular, passada de uma geração³⁵ a outra; que mesmo ressignificada, não está livre de ser estereotipada.

O Senhor João da Cruz, nascido em 1939, é um homem do campo sem estudos, mas demonstra uma sabedoria sobre as coisas do sertão, digna de muitos diplomas. De fala mansa e acentuada pelo avançar da idade, traz em seu rosto as marcas da luta pela sobrevivência no sertão do Moxotó. Suas rugas, não são caminhos fáceis de percorrer. Em suas mãos calejadas – que faz questão de mostrar ao pesquisador/entrevistador – estão marcas de mais de meio século de trabalho duro no roçado, na lida e no trato com o gado e outros animais de pequeno e médio portes. Acostumado a desempenhar uma rotina de trabalho quase diária, mesmo aposentado, divide-se entre o novo endereço de residência, no distrito de Santa Luzia e a antiga moradia no

³⁴ A escolha do senhor João Francisco da Silva, popularmente chamado de João da Cruz, como sujeito da pesquisa, se dá dentro dessa relação intrínseca com o sertão; por ter nascido e se criado na zona rural do município de Manari, e por ser um dos vaqueiros de tempos idos que ainda está na ativa, trabalhando na lida e no trato com o gado. Vivenciou desde as primeiras celebrações da Missa do Vaqueiro, idealizada pelo colega de profissão, Zé Pesqueira e ainda viu nascer a Missa do Vaqueiro do distrito de Santa Luzia, pequeno núcleo urbano pertencente a Manari, onde mora atualmente. Pode-se caracterizá-lo como uma daquelas figuras sertanejas fruto de seu tempo. Apesar de ser um homem de poucas letras, demonstra uma sabedoria profunda. O local escolhido para a entrevista, traz elementos característicos da vivência experienciada desde tenra idade, a casa no sítio, simples, assim como ele, tem o cheiro do campo e do trabalho, rodeada por animais que ainda mantém em criatório: ovelhas e carneiros, cavalo e algumas cabeças de gado. Em seu interior, exibe, pendurado em tornos pelas paredes, arreios de sua montaria e itens da indumentária do vaqueiro, de uso próprio. Instrumentos que trazem à tona memórias afetivas, não abstratas; são memórias físicas e palpáveis, de um tempo já vencido, guarnecido em suas mais tenras recordações. Dos itens de sua indumentária, que ficam à mostra, em sua antiga residência, o peitoral, já bem surrado, com o couro escurecido, quase pretume, pelo uso constante, é a primeira coisa que lhe vem à memória para ser mostrada. O senhor João da Cruz, é o vaqueiro que pode ser visto como a metáfora do sertão, a síntese de uma gênese regional. É este homem, que nas palavras de Campos (1974, p. 10) “já nasce feito (...)” e beirando o quase misticismo que se criou em torno desta figura, a jornalista acentua: “para enfrentar a aspereza e a rudeza do meio, terá de ser necessariamente áspero e rude, de ânimo forte beirando a temeridade”. Tal exagero, respinga na historicidade destes sujeitos e se confunde com a própria realidade e vivência do homem sertanejo. É a epitome de uma realidade secular, gestada em gerações passadas, transmitida de pais para filhos, e que teve nos sertões nordestinos determinada expansão e durabilidade.

³⁵ O conceito de geração, enquanto terminologia sociológica, poderá ser melhor compreendido a partir da leitura da obra de Karl Mannheim, que se debruça em seus estudos sobre o chamado “problema das gerações”, rompendo com o viés positivista do termo, bem como do romantismo-histórico, apesar destes serem o referencial na construção da nova abordagem proposta. Seus estudos podem ser conferidos em traduções para o português brasileiro em edições de 1982, com a obra “**O problema sociológico das gerações**” [tradução: Cláudio Marcondes], In Marialice M. Foracchi (org), Karl Mannheim: Sociologia, São Paulo, Ática.

sítio – local em que se realizou a entrevista – para o cuidado com os animais que mantém em criatório: ovelhas, cavalo e algumas cabeças de gado, que igualmente fez questão de mostrar ao fim da entrevista, convidando para um pequeno passeio entre cercados e currais, na companhia de seu neto, Júnior, de sete anos, que atentamente ouvira da cozinha, todo o diálogo ocorrido, querendo inclusive, participar de momentos da entrevista. Em suas narrativas, o trabalho³⁶ é elemento constante, já que desde criança, esta foi a realidade vivenciada.

“Sou agricultô³⁷, comecei a trabalhá com sete ano de idade. Trabalhá na roça, na agricultura. E aí, criano um animalzinho, uma rêzinha³⁸, com pouco tanmém, novo de idade, comecei a pissuí um cavalo né, aí ficou né? Toda vida pissuí o cavalo. Comecei a trabalhá de vaqueiro com a faxa de... depois de doze ano de idade, né? De vaqueiro, com uma faxa de depois de doze ano de idade até agora...”
(ENTREVISTA COM JOÃO FRANCISCO DA SILVA, 19/09/2018).

A narrativa apresentada pelo entrevistado, está distante de deixar de ser uma realidade; uma realidade existente não somente nos sertões do Nordeste, mas a nível de Brasil, que de acordo com dados da PNAD Contínua³⁹, de um total de 40,1 milhões de crianças de 5 a 17 anos, 1,8 milhão estava ocupada em 2016. E as regiões mais afetadas do país pela sistêmica do trabalho infantil são as regiões Norte e Nordeste. Para a região Nordeste, os dados levantados pelo IBGE (2017) dão conta de que o total de crianças ocupadas, por sexo, estão na faixa de 69% de homens e 31% de mulheres, enquanto no quesito racial, os números são de 20,5% de crianças brancas, enquanto 79,5% são de crianças pretas e pardas. Estes dados, alarmantes para os padrões sociais do século XXI, são reflexos da desigualdade social, da falta de políticas públicas, assim como, da má distribuição de renda. Diante do cenário, para algumas famílias os programas sociais são imprescindíveis.

E como foi possível observar no trecho da narrativa apresentada pelo sr. João da Cruz, desde tenra idade⁴⁰, a vontade de possuir um cavalo, já exercia certo fascínio para vir a tornar-

³⁶ Certamente a frase de Cunha (2016 p. 133) “o sertanejo é, antes de tudo, um forte” poderia ser aplicada a esse contexto. Além disso, esta é uma das frases clichês ou expressões mais utilizadas frequentemente para caracterizar a figura do homem sertanejo de diferentes épocas, mas que poderia facilmente ser utilizada para distinguir o vaqueiro, por estar diretamente ligado com o processo definitivo de ocupação dessas terras do sertão.

³⁷ Os termos grifados referem-se ao modo como foi expressado pelo colaborador em entrevista e como destacam, Meihy e Holanda (2010, p. 26) “a oralidade quando vertida para o escrito congela a realidade narrada mudando a dinâmica original”, por isso, a escrita permanecerá do mesmo modo como fora pronunciada.

³⁸ Termo utilizado pelo colaborador durante o percurso da entrevista. É o diminutivo para rês, vaca, animal do sexo feminino.

³⁹ Todos os dados referentes ao trabalho infantil, ocorridos no ano de 2016, estão disponíveis para consulta na plataforma virtual do IBGE, através da cartilha da PNAD, que pode ser acessada através do link: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101388_informativo.pdf> Acesso em: 20/09/2019.

⁴⁰ Esse contexto situado pelo senhor João da Cruz, corrobora com uma abordagem trazida por Cascudo (1956, p. 10) ao apontar que “a lúdica infantil condicionava-se à vida ambiental. Brincava-se de fazendeiro, de vaqueiro, repetindo-se no microcosmo infantil o macrocosmo humano”, só que ao invés de brincar, a roça lhe foi instrumento de trabalho. Essa lúdica, fora trazida para a dura realidade do macrocosmo humano adulto do sertão, carregada

se vaqueiro, seguir os caminhos do pai ou do avô, herança cultural que marca a trajetória de vida de muitos homens sertanejos da primeira metade do século XX.

Em Cascudo, o ser vaqueiro pode ser definido da seguinte maneira:

Pastor de gado, guarda das vacas; (...) figura central do ciclo pastoril. Sua atividade determina-lhe o individualismo arrogante, autonomia moral, decisão nos atos e atitudes. É o clima ideal para o cantador de desafios, o cangaceiro afoito, o valente defensor da propriedade confiada à sua coragem solitária (CASCUDO, 2012 p. 713).

Homem com fortes ligações às tradições, sejam elas religiosas ou de cunho moral, o vaqueiro, geralmente com pouca instrução, secularmente adaptou-se às condições do meio-ambiente e do clima do sertão nordestino para garantir sua subsistência, e segundo Andrade (1963, p. 180) “as grandes distâncias e as dificuldades de comunicação fizeram com que aí se desenvolvesse uma civilização que procurava retirar do próprio meio o máximo, a fim de atender às suas necessidades”. Já em Cunha (2016, p. 122), o vaqueiro aparece como fruto de uma “sociedade revolta e aventureira sobre a terra farta; e tiveram, ampliando os seus atributos ancestrais, uma rude escola de força e coragem” que ainda podem ser observáveis no vaqueiro contemporâneo, mesmo que ressignificadas.

Ainda segundo o autor,

O vaqueiro, criou-se em [...] em uma intermitência, raro perturbada, de horas felizes e horas cruéis, de abundância e misérias - tendo sobre a cabeça, como ameaça perene, o sol, arrastando de envolta, no volver das estações, períodos sucessivos de devastações e desgraças. Atravessou a mocidade numa intercadência de catástrofes. (...) Cedo encarou a existência pela sua face tormentosa. (...) Fez-se forte, esperto, resignado e prático. Aprestou-se, cedo, para a luta (ibidem., p. 136, 137).

Diante deste cenário de adversidades em que se desenvolveu, o vaqueiro aparece como a figura fundamental para a manutenção de uma fazenda. Seu trabalho é árduo independentemente da estação do ano, mas é nos períodos de estiagem que o vaqueiro enfrenta seu maior dilema, a falta de comida e de água para o rebanho, fazendo-se necessário que os animais sejam guiados por longos percursos para encontrar novos bebedouros ou até mesmo pasto em outras paragens. E dentro deste contexto, Correia (2016, p. 78) assinala que “o vaqueiro tem no cavalo, sua principal montaria”, corroborando com Cascudo (1956 p. 75) ao indicar que “no ciclo do gado o animal favorito não é o touro, o novilho, a vaca, o boi, mas o cavalo” pois, é com ele que boa parte de seu trabalho é realizado.

pelo ardor das responsabilidades que se iniciam muito cedo e também para ajudar no sustento da casa, da família e dos irmãos.

Para que o vaqueiro pudesse desenvolver suas atividades em meio a mata espinhenta da caatinga, fora criada ou aperfeiçoada uma espécie de vestimenta⁴¹, quase como uma armadura dos antigos cavaleiros medievais, só que feita a partir de produtos ofertados pelo seu próprio meio de trabalho, ao que Cunha (2016, p. 122) chamou de “suas vestes características”. E foi essa indumentária, que identifica e caracteriza o vaqueiro, que o possibilitou a embrenhar-se cada vez mais para o interior e ‘domesticar’ as terras do sertão e que segundo o autor “vestidos de outro modo não romperiam, incólumes, as caatingas e os pedregais cortantes” (ibidem, p. 137). Em Cascudo (1956, p. 59) a indumentária do vaqueiro é chamada de “vestia”, apesar do termo referir-se somente ao casaco de couro, que entre os sertanejos é comumente conhecido como gibão, contudo, todo o vestuário completo é denominado de terno.

Para Cunha,

O seu aspecto recorda, vagamente, à primeira vista, o de guerreiro antigo exausto da refrega. As vestes são uma armadura. Envolto no gibão de couro curtido, de bode ou de vaqueta; apertado no colete também de couro; calçando as perneiras de couro curtido ainda, muito justas, cosidas às pernas e subindo até às virilhas, articuladas em joelheiras de sola; e resguardando os pés e as mãos pelas luvas e guarda-pés de pele de veado – é como a forma grosseira de campeador medieval desgarrado em nosso tempo. Esta armadura, porém, de um vermelho pardo, como se fosse de bronze flexível, não tem cintilações, não rebrilha ferida pelo sol. É fosca e poenta. Envolve ao combatente de uma batalha sem vitórias (CUNHA, 2016 p. 137).

Dissonante do que fora apontado pelo autor, o traje do vaqueiro e toda a sua indumentária constitui-se em motivo de orgulho, conforme é possível perceber ao analisar as narrativas do senhor João Francisco da Silva (19/09/2018): “*não corro mais as pega de boi no mato, mais tenho os arreio. Tenho os arreio, ói! Vou mostrar. Quer olhá o peiturá? Tenho arrêi velho aqui, de cela, de couro, tem. Tem arrêi, tem cavalo, pissui ainda*”. Enquanto fazia questão de demonstrar a existência de sua indumentária pendurada em vários tornos espalhados por sua antiga residência, o narrador demonstra com saudosismo os feitos de sua juventude, pegando e trazendo para o espaço da entrevista um dos apetrechos de couro usado para embrenhar-se nas matas de caatinga para buscar/reunir o gado, ou até mesmo para as festas de gado, como a pega de boi no mato, uma das mais populares da região. Enquanto continuava

⁴¹ “A vestimenta do vaqueiro (...) tem como matéria-prima para sua produção o couro cru e/ou curtido, que comumente passar por um processo primitivo que trata o couro e que o deixa com uma cor avermelhada, tornando-o flexível, pronto para o manuseio e confecção das peças que comporão o vestuário” (CORREIA, 2016 p. 86). A indumentária é composta por um total de seis peças, são elas: o chapéu, o gibão, o guarda-peito ou peitoral, as perneiras, as luvas e as botas. Além disso, uma série de acessórios fazem parte do conjunto, como por exemplo: o chicote, que também pode ser produzido a partir do couro; a corda, geralmente feita a partir do caroa – planta típica do sertão, bromélia rica em fibras; o búzio ou buzo, feito a partir do chifre do boi adulto e os alforjes que servem para carregar alimentos, como a rapadura, a farinha, a carne seca assada; além de uma pequena moringa, feita de cabaça para levar água.

apontando com as mãos para vários arreios espalhados pela casa, que apesar de não fazer mais uso, servem como objetos ou “arquivos” que acionam a memória afetiva, que conforme Nora (1993, p. 13) “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos”. Representam, ainda segundo o autor, registros de uma memorabilidade “refugiada” e “enciumadamente guardados” da trajetória histórica e profissional deste vaqueiro.

Cunha (2016, p. 137) faz críticas a composição do vestuário, ao afirmar que “nada mais monótono e feio, entretanto, do que esta vestimenta original, de uma só cor – o pardo avermelhado do couro curtido – sem uma variante, sem uma lista sequer diversamente colorida”. A observação notada pelo autor certamente poderia soar como uma ofensa desleal aos ouvidos dos vaqueiros, já que a indumentária é carregada por muitos signos; conforme Barreto (1983 p. 27) “o couro é, portanto, um elemento de identificação (...). Toda a indumentária do vaqueiro e do cavalo traz aos nossos olhos, o valor que representa o couro” e que marcou não somente a trajetória do vaqueiro, enquanto homem do campo, mas teve uma fundamental importância para a construção do sertão, sobretudo, de ordem econômica⁴².

Criado entre os ‘campos indivisos’⁴³ do sertões, Andrade (1963, p. 180) aponta que “os grandes sesmeiros mantinham alguns currais nos melhores pontos de suas propriedades dirigidos quase sempre por um vaqueiro que ou era escravo de confiança, ou um agregado que tinha como remuneração a “quarta” dos bezerros e potros que nasciam”. Essa ‘tática’ de remuneração apontada pelo autor, marcou o trabalho do vaqueiro durante o período colonial e também depois dele. Até que, finalmente, em 2013 a Lei nº 12.870 estabeleceu em seu artigo 1º que “fica reconhecida a atividade de vaqueiro como profissão”. Apesar da regulamentação da atividade como profissão trazer garantias, as vezes estas ficam somente no papel, com vistas à realidade local e também se for levada em consideração as dificuldades deste setor econômico, mormente em municípios de pequeno porte, como Manari, por exemplo, em que a demanda é de pequenos produtores rurais, e acaba prevalecendo o acordo entre vaqueiro e criador.

Além de proporcionar o surgimento da figura do vaqueiro, o ciclo do gado terminou possibilitando o nascimento das festividades em torno do ofício vaqueiro, como por exemplo:

⁴² Para compreender a dinâmica das relações econômicas no sertão, a importância do ciclo do gado para a região, consultar a obra: **A civilização do couro**. R. P. Castelo Branco. Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda. Teresina – PI, 1942.

⁴³ Termo utilizado por Cascudo (2000, p. 92) ao referir-se sobre a prática da criação do gado nos sertões do Nordeste, sobretudo, durante o período colonial. Até que com a expansão do cultivo algodoeiro, a região se viu obrigada a estabelecer ‘fronteiras’, os proprietários começaram a cercar seus roçados, com isso, começou a delimitar e reduzir a área de trânsito dos rebanhos bovinos, e conseqüentemente se apequenou a área de atuação do vaqueiro.

a vaquejada ou corrida de mourão, a pega de boi no mato, a corrida de argola, e também, mais recentemente, a Missa do Vaqueiro, que apesar de ser um ato religioso, faz parte do cenário constitutivo do homem do campo e vaqueiro, espalhando-se por toda a região Nordeste. No MAPA 01, poderemos observar como estão distribuídas pelo território manariense:

MAPA 01: Identificação e localização das Festas de Gado no município de Manari – PE.



Fonte: O autor, 2018.

Ao se observar o MAPA 01, é possível perceber que no município de Manari a vaquejada ou corrida de mourão se sobrepõe a prática de corrida de argola e também a pega de boi no mato. Esta última já foi muito mais popular, mesmo antes de virar um produto de exploração comercial. Sobre estas festas, Cascudo (2012, p. 719) registra que são “popularíssima(s) no sertão e reúne(m) um grande número de curiosos. Algumas atraem vaqueiros famosos que vêm de longe”. São verdadeiros pontos de encontro e celebração, que parece soar para a cultura vaqueira, como o momento de contínua manutenção de suas raízes históricas, reafirmadas a cada evento. Essas festas, como veremos a seguir, representam um momento de sociabilidade, de relações de poder, de contato entre pessoas de diferentes localidades, de interação, de dar corpo e voz àqueles que permaneceram ‘silenciados’ pela história oficial.

1.3.1 A Vaquejada ou Corrida de Mourão

Caracterizando tais eventos que envolvem a atividade vaqueira, Cascudo (1956, p. 29) afirma que “a festa mais tradicional no ciclo do gado nordestino é a Vaquejada”, fato que se reafirma nos dias atuais, inclusive dentro do município de Manari.

Ainda segundo o autor, a vaquejada pode assim ser definida:

Reunião do gado, nos fins do inverno, para o beneficiamento, castração, ferra, tratamento de feridas, etc. Outrora, o gado do Nordeste era criado como no Sul, nos campos e pastagens indivisas. A reunião anunciava a divisão, entrega das reses a seus proprietários, a *apartação*. Uma certa parte do gado era guardada ou reservada para a derrubada, a vaquejada propriamente dita, o folguedo de derrubar o animal, puxando-o bruscamente pela cauda, indo o vaqueiro a cavalo. Correm sempre dois cavaleiros e o colocado à esquerda é o *esteira*, para conservar o animal em determinada direção. Emparelhado o cavaleiro com o novilho, touro boi ou vaca, aproximado o cavalo, o vaqueiro segura a cauda do animal dando um forte puxão e, no mesmo minuto, afastando o cavalo. É a *mucica* ou *saiada*. Desequilibrado, o touro cai, espetacularmente, patas para o ar, *mocotó passou!* Se não o derruba e o novilho alcança livrar-se, *botou o boi no mato*, e há uma vaia estrepitosa (ibidem., p. 713-714).

Gestada como um momento de diversão entre os vaqueiros depois de dias exaustivos de trabalho “reunindo a gadaria esparsa pelas várzeas” (CASCUDO, 1966 p. 5), a vaquejada, antes de se tornar um evento festivo com objetivos financeiros, era segundo Cunha (2016, p. 142) um “trabalho consistindo essencialmente no reunir, e discriminar depois, os gados de diferentes fazendas convizinhas que por ali vivem em comum, de mistura em um compáscuo único e enorme, sem cercas e sem valos”. Esse trabalho reunia vaqueiros de diferentes propriedades, que “depois, ao findar do dia, a última tarefa: contam as cabeças reunidas. Apartam-nas. Separam-se, seguindo cada um para sua fazenda tangendo por diante as reses respectivas” (*ibidem*, p. 143).

Ressignificada com o passar dos anos, a atividade tornou-se um elemento de densa identificação com a cultura do homem do sertão, seja ele rural ou urbano, assim como transpõe com a realidade social do vaqueiro e coaduna-se à vivência da gente sertaneja, “Mesmo desaparecida a “apartação”, pela presença dos campos cercados, a vaquejada continua por todo o Nordeste como festa de destreza, presença tradicional de fidelidade ao passado” (CASCUDO, 1956, p. 30). Historicamente constituída, a vaquejada ou corrida de mourão, tem dado importante contribuição para o fortalecimento da cultura do vaqueiro no município de Manari, sobretudo, após o advento da Missa do Vaqueiro; bem como para as relações sociais do homem do campo, que conforme narrativas apresentadas pelo senhor Denisson Rodrigues D’Almeida

Lins⁴⁴, se tornaram um complemento para a economia familiar dos proprietários de parques, que rotineiramente organizam festas de vaquejadas.

“Existe o retorno financeiro. Você hoje, organiza uma corrida dessa, você tem o retorno das senhas que você vende, né? bem como da atividade paralela; que uma vaquejada ela tem muitas entradas de recursos: o bar, o forró, a festa que você organiza, as barracas com petiscos, lanches; então tudo isso envolve um retorno financeiro. Até pra que se tenha condições de manter a estrutura. Que não é barato manter uma estrutura. É cara, né?” (ENTREVISTA COM DENISSON RODRIGES D’ALMEIDA LINS, 17/01/2019).

Para que toda a estrutura apresentada pelo narrador seja considerada adequada à prática esportiva, os parques de vaquejadas devem seguir diversas exigências e regras de estruturação e organização, que são determinadas pela ABVAQ⁴⁵ – Associação Brasileira de Vaquejada. E, para seu correto funcionamento, o proprietário deve atentar aos requisitos exigidos, e dessa forma, garantir o bem-estar animal, sobretudo, daqueles que estarão sendo utilizados durante toda a competição.

Conforme análise das narrativas do entrevistado, para a prática da Vaquejada ou Corrida de Mourão, o cavalo mais apropriado para a aludida prática esportivo-cultural seria o da raça quarto de milha, que por sua robustez, teria maior força, agilidade e seria mais rápido nas pistas. Além disso, durante a participação em competições do tipo, os vaqueiros também devem seguir uma série de exigências a respeito de sua montaria, como por exemplo, não fazer uso de objetos que venham causar transtorno ao animal, sob pena de ser eliminado das provas ou do circuito que esteja participando.

Dentro do município de Manari, como podemos observar na IMAGEM 01, logo abaixo, também é comum a prática do bolão de vaquejada, que consiste na competição entre duplas,

⁴⁴ A escolha do senhor Denisson Rodrigues D’Almeida Lins como colaborador da pesquisa, se dá pela relação proximal com o campo, visto que, ao chegar em terras manarienses passou a criar gado leiteiro e cavalos de raça. É proprietário de um parque de vaquejada no município, no qual comumente são realizadas as afamadas corridas de mourão, em que chega a reunir uma parcela significativa de vaqueiros da região para tal evento. Organiza um dos maiores grupos montados chamados de ‘vaqueiros camisa branca’ para a participação na Missa do Vaqueiro. Em suas narrativas destaca ser de elevada relevância, fatores como a cultura e elementos que coadunam com o próprio contexto social da solenidade religiosa. O narrador apresenta-se como um entusiasta dos elementos festivos do vaqueiro, apesar das dificuldades e da falta de incentivo à cultura no município, além de estar promovendo eventos alusivos e penetrando novas modalidades esportivas que podem ser desenvolvidas na região.

⁴⁵ A ABVAQ mantém um site em que apresenta todos os regulamentos, manuais, termos de compromisso e modelos de relatórios, que podem ser facilmente acessados e reproduzidos em conformidade com cada parque de vaquejada, através do link: <http://www.abvaq.com.br/regulamento>. Acesso em: 14/04/2019. A importância da associação é sentida na narrativa apresentada pelo senhor Denisson Rodrigues D’Almeida Lins durante entrevista, ao afirmar que: “com as regras que a ABVAQ criou, associadas as condições da lei, melhorou bastante. Existiam sim, maus-tratos. Hoje, algumas regras, como principalmente, a proibição de uso de chicotes, de esporas pontiagudas, a questão da camada de areia, que tem toda uma fiscalização antes do início da vaquejada”. Fato que corrobora ao aludido no texto.

até que restem somente duas ao final, da qual uma se sagrará campeã. Geralmente mais curto que um circuito de vaquejada, os bolões têm uma premiação mais modesta. Em geral, são organizados por membros familiares ou entre amigos, como pode ser percebido no cartaz anunciativo.

IMAGEM 01: Cartaz de divulgação para Bolão de Vaquejada.



Fonte: Reprodução/Parque de Vaquejada Cícero Manoel, 2019.

Pode-se perceber no cartaz acima, entre os elementos constituintes, uma frase chamativa que reforça a construção histórica, imagética e cultural do vaqueiro no município de Manari, uma vez que vaquejada ou corrida de mourão, é um legado do ciclo do gado no sertão do Nordeste, mesmo que ressignificada, além de ter se transformado em modalidade esportiva, com fins comerciais e financeiros, em 2016 esteve envolvida em polêmicas sobre maus tratos a animais, e questionado seu valor histórico, cultural e artístico. Chegando, inclusive, a ser proibida a realização de circuitos de vaquejada, como aconteceu no Distrito Federal.

A Lei nº 13.873/2019 regulamenta e reconhece em seu artigo 1º:

o rodeio, a vaquejada e o laço, bem como as respectivas expressões artísticas e esportivas, como manifestações culturais nacionais, eleva essas atividades à condição

de bens de natureza imaterial integrantes do patrimônio cultural brasileiro e dispõe sobre as modalidades esportivas equestres tradicionais e sobre a proteção ao bem-estar animal.

Apesar da redação dada por força da lei, a problemática em questão está longe de atingir um consenso entre os defensores da causa animal e os interessados na manutenção da prática esportivo-cultural. Segundo Cascudo (2000, p. 92) “na literatura colonial, não há registro das “Vaquejadas” como a conhecemos no nordeste brasileiro” imbuída por novos signos, tornou-se a prática cultural-competitiva mais famosa da região, que reúne para sua realização, inúmeros admiradores, turistas e vaqueiros, assim como as pegas de boi no mato, como veremos a seguir.

1.3.2 A Pega de Boi no Mato

Dentro do circuito cultural e competitivo, bastante comum em terras manarienses, estão as pegas de boi no mato. Ao analisar as narrativas do senhor João Francisco da Silva, é possível notar que diferentes localidades no entorno do município promoviam as afamadas caçadas de bois nas caatingas. Ainda é possível perceber a popularidade da modalidade esportiva e seu caráter festivo, bem como sua expansão dentro do próprio município. É uma prática esportivo-cultural que se estabeleceu na aludida municipalidade muito antes da vaquejada ou corrida de mourão ganhar toda a notoriedade e espaço que tem atualmente, e também é a modalidade que mais se aproxima da realidade vivenciada no campo de trabalho pelos vaqueiros.

O senhor João Francisco da Silva destaca entre suas narrativas, que:

*“Quando começou as **fe**sta, começou **fe**sta só era um boi, só era um boi de festa quando começou. Boi de campo, de pegar no mato. Só era um boi. Agora, era **doir** dia de campo e **doir** dia de festa. agora depois de **cé**xto tempo, aí bota é quinze, vinte, vinte e tantos boi numa... festa. **Mais** quando no **ô**to tempo, só era um boi. Agora, era um boi brabo, na caatinga **prumodi**... juntava cem, duzentos **vaquero** ou mais, **prumodi** correr **atrás** de um boi. Gostava muito. Dava valor” (ENTREVISTA COM JOÃO FRANCISCO DA SILVA, 19/09/2018).*

Ao se analisar a narrativa do entrevistado, nota-se que a prática esportivo-cultural foi sendo ressignificada com o passar dos anos, e como cada geração vai atribuindo novos sentidos, valores e significados para a própria cultura. Iniciada de forma modesta, com apenas um animal em disputa, e com vistas ao retorno financeiro que poderiam obter, os organizadores começaram a ampliar o leque de disputa, expondo vários animais para a prática competitiva que se realizaria, como poderemos observar na IMAGEM 02. Além do contexto histórico e do processo de ressignificação da citada modalidade competitiva, as narrativas apresentadas

durante a realização da entrevista, denotam a importância que a prática de pegar boi no mato teve em sua vivência pessoal, e talvez, na profissional também.

A pega de boi no mato, consiste na soltura de um certo número de gado bovino na caatinga – depende muito de quem organiza o evento – para em seguida os vaqueiros embrenharem-se na mata, identificar, aprisionar o animal e trazer a correia de couro que fica presa a seu pescoço, que representará o valor do prêmio a ser pago. Reitera-se que a premiação a ser paga, referente à pega destes animais, varia conforme a sua ferocidade, o seu sexo e a sua idade. Geralmente, o animal mais feroz, arreado e forte, independentemente do sexo, é o de maior valor. Além disso, é nesta modalidade festiva, que o vaqueiro faz uso do seu tradicional traje típico por completo, sendo, portanto, a indumentária de couro, usada quase como uma armadura que protege o competidor.

Porém, dissonante dos fatos apresentados acima e das narrativas expostas que versam sobre a modalidade cultural e festiva de pega de boi no mato, dadas por quem cresceu neste meio, experienciou tal realidade e tomou para si, como elemento de identificação social, profissional e de vida, membros da Comissão Organizadora da Missa do Vaqueiro, sugerem em suas narrativas não ver “*Manari como terra de vaqueiro*”. Nestas palavras, estão contidas a negação de uma construção histórico-cultural em que expressam desconhecer em profundidade um contexto social, político e existencial, somente pelo fato do sujeito, que também é igualmente histórico, não fazer uso de um paramento vestual.

A negativa, conforme o senhor Ricardo Vieira Malta⁴⁶, justifica-se

*“No sentido do vaqueiro encourado, né?! Que entra na caatinga. Até porque nosso município é um município pequeno, e não é um município de grandes fazendas. Nosso vaqueiro, é um vaqueiro de blusa; um vaqueiro que lida com o gado todo dia, que faz seu trabalho, mas **num** precisa entrar tanto em matagal; até porque nossos matagais são pequenos, né. Mas, se... se consideram como vaqueiros, né?! E criadores!”*
(ENTREVISTA COM RICARDO VIEIRA MALTA, 25/03/2019).

Apesar da narrativa pontuada durante a entrevista estar direcionada a um contexto contemporâneo, ou seja, em que o gado não é mais totalmente criado por campos indivisos,

⁴⁶ O senhor Ricardo Vieira Malta é membro da Comissão Organizadora da Missa do Vaqueiro de Manari. Lida diretamente com a articulação e a organização do evento em si. Sua escolha se dá pela ampliação e compreensão do contexto histórico, político, social e econômico do objeto pesquisado. Tem como principal função, organizar e articular a ponte entre os três órgãos envolvidos na realização do evento religioso. Apesar das discordâncias existentes, os membros da Comissão são parte importante da estruturação criada para a manutenção da promessa. Reunidos sob a incumbência do fundador, Zé Pesqueira, que convidou amigos de profissão para ajudar na manutenção do ato litúrgico que começara a ganhar forma. Hoje, a atual Comissão pouco lembra sua formação original, apesar de hipoteticamente, manter os mesmos objetivos. Porém, diferentes interesses, agora fazem parte e tomam partido, se assim lhe aprouver.

soltos pelas caatingas, não há elementos que justifiquem negar a um sujeito ou a uma região com construções sociais, culturais e históricas, a identificação que lhe é de pertença, mesmo que a criação de gado seja feita em roçados, como é atualmente. Contudo, alguns criadores ainda mantêm rebanhos soltos, que só reúne em certos períodos do ano como seus antepassados faziam. A esse contexto, não se pode definir, delimitar ou negar ao vaqueiro, sua construção imagética, histórica e social, somente através dos elementos de seu vestuário.

No que compete a realização da modalidade esportiva, uma observação se faz bastante pertinente, já que de acordo com a história, antes de se iniciar a tão propalada apartação, os vaqueiros embrenhavam-se nas caatingas para encontrar e reunir a gadaria e tanger para os currais; a pega de boi no mato seria a ‘mãe’ das atividades culturais e competitivas que se desenvolveram dentro do ofício vaqueiro. Atentando-se aos fatos, este é um dos princípios da pega de boi no mato: adentrar à caatinga e encontrar o(s) animal(is) que foi(ram) posto(s) em disputa(s).

Sem a mesma estrutura em que geralmente está envolta as vaquejadas, as pegas de boi no mato ocorrem com mais discricção e maior frequência, visto que não precisa de um espaço próprio e específico, como os parques de vaquejada para ser realizada. No entanto, o espaço de um parque de vaquejada pode ser aproveitado em sua estrutura para a realização. Comumente acontece no espaço rural do município, podendo a organização do evento ser feita em família, como pode ser observado na IMAGEM 02 ou entre amigos. Todo um aparato estrutural é montado e organizado para receber os vaqueiros participantes, bem como o público que vai para participar do momento festivo, em que prevalece bandas ou grupos musicais que cantam a modalidade musical apreciada, sobretudo, pelos vaqueiros.

No cartaz de divulgação apresentado na próxima página, é possível perceber que o organizador do evento, aproveitou a estrutura já existente de seu parque de vaquejada para a realização da pega de boi no mato. Além disso, a premiação se dará com a pega de dez bois que serão soltos na caatinga. Para o(s) vaqueiro(s) que conseguir(em) pegar o primeiro lugar será recompensado com a quantia de R\$ 500,00 (quinhentos reais), enquanto o décimo lugar terá um valor auferido em R\$ 300,00 (trezentos reais). Também é possível perceber que estes valores, referentes a cada animal posto em disputa, serão pagos pelos patrocinadores da atividade cultural-competitiva, acordados anteriormente pelo organizador do evento. Geralmente esses financiadores são figuras conhecidas do meio político, como prefeitos e vereadores, além de comerciantes, produtores rurais, vaqueiros, amigos, bem como membros de sua parentela, entre outros – diferentemente do que é observado na organização das Corridas de Argola, como veremos no próximo subitem. Estes patrocínios são facilitados pelas relações

proximais e também de poder, que estão estabelecidas anteriormente e que tem o desígnio principal de angariar recursos financeiros que servirão para custear a realização do evento.

IMAGEM 02: Cartaz de divulgação para Pega de Boi no Mato



Fonte: Reprodução/Parque Nossa Senhora Aparecida, 2019.

Como se pode observar no cartaz, os vaqueiros também pagarão um valor referente a sua inscrição, que os habilitarão a participar da disputa, que conforme está exposto, foi de R\$ 70,00 (setenta reais), e que também lhe garante o almoço. O público masculino não vaqueiro, pagará um ingresso de R\$ 20,00 (vinte reais) para adentrar ao recinto em que acontecerá a festa; já para o público feminino, a entrada é franca. Estratégia muito utilizada pelos organizadores, que serve para atrair mais clientes, sobretudo, os do sexo masculino.

1.3.3 A Corrida de Argola

Além da vaquejada e da pega de boi no mato, a outra modalidade competitiva que faz parte do universo constitutivo do vaqueiro manariense, é a corrida de argola, como podemos observar na IMAGEM 03, abaixo. Consiste em uma competição individual, que requer dos competidores muita habilidade com a sua montaria e uma boa pontaria, para acertar uma

minúscula argola de ferro, que fica presa por uma fita, amarrada em uma trave, fazendo uso de uma pequena espécie de ‘lança’. Para atingir o alvo, o vaqueiro deverá sair em disparada de um ponto predeterminado pela organização do evento e tentar atingir a argola, colocando a pequena lança dentro e conseqüentemente retirando-a da trave. Suas origens remetem-se à Idade Média e estabeleceu-se no Nordeste do Brasil ainda durante o período colonial, porém, a corrida de argola é menos famosa que as outras duas modalidades competitivas destacadas acima e bem modesta, assim como a premiação que é entregue aos vencedores. A organização deste tipo de evento também permeia o ambiente familiar ou pode se realizar entre amigos, e também pode ser organizado de forma individualizada, depende muito do local em que ocorrerá a competição.

IMAGEM 03: Cartaz de divulgação para Corrida de Argola.

Parque Simões filho

Convidamos a todos os corredores de argola e seus familiares que Venha participar da segunda festa de argola no parque Simões filho Que será realizada no DIA 03 DE SETEMBRO DE 2016 com uma noite De forró para todos (a) que comparecer a festa

PREMIAÇÃO

1º LUGAR	300,00 REAIS
2º LUGAR	200,00 REAIS
3º LUGAR	150,00 REAIS

MAIS UM LITRO DE WISK PARA O VAQUEIRO QUE BATER AS DUAS PRIMEIRAS SENHAS NO NOME DELE E ESTANDO CLASSIFICADO NA FINAL

VALOR DA SENHA - 10,00
TRES POR ----- 20,00

ATENÇÃO O PARQUE SIMOES FILHO FICA LOCALIZADO NA BEIRA DA BR SENTIDO A ITAIBA Á UM QUILOMETRO DE MANARI.

DESDE JÁ AGRADECEMOS A PRESENÇA DE TODOS (a)

ORG;
OS
COMP
ADRES

Parque SG São Gerardo

Fonte: Reprodução/Parque Simões Filho, 2016.

A IMAGEM 03 mostra a parte organizativa de uma corrida de argola no município de Manari. Geralmente, além da atividade competitiva, a organização realiza ‘uma noite de forró’ que ajuda a custear as despesas dispendidas para que o evento pudesse se concretizar. O valor unitário da senha ou inscrição para se habilitar a competição, como pode ser observado, custa R\$ 10,00 (dez reais); já o conjunto de três senhas, podem ser obtidos por R\$ 20,00 (vinte reais). Os vaqueiros competidores são organizados em grupos, e o vencedor de cada grupo é direcionado para a final, no qual estarão em disputa uma certa quantidade de lugares, que no exemplo do cartaz exposto na página anterior, foram ofertadas premiações até o terceiro lugar, além de uma bonificação extra de um litro de bebida alcoólica para o vaqueiro competidor que

conseguir a feita de acertar duas vezes seguidas a argola. Neste tipo de disputa, assim como na vaquejada, se dispensa o uso da indumentária de couro.

A simplicidade exposta na elaboração do cartaz demonstra a falta de recursos e patrocínios para ajudarem a custear a realização do evento, diferentemente do que acontece com as Vaquejadas, com as Pegas de Boi no Mato e com a Missa do Vaqueiro, como veremos no último subitem deste primeiro capítulo, no qual um número considerável de indivíduos coopera com o custeio. Como está demonstrada, a premiação ofertada para os três primeiros lugares fica na conta de R\$ 650,00 (seiscentos e cinquenta reais). Além da premiação ser feita em moeda corrente, podem acontecer casos em que esta seja feita com animais, como bezerros ou carneiros, por exemplo. Tal competição acontece com certa assiduidade, mas ainda em menor frequência que as pegas de boi no mato.

1.3.4 A Missa do Vaqueiro

Fechando este item sobre as festividades alusivas ao universo constitutivo do vaqueiro, temos a mais recente de todas, a Missa do Vaqueiro – que será abordada com mais ênfase no próximo capítulo –, que em seu aspecto cultural⁴⁷ é tida como o principal elemento festivo e religioso no município de Manari. Com uma trajetória histórica construída no decurso das três últimas décadas, tem se firmado no calendário religioso e também festivo da cidade, como o evento de maior expressão cultural e de fé. Suas origens estão permeadas por elementos da cultura do vaqueiro, legado do processo colonizador/explorador do sertão, assim como pela religiosidade católica, que nas narrativas do padre Giorgio Botta⁴⁸, age na manutenção de uma historicidade secular, carregada por valores culturais e simbólicos.

“O resgate da cultura local, sempre é bom. Valorizar Manari como área de criação e dos agricultores. É uma categoria que tem que ser valorizada, reconhecida e

⁴⁷ “Por meio da história oral, por exemplo, movimentos de minorias culturais (...) têm encontrado espaço para validar suas experiências, dando sentido social aos lances vividos sob diferentes circunstâncias” (MEIHY E HOLANDA, 2010, p. 26 e 27); a Missa do Vaqueiro de Manari é parte componente destes movimentos de minorias, além disso, tudo o que se sabe sobre esse evento, é fruto do processo de transmissão oral, que agora começa a ser escrito, com a intenção de que não se percam com o tempo, ou acabem caindo no esquecimento. A memória tanto coletiva, quanto individual, nos permite fazer esse desvelo.

⁴⁸ Padre Giorgio Botta, é italiano, nascido na cidade de Novara. Reside no Brasil desde a década de 1990, e, é pároco no município de Manari desde 2004, muito antes da criação da paróquia. Como sujeito da pesquisa, sua colaboração é justificada pela longa atuação à frente da Igreja católica local. A partir de então é o oficiante da Missa do Vaqueiro, e tem atuado ativamente na reorganização e adequação do ato religioso, para que possa atender aos anseios da liturgia cristã, bem como da comunidade católica manariense. Por ter uma atuação ao mesmo tempo técnica e criteriosa, por não aceitar ou não concordar que certas coisas aconteçam fora dos ditames exigidos pelo rito católico, foi possível notar durante o momento de realização da entrevista, que o pároco sente que estão lhe culpando pelos percalços existentes em torno da solenidade religiosa.

apreciada de forma ostensiva” “que também eles têm toda uma parte de companheirismo, de vida de comunhão, de amizade, de parceria; também os vaqueiros são testemunhos vivos daquilo que é a experiência do sertão e de sobrevivência no sertão” (ENTREVISTA COM PE. GIORGIO BOTTA, 20/06/2018).

Durante o transcorrer das entrevistas que se realizaram foi recorrente a observância de elementos positivos e negativos. No que compete aos valores históricos e culturais, a realização de uma missa para os vaqueiros, agricultores e criadores, tem apresentado um saldo positivo, como podemos denotar da narrativa exposta acima ou conforme a descendente do fundador da solenidade religiosa em terras manarienses, a senhorita Norma Waleska Monteiro Lima⁴⁹ (27/06/2018), destacou em suas narrativas que *“Ela é referência! Eu acho que ela trouxe mais contribuições do que consequências”*. Na mesma linha de raciocínio da citação exposta acima, os membros da Comissão Organizadora, na figura do senhor Ricardo Vieira Malta (25/03/2019) em suas narrativas denota a importância que se tem vinculado em torno da realização e da manutenção da Missa do Vaqueiro durante estes trinta e dois anos, por seu caráter social de fomento à cultura vaqueira, ou como destacou senhorita Amélia Wanessa Monteiro Lima⁵⁰ (25/03/2019): *“a disseminação da cultura”* de um contingente profissional bastante numeroso e significativo para a região.

Para o senhor Ricardo Vieira Malta:

“As consequências pra o município é que nem eu falei no início, é positivo, no sentido de levar de Manari bons comentários. Quem vem de fora, sai com uma boa impressão. E sabe que num existe só miséria. Existe na sua essência de seu povo, um povo que quer melhores dias. Um povo que com seu esforço, com seu trabalho, faz sua parte. E, infelizmente poderia ter muitas coisas melhores, mas que também não se acomodam por ali” (ENTREVISTA COM RICARDO VIEIRA MALTA, 25/03/2019).

A partir da análise das entrevistas e com base no exposto acima, é possível perceber uma preocupação constante nos moradores de Manari em demonstrarem somente as coisas boas e o lado positivo que existem dentro da aludida municipalidade, já que durante muitos anos, sobretudo, a partir do início dos anos 2000, quando foram divulgados os dados referentes ao

⁴⁹ A escolha da senhorita Norma Waleska Monteiro Lima, se pauta pelo fato de ser neta de Zé Pesqueira, o idealizador e responsável pela criação e manutenção das primeiras celebrações da Missa do Vaqueiro. Com seu falecimento, a Família Monteiro Lima como herdeira, de fato, é guardiã de sua história e acervo, além de continuar dando cumprimento à promessa feita por este. Em tempo, a família é uma das mais antigas a se instalarem na região, têm uma relação muito proximal com a comunidade católica, além de serem noiteiros dos novenários de Nossa Senhora da Conceição e do padroeiro São Sebastião.

⁵⁰ A escolha da senhorita Amélia Wanessa Monteiro Lima, se pauta pelo fato de também ser neta de Zé Pesqueira e também por sua atuação como membro da Comissão Organizadora da Missa do Vaqueiro de Manari, uma das primeiras mulheres a figurarem na organização do evento como um todo, não somente aos bastidores.

IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal, com base no Censo Demográfico realizado pelo IBGE em 2000, e o município figurou com o pior IDHM entre os 5507 municípios do Brasil à época. Desde então, há um receio público e notório nestes munícipes em relatarem aspectos ou pontos negativos sobre fatos e acontecimentos da localidade. Com a Missa do Vaqueiro, as entrevistas realizadas demonstraram que não seria diferente. Há um bloqueio, ainda não totalmente superado, gerado pelo impacto que a notícia acometeu ao município e seus habitantes, mesmo dezesseis anos depois.

Como contraponto aos aspectos positivos que a solenidade religiosa demanda para a visibilidade do município além de suas fronteiras, o senhor Ricardo Vieira Malta (25/03/2019), pondera de forma bastante lacônica e quase tímida, que “*de consequências negativas, eu temo uma politização da Missa*” que coaduna com a narrativa da senhorita Norma Waleska Monteiro Lima (27/06/2018), ao enfatizar como pontos negativos a “*resistência dentro da igreja e da polarização política*”. Conservadorismo e politização, são dois elementos que se caracterizam pelas relações de poder e pela resistência ao exercício desse poder. Relações conflituosas que se apresentam como uma das maiores problemáticas que se instalaram nas estruturas internas da Missa do Vaqueiro, além das questões religiosas, como o “sagrado” e o “profano”, que serão abordados com mais ênfase a partir do terceiro capítulo.

Celebrada sem interrupções desde sua fundação, mesmo encarando dificuldades, principalmente de ordem financeira, tem ganhado *status* de evento religioso com grande aceitação pública, visto que o número de vaqueiros e participantes têm crescido durante o decurso dos anos, apesar dos períodos cíclicos de seca. Acrescenta-se a esse contexto, a aceitação por ampla maioria dos próprios munícipes, que, por ter uma forte ligação com o campo, acabaram se identificando e adquirindo um sentimento de pertença, em que é praticamente impossível dissociar a Missa do Vaqueiro do novenário de São Sebastião, que é celebrado anualmente na Igreja Matriz do município de Manari, desde a segunda metade do século XIX, entre os dias 10/01 – com a procissão de hasteamento da bandeira, seguida por uma missa; e 20/01 – com a missa de encerramento. Del Priore (2017, p. 351) assinala que essas “festas de santos [...] reforçavam as relações familiares e comunitárias”. As chamadas festas de santo como se referiu a autora, hoje, constituem um importante patrimônio cultural e imaterial para o país.

A Missa do Vaqueiro denota a importância da relação que o homem tem com o campo, assim como com seus elementos constitutivos, que não se resume a ser somente vaqueiro, é também criador e agricultor, uma vez que o contato com esta realidade, bastante proximal, por assim dizer, permite apropriar-se de tal identificação para si. Dentro deste contexto, a Missa do

Vaqueiro pode ser encarada como um instrumento que torna protagonista de sua própria historicidade – como veremos no capítulo a seguir – o homem do campo, que faz da profissão como vaqueiro, criador ou agricultor, sua principal ferramenta de trabalho e vivência, ainda que esteja cercado por dificuldades que lhes são interpostas pela condicionalidade climática da região.

CAPÍTULO II

**2. A TRAJETÓRIA DA MISSA DO VAQUEIRO EM MANARI:
HISTÓRIA, MEMÓRIA E CULTURA**

2.1 Entre histórias, memórias e narrativas

Com o desenvolvimento desta pesquisa, sobretudo a partir das narrativas dos colaboradores, denotou-se que a trajetória histórica do município de Manari é repleta de lacunas e incompletudes, assim como a historicidade do objeto em estudo. Estas observações são resultantes da análise das entrevistas realizadas, destacando-se entre os entrevistados críticas a ausência de interesse – seja da administração pública ou de uma parcela significativa dos moradores – pela própria historicidade, permanecendo um território com histórias e culturas silenciados, sem que se debrucem sobre suas origens, ou que discutam o surgimento da solenidade religiosa no município, assim como as questões que levaram Zé Pesqueira, a idealizar uma missa para os vaqueiros de Manari. Creio que a ausência de material escrito, seja ele documental ou jornalístico, resulta em um silenciamento de inúmeras histórias e acontecimentos, de pessoas e lugares, de partes de um Brasil que historicamente, não tem tido voz e é deixado de fora dos livros de história. De um Brasil que só é visto pela sua condicionalidade climática e também por sua miserabilidade social.

Em oposição a este silenciamento⁵¹, pensar a Missa do Vaqueiro é pensar a própria história do município. Pensar suas origens, requer o romper de barreiras interpostas pela condicionalidade temporal. É mergulhar entre histórias guardadas, através de memórias⁵² que nem sempre arcarão com a realidade propriamente acontecida, que poderia, imageticamente ser inventada, já que como aponta Schwarcz (2019, p. 20) é impossível “dominar totalmente o passado” e o ato de lembrar, rememorar, recontar, transmitir a outrem, é uma ferramenta que possibilita repensar o passado no tempo presente, facilitando, neste caso, a escrita e análise do que se rememorou através das entrevistas realizadas, tendo o pesquisador/historiador, consciência de que o passado de seu objeto de pesquisa é impossibilitado de ser revisitado e/ou escrito em toda sua completude.

Neste caso, a memória e a oralidade atuam como recursos metodológicos importantes, que devem ser trabalhados cuidadosamente quando se procura trazer à luz, histórias não escritas, não documentadas ou não registradas, de lugares desprovidos de documentos

⁵¹ Este silenciamento parte da realidade vivida pelos munícipes de Manari, em que “estas lembranças de agrupamentos minoritários são relegados a uma existência reprimida e silenciosa” conforme Rodrigues (2013, p. 57) ao analisar os conceitos de “Memória Enquadrada” e “Memórias Subterrâneas” elaborados por Michel Pollak.

⁵² A conceitualidade de memória citado por Alberti (2004, p. 35) toma por referencial um texto de Niethammer, que cita a existência de dois níveis memorialísticos: a ativa e a latente, “a primeira seria aquela de que sempre precisamos e que está permanentemente à disposição, e a segunda, a memória que necessitaria de reconstruções e associações para ser recuperada”, associações que poderiam ser feitas através do uso do questionário para a realização de entrevistas, bem como, com o auxílio de outras fontes e instrumentos, como a fotografia, por exemplo.

palpáveis, como a aludida municipalidade, por exemplo, em que muito pouco se sabe sobre sua fundação, seu processo de ocupação e seus primeiros habitantes, bem como do objeto desta pesquisa. Para os munícipes manarienses, fragmentos de suas histórias têm resistido através dos tempos, pelas transmissões⁵³ orais, passadas de uma geração à outra. Uma história que apesar de não estar inscrita em livros e códices, tornou-se “uma história viva, que se perpetua ou se renova através do tempo” (HALBWACHS, 2003, p. 86). É uma história que perpassa por diferentes detentores de tal historicidade, e coaduna com o presente vivenciado. Alude-se aos fatos transpostos, carregados por toda uma bagagem de memória, sobretudo dos mais velhos, que está impregnada de representações que podem facilmente terem sido tomadas a partir de observações e vivências do tempo presente, e reproduzidas imagetivamente, não correspondendo à fidedignidade ou totalidade dos acontecidos de outrora, e que conforme o autor citado há bloqueios, de ordem natural, que impedem o sujeito lembrar de todos os elementos que constituiu dado acontecimento. De acordo com Ferreira (2002, p. 321) “a memória é também uma construção do passado, mas pautada em emoções e vivências; ela é flexível, e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente”.

Atentando-se aos apontamentos destacados no parágrafo anterior, em Manari, a transmissão de relatos orais de uma geração à outra, terminou possibilitando a criação de um acontecimento, atualmente bastante enraizado, já dado e posto, através de inúmeras gerações e que pode ser facilmente considerado imagético aos ouvidos mais atentos, e que de fato revela uma estereotipia construída sobre o sertão, que são os mitos fundadores. Pela ausência documental, tomamos de empréstimo as impressões de Ferraz e Barbosa na obra *Sertão: Fronteira do Medo*,

Sobre o sertão de Pernambuco poucos estudos foram publicados, comparativamente ao número de obras que se ocuparam da região litoral-mata (...). As obras mais conhecidas não esgotam informações (...) relativas à ocupação portuguesa, ao desenvolvimento socioeconômico durante os séculos XVI, XVII, XVIII e XIX. As pesquisas são limitadas, sobretudo, quanto à utilização de fontes primárias (FERRAZ e BARBOSA, 2015 p. 14).

⁵³ Essas transmissões orais, feitas pelos sujeitos que detêm o conhecimento sobre a historicidade da aludida municipalidade, podem, segundo Meneses (2009, p. 450) ser um “lugar de memórias”. Detentores de um conhecimento historicamente produzido/construído e passado de uma geração à outra, guardam em si, a chave para o conhecer-se e encontrar-se, num tempo e espaço, anteriormente posto e histórico. Para tal, Nora (1993) sugere que para ser cognominado como lugar de memória, precisa-se abranger três itens complementares: “material, simbólico e funcional. É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número uma maioria que deles não participou” (1993, p. 21 e 22). Com a missão de garantir a continuidade e existência da memória histórica, tornam-se elos de ligação entre os fatos dados e o presente cotidiano.

Com base nas informações apresentadas pelas autoras, e trazendo esta realidade para o local de desenvolvimento desta pesquisa, nota-se que, historicamente, criou-se um enredo em torno da nomenclatura primitiva destas terras, e o que se sabe sobre o aludido, mais parece um mito, do que uma realidade propriamente dita; e talvez, seja o mais enigmático mistério que ronda a ocupação e fundação da atual municipalidade. Segundo Correia,

Reza a lenda (sic) que a Mariana teria saído para apanhar lenha e umbu, e em seguida fora à lagoa pegar água (...) quando chegou lá se defrontou com um rebanho de porcos selvagens, conhecidos como queixadas, que a atacou e a devorou, junto com duas crianças que a acompanhava. Dado o acontecimento fatídico, em sua homenagem, a localidade passou a ser denominada de Alto da Mariana (CORREIA, 2016 p. 22).

Tal ocorrência, apesar de ser uma tragédia, podendo ser considerada como mítica e distante da realidade, já é bastante enraizada e romantizada no transpor da historicidade municipal. Contudo, nota-se diversas incongruências neste relato apontado pelo autor que é fruto da memorabilidade local. Primeiramente, não há registro de que estes porcos selvagens sejam carnívoros ou que ataquem humanos para devorá-los. E, em segundo lugar, a nominata citada, é uma invenção, criação imagética que se transpôs com o passar dos tempos, como se fosse uma verdade absoluta. Quanto à figura que emprestou seu epíteto para o local, suas origens são igualmente incertas, talvez, igualmente míticas. Escravizada ou não, indígena ou afrodescendente, a única certeza que se tem é que a história desta tragédia resiste através dos tempos, como marco inicial da fundação do município.

Assim como a história do próprio município, o evento religioso tem um processo histórico construído por esparsas memórias; e as narrativas orais apresentadas pelos colaboradores da pesquisa, trazem lembranças carregadas de histórias silenciadas, não minutadas, não reveladas até seu esgotamento, também pela impossibilidade de assim o fazê-lo. Daí a importância de se utilizar da História Oral “como recurso para a elaboração de registros, documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e grupos” (MEIHY; HOLANDA 2018, p. 17) que concernente ao objeto de pesquisa, são homens e mulheres agindo como partícipes de sua própria História. Um legado que se materializa no decurso de trinta e dois anos de realização, que vem tomando corpo e ganhando suas primeiras páginas; escritos que ficarão registrados como fontes documentadas para estudos e/ou pesquisas posteriores.

Além disso, é importante frisar que em conformidade com a proposição apontada por Alberti (2013, p. 75) “as fontes da história se diversificaram e passaram a incorporar, ao lado da documentação textual, fotografias, filmes, discos, entrevistas, propagandas, etc.”. Essa

ampliação tomada pelas fontes históricas no decorrer dos últimos anos, abre um leque abrangente de oportunidades para que pesquisadores se debruçam em pesquisas sobre os mais variados acontecimentos, principalmente os relacionados a um contexto micro histórico, assim como sobre minorias culturais, personalidades locais, como Zé Pesqueira (José Pedro Maria), como veremos no item a seguir, ou de lugares desprovidos de registros históricos, por exemplo.

2.2 Zé Pesqueira: o idealizador da Missa do Vaqueiro em Manari

Para compreender parte da história da Missa do Vaqueiro é preciso falar de uma das figuras mais emblemáticas que fizeram história em Manari. Seu nome, José Pedro Maria, é praticamente desconhecido pela população local, mas é o nome de registro do popularmente nominado Zé Pesqueira – que pode ser visto na FOTOGRAFIA 03 – que veio a ser o responsável por idealizar a Missa do Vaqueiro em Manari, como ritualização do milagre acontecido, fruto da promessa feita a São Sebastião, que veremos mais à frente, no item 2.3.

FOTOGRAFIA 03: Zé Pesqueira e vaqueiros posam para fotografia em frente a Igreja Matriz.



Fonte: Acervo particular da Família Monteiro Lima, 1995.

O registro da FOTOGRAFIA 03 apresenta um momento bastante simbólico, permite vislumbrar o envolvimento de Zé Pesqueira com a realização da Missa do Vaqueiro e a admiração dos companheiros de profissão, já que este é um dos poucos registros fotográficos

do citado – que aparece fotografado portando o seu tradicional chapéu de massa bege e óculos escuros – em momento de oportuna descontração, ladeado por um pequeno grupo de vaqueiros a cavalo, junto com seu filho, Tadeu, de camisa regata vermelha e chapéu de massa preto, ao centro da fotografia. O registro fotográfico é intencional, uma vez que buscou centralizar as figuras masculinas a cavalo, para ter como pano de fundo a fachada da Igreja Matriz. Possivelmente, fora feito após a celebração de mais uma edição da Missa do Vaqueiro. Também é possível notar, que alguns dos fotografados estão portando itens da indumentária do vaqueiro, que são utilizados na lida e no trato com o gado, como o chapéu de couro, o peitoral e o buzo, por exemplo; enquanto um agrupamento de espectadores, observam da calçada, o momento em que a fotografia é feita.

Homem do campo, com pouca instrução escolar, vaqueiro, criador e agricultor por profissão. Como o próprio pseudônimo sugere, é natural de Pesqueira, um município que está localizado no agreste do estado de Pernambuco. Parte de sua trajetória de vida é comum a muitos sertanejos.

Sua história é destacada em narrativas da senhora Maria do Amparo Lima:

*“Ele era um agricultor, gostava muito de criar seus **bixinho** também, né? Chegou e aqui casou com **Zefinha**, o nome dela é Amélia, chamada **Zefinha**, do Moxotó. (...) A família da finada **Zefinha**, eles tinham **muita terra**, seu Guilherme, o irmão dela, que era sargento, deixou muita terra para os irmãos e tudo. E aqui, ele tinha dois terrenos, e ele entregou a Zé Pesqueira **mais a Zefinha**, que era irmã dele. Ai pronto. Pra cuidar e tudo, criar os bichos. (...) Zé Pesqueira veio **praquê**, trocou um dos terrenos, colocou os bichos dele e tudo, gostou, ficou aqui. Ele gostava muito de negócio de novena, essas coisas, ele gostava. De zabumba. Ele sempre foi envolvido, né? (...) Ele sempre fazia novena lá no Mangueira. Aqui mesmo, quando ele fazia, assim, qualquer movimento pra igreja, sempre pintava a igreja, com o restante que sobrava do dinheiro (...) ele sempre doava pra igreja. Pra fazer alguma coisa na igreja” (ENTREVISTA COM MARIA DO AMPARO LIMA, 27/06/2018).*

Ajunta-se a esse contexto narrativo apresentado pela colaboradora da pesquisa, que a incursão Zé Pesqueira pelo sertão pernambucano começa quando vem para a antiga cidade de Moxotó – que atualmente figura como 1º distrito do município de Ibimirim – a procura de um parente próximo que estava preso nas dependências da citada municipalidade. Lá conhece Amélia Pereira Lima, que descende de uma das famílias mais tradicionais do lugar, a qual seria sua primeira esposa. Após o casamento, residem por pouco tempo na cidade de Moxotó, mudando logo em seguida para o distrito de Ibimirim, onde nasceram seus dois filhos biológicos: Benedito Rômulo Pedro Lima (*in memoriam*) e Antonio Tadeu Pedro Lima (*in memoriam*). O casal também tivera um filho adotivo: Jorge Luiz de Lima (*in memoriam*). Em sequência ao nascimento de seus filhos, o casal muda-se para o Sítio Raimundo, que fica

próximo ao município de Canapi, situado no sertão do estado de Alagoas, no qual Zé Pesqueira vai trabalhar e tomar conta de um barracão – uma espécie de bodega – de propriedade de um compadre seu, chamado Zé Laranjeira. Como uma espécie de gerente/vendedor, cuidava da contabilidade, enquanto vendia os mais variados produtos aos moradores e trabalhadores da região.

Conforme destaca Correia,

Após essa breve jornada de trabalho no estado de Alagoas, decide rumar destino ao Sítio Mangueira aproximadamente na primeira metade da década de 1950, onde se estabelece com sua esposa e prole. Passa então a comprar e vender gado, já que nestas bandas do sertão era grande a movimentação comercial e de criatórios de rebanhos bovinos. Diante de uma grande seca que assolou o sertão nordestino durante a década de 1970, Zé Pesqueira e família resolveram abandonar o sítio e migrar para o distrito de Manari, desta vez em definitivo, fazendo deste, sua última parada da incursão pelo sertão (CORREIA, 2016 p. 43).

“*Foi assim que eles se amarraram em Manari*” destacou de forma enfática a neta de Zé Pesqueira, a senhorita Norma Waleska Monteiro Lima (27/06/2018), durante o momento da entrevista. Ainda conforme análise da entrevista com a Família Monteiro Lima, desde que aportou no sertão, dedicou-se a atividade agropastoril e tornou-se um dos vaqueiros mais conhecidos da região, sendo este, o elo que o ligaria à criação do gado bovino e ao trabalho com o roçado. Dedicou parte de seu tempo livre a atividades voltadas às festividades religiosas e também às festas de gado. Foi a partir de seu envolvimento com esse meio festivo, que tomou conhecimento da Missa do Vaqueiro que começara a tomar forma e romper fronteiras do alto sertão pernambucano, a partir da década de 1970. Em suas narrações, a senhora Maria do Amparo Lima (27/06/2018) destacou: “*eu sei que ele achava muito bonito, a missa do Exu, né?! Quando ele ouvia falar da missa de Exu (...) que era uma das primeiras missa do vaqueiro, ele achava muito bonito*” diz referindo-se a Missa do Vaqueiro de Serrita, porém equivocando-se, ao trocar o nome da cidade por Exu, município também localizado no sertão do estado de Pernambuco, terra natal do cantor Luiz Gonzaga.

Entre fins da década de 1970 e início da década de 1980, a região Nordeste do Brasil enfrenta outro período de longa estiagem, que marcada pela ausência de chuvas, castigou o sertanejo, o homem do campo e o sertão como um todo, vitimando muitos animais, prejudicando a produção agrícola e a economia voltada para este setor. Diante de tal cenário, muitos produtores rurais, agricultores e vaqueiros, viam seus rebanhos sucumbirem e serem reduzidos. Dessa forma, era recorrente aos criadores observarem seus roçados e se deparar com a situação calamitosa, encontrando inúmeros animais mortos de um dia para o outro. Para os

que se denominam religiosos, como era o caso de Zé Pesqueira, ante a ineficiência e a inexistência de políticas públicas para ajudar no combate aos problemas causados, só restava a fé, enquanto instrumento de esperança para conter o avanço dos efeitos da seca.

As narrativas da senhora Maria do Amparo Lima (27/06/2018) destacam: “*ele fez umas promessas aí com São Sebastião e deu certo, os bichos do Mangueira deixaram de morrer e também de alguns vizinhos*”. Dessa forma, a história da promessa, como veremos a seguir, é revelada logo após o estancamento das mortes dos rebanhos e com o fim da seca. Para o devoto, conforme Souza (2013, p. 116): “O santo exerce, em todos estes casos, seu poder de domar a natureza, que deve se curvar ao poder divino nele incorporado; à sua capacidade de fazer milagres”. A crença do homem terreno no divino, o faz acreditar que a intervenção sagrada é real, que de fato aconteceu um milagre, como o que fora pedido em oração. Tal acontecimento, serve para reforçar o elo que liga o religioso ao orago, tornando-o devoto da santidade evocada. O milagre reafirma a força que o catolicismo exerce no cotidiano das pessoas que acreditam.

2.3 A promessa

Neste item, abordaremos sobre o elemento que justifica a criação e manutenção da Missa do Vaqueiro em Manari: a promessa. O milagre, como o acontecido a partir do pedido de intercessão feito pelo católico ao orago São Sebastião, pode ser definido da seguinte maneira, segundo Souza:

Um momento necessariamente único e irrepetível de interação entre o céu e a terra, entre o divino e o natural, no qual uma intervenção sobrenatural altera e transgride as leis da natureza, fazendo que o [que] não poderia ocorrer, de acordo com estas leis, ocorra. E se o milagre não pode [ser] repetido devido ao seu caráter extraordinário, ele pode ser ritualizado, e seus efeitos permanecem inalterados, sendo, eles próprios, dotados de uma força transcendente e milagrosa (SOUZA, 2013 p. 107).

E como fruto do milagre ou da graça alcançada, adotou-se como elemento de ritualização deste, a Missa do Vaqueiro, imbuída de signos, valores e simbolismos, que acabou por interligar ao seio do catolicismo local, a questão que o autor citado pontua como de profunda ressonância ao meio rural, e que seria uma estratégia de ressignificação da religiosidade da própria comunidade católica. Conforme Souza (2013) as festas católicas – e aqui poderia ser inclusa a Missa do Vaqueiro – são importantes para a compreensão da religiosidade e fé do brasileiro, já que “elas desempenhavam, com isto, um papel social, cultural, político e econômico que transcendia em muito sua origem religiosa, embora a expressão da fé

permanecesse como o núcleo que as sustinham” (*ibidem* p. 17). De acordo com a narrativa apresentada pela senhora Maria do Amparo Lima, matriarca da Família Monteiro Lima⁵⁴, nora de Zé Pesqueira:

“A promessa ele fez pra que os bichos parassem de morrer; que a doença nos bichos aplacasse. Como de fato parou. E o cenário era de seca. Era feio o cenário, não era muito bonito não. Quando ele fez a promessa, ele avisou ao povo, que como o gado tinha parado de morrer, o gado só não, todo o criatório, ele ia fazer uma noite de novena, no mês de janeiro, e que iria fazer no dia 10, que era pra abertura da festa. Aí começou a fazer no dia 10, (...) foi feita ainda dois anos. A primeira missa foi na calçada da igreja matriz. Depois cresceu, bem uns três anos ou uns quatro anos, a gente arrumou um caminhão, porque na calçada não tinha espaço, aí ficou realizando em cima” (ENTREVISTA COM MARIA DO AMPARO LIMA, 27/06/2018).

Admirador da Missa do Vaqueiro de Serrita e profundo conhecedor das questões temporais em torno do ofício vaqueiro, do trabalho com a criação de gado e com a labuta do roçado, Pesqueira – como era corriqueiramente chamado – tem diante do cenário calamitoso que vivenciara naquele período, uma oportunidade de deixar para as gerações futuras do município de Manari, uma festividade religiosa, que poderia perpetuar seu nome na história local. Talvez, esta não fosse sua intencionalidade, mas a materialização de sua promessa, imageticamente proposta e interposta a partir de um instrumento religioso, fez com que a Missa do Vaqueiro, trouxesse em seu bojo a figura que lhe ‘deu vida’.

Ao analisar a narrativa apresentada pela senhora Maria do Amparo Lima, nota-se em suas linhas, reflexos da dureza vivida na região em que se localiza o município de Manari, durante os anos iniciais década de 1980, que ao chegar trouxe em seu cerne um rastro desolador, e marcou em definitivo estas paragens sertanistas do Nordeste brasileiro, acentuando entre outros fatores, a miserabilidade social; a alta mortandade nos campos; com muitos animais mortos de fome e de sede, que pereceram ante a ausência de chuvas, insuficiência de alimentos, doenças e também pela escassez de água; pontos que marcam a série de imagens produzidas pela artista manariense, Clara Estela Malta Sonnenburg⁵⁵, que registrou ao estilo

⁵⁴ A Família Monteiro Lima é composta por descendentes do fundador da Missa do Vaqueiro, Zé Pesqueira. E são responsáveis pela continuidade do pagamento da promessa, apesar de terem se afastado da organização do ato religioso por um período tempo. Entrevista realizada em 27 de junho de 2018.

⁵⁵ Clara Estela Malta Sonnenburg, é uma artista e estilista manariense, nascida em 1986. Filha adotiva da técnica em enfermagem, Minervina Vieira Malta, descendente de uma das mais tradicionais famílias locais. Desde pequena já demonstrava interesse pelo meio artístico e de moda. Com nove anos, é enviada para morar em Paulo Afonso, cidade situada no sertão baiano, para começar seus estudos. Regressa a Manari aos 24 anos, quando começa a desenvolver seus primeiros trabalhos criativos. Reside há nove anos, na capital alemã, onde estudou Fashion Designer na Universidade Estadual de Berlim HTW; atualmente estuda Meisterdesigner na Academia de Designer Lette Verein Berlin. Apesar de não atuar como ilustradora, produziu a série de imagens comemorativas em razão dos trinta anos de realização da Missa do Vaqueiro. Além de estudar, trabalha na área de produção de moda feminina, onde desenvolveu sua marca própria, intitulada Senhora C.

xilogravurístico, o ato da promessa, para as comemorações dos trinta anos de criação da Missa do Vaqueiro. A obra retrata em três momentos distintos, conforme podemos observar nas FIGURAS 02, 03 e 04, como teria se dado a ação, que é bem conhecida pelos munícipes, assim como o contexto social da época. Na FIGURA 02, a artista retrata alegoricamente o primeiro ato da promessa, a partir do imaginário postulado pela memorabilidade dos sujeitos locais e imprime ao estilo xilogravurístico tal momento histórico.

FIGURA 02: Primeira figura da série que retrata o imaginário em torno da promessa



FONTE: Acervo particular da artista Clara Estela Malta, 2015.

A FIGURA 02 permite fazer uma leitura do cenário à época, marcado pelo sol e seus raios em evidência, que chegam a se confundir com urubus, ave necrófaga bastante comum no país; porém, em segundo plano, já que no primeiro, prioriza a construção imagética do vaqueiro, que nesta alegoria, retrata a imagem de Zé Pesqueira, montado a cavalo, revestido com a típica indumentária de couro, mantendo fixamente o olhar para o campo – possivelmente seu roçado no sítio Mangueira – e quase boquiaberto. Ao seu derredor, gado bovino morto e o solo marcado por listras brancas e pretas, que seria a terra endurecida, ressequida e rachada, sem nenhum tipo de cobertura vegetal, que pela ausência de chuvas, só resistem as cactáceas, como o mandacaru, por exemplo.

Para o segundo ato, temos a FIGURA 03 exposta na página seguinte, em que a artista projeta em primeiro plano um homem de fé, despido de diversos estereótipos construídos em torno da efigie do vaqueiro. Ajoelhado ao seco solo rachado, quente pelo ardor do sol acima de

sua cabeça, o retratado, em sinal de respeitabilidade tira o chapéu de couro e o segura firmemente com as duas mãos junto a seu corpo, o cerrar dos olhos lhe escorrem lágrimas. Iminentemente religioso, devoto de São Sebastião, parece projetar para além de seu pensamento interior a imagem do referido orago, que materializa-se xilogravada com os paramentos alegóricos que o identifica, estendendo-lhes os braços, bem como por um elemento tipicamente sertanejo aos seus pés, as sandálias de couro, calçando-as. Neste momento, imageticamente, estando em oração, faz a aludida promessa, que provavelmente, tenha sido realizada ao adentrar da década de 1980.

FIGURA 03: Segunda figura da série que retrata o imaginário em torno da promessa



FONTE: Acervo particular da artista Clara Estela Malta, 2015.

Por fim, no terceiro ato, como pode ser visto na FIGURA 04, a artista retrata imageticamente o pedido de intercessão sendo atendido. Seria o início do fim daquele ciclo adurente de seca. A chuva caindo sem cessar, alaga o roçado, que anteriormente estava seco, ressequido, rachado e aparentemente sem vida. Em primeiro plano, assim como na FIGURA 02, do primeiro ato, o vaqueiro montado em seu cavalo, está revestido com o tradicional vestuário de couro. Desta vez, apresenta-se com um semblante menos carregado, conferindo o que sobreviveu de seu rebanho bovino. E seria após este terceiro ato, que começariam os preparativos para a organização da primeira celebração litúrgica da Missa do Vaqueiro em solo manariense, dando cumprimento ao pagamento da promessa.

FIGURA 04: Terceira figura da série que retrata o imaginário em torno da promessa.



FONTE: Acervo particular da artista Clara Estela Malta, 2015.

Ajunta-se ao contexto trazido pela composição da obra, observações pertinentes anotadas durante o percurso de realização da entrevista com a Família Monteiro Lima, em que foi possível perceber que este período de grande sofrimento e luta pela sobrevivência está fartamente permeado de memórias e lembranças. Para quem bem conhece a região ou é morador, sabe o quão é desolador o cenário em que se transforma o sertão nordestino nestes períodos. Apesar da situação calamitosa que se viveu naquele ciclo adurente de seca, e como “a religião do sertanejo privilegiava antes a dor que a alegria”, segundo aponta Souza (2013, p. 42), o sertanejo religioso, espera, imbuído de fé e também de esperança, o fim desta época e o estancamento dos vários problemas ocasionados pelo fenômeno climático, que acaba por acarretar a produção agrícola e impossibilitar a manutenção da pecuária e o criatório de outros animais; além de prejudicar a economia local e afetar a vida de toda uma população.

Acordante, é que “as secas têm tido, historicamente, grande influência em todos os aspectos da vida do Nordeste” (MAGALHÃES, 2016, p. 22), que podem ser de ordem econômica, política, social e/ou ambiental. Foram esses elementos reunidos, que fizeram com que o vaqueiro, criador e agricultor, o sertanejo Zé Pesqueira – uma figura de poucas letras, homem do campo e de forte apego com o religioso e o sagrado – durante demonstração de sua religiosidade e fé, orasse pela intercessão de São Sebastião e fizesse a promessa que origina a Missa do Vaqueiro. A identificação com este orago, segundo aponta Correia (2016, p. 57) “está em suas graças concedidas aos pedidos e promessas feitas pelos fiéis e devotos” durante a

trajetória histórica do município. Porém, não sendo possível precisar, durante a realização da entrevista com a Família Monteiro Lima, o elo inicial que ligaria Zé Pesqueira e sua devoção a São Sebastião, uma vez que, ao fixar residência em território manariense, a santidade católica já fazia parte da tradição religiosa local.

E para dar ciência dos fatos acontecidos, para que fosse do conhecimento de todos os paroquianos, munícipes e também do clero paroquial, conforme narrativas da senhora Maria do Amparo Lima (27/06/2018), “*ele ((Zé Pesqueira)) saiu avisando. Porta a porta. Avisava aos amigos. Naquele tempo aqui não tinha rádio ((estação/emissora de rádio)); num tinha carro de som; aí ele fazia porta a porta e avisava aos amigos do sítio*”. Neste caso, o boca a boca, constituiu-se em um instrumento eficaz de divulgação e propagandístico, atraindo público e vaqueiros para a realização da solenidade religiosa, destaca no item a seguir.

2.4 Meandros da trajetória histórica da Missa do Vaqueiro entre 1986 a 2018

No decurso de trinta e dois anos, a Missa do Vaqueiro de Manari tem passado por diferentes processos em seu bojo, que moldaram, tanto a sua estrutura interna, quanto a sua estrutura externa, sobretudo, a partir da emancipação política da aludida municipalidade em meados da década de 1990, ganhando contornos mais nítidos, sejam eles de ordem religiosa, financeira, política ou cultural.

Para compreendermos este percurso, bem como as problemáticas e seus desdobramentos, abordaremos neste item, a partir das narrativas orais apresentadas pelos colaboradores da pesquisa, os meandros deste evento religioso e cultural, que ganhou ares históricos, inserindo-se em um contexto igualmente histórico, que permeia o convívio social, político e econômico de uma parcela significativa da população manariense, que a partir do processo de fundação, ainda na segunda metade da década de 1980, passou a demonstrar interesses ambíguos, desde a desconfiança entre os próprios paroquianos mais conservadores, bem como de alas comerciais da cidade, que não viram com ‘bons olhos’ o seu estabelecimento, não logrando interesse em participar ou colaborar com as atividades que são desenvolvidas no dia da celebração. Em oposição, criou-se um sentimento de pertença e admiração pelo ‘novo’ instrumento de manifestação cultural e de fé, fruto do microcosmo do Nordeste do Brasil, valorizando-o enquanto elemento de ligação e identificação com o campo, ao qual está intrinsecamente interligado.

O recorte temporal estabelecido para o desenvolvimento da pesquisa, se dá entre os anos de 1986 a 2018, como já mencionado anteriormente e insere-se a partir da realização da primeira

Missa do Vaqueiro em Manari, dentro de um contexto pós-ditadura militar, no qual o Brasil encarava um novo processo de redemocratização, que seria consolidado com a carta magna, em 1988. Até o ano do marco inicial do aludido recorte temporal, a região era marcada por densos atritos, inclusive de ordem política, assinaladas pelo auge do regime militar na década anterior. Durante toda a década de 1980, a localidade vê-se em declínio, principalmente com o projeto de emancipação política que continuaria engavetado na Assembleia Legislativa, bem como, com a desativação do setor ferroviário no interior do estado de Pernambuco, responsável pelo escoamento da produção de grãos da região. Até o ano que marca o início do recorte temporal, a Missa do Vaqueiro de Serrita, enquanto precursora das demais solenidades religiosas alusivas à categoria profissional do vaqueiro, já estava consolidada havia mais de uma década no alto sertão pernambucano, contando com forte auxílio financeiro e propagandístico do estado; exercendo denotada influência na concepção da Missa do Vaqueiro que começaria a ser realizada no ainda distrito de Manari, principalmente os fundamentos voltados para a finalidade pastoral.

Ainda dentro do recorte temporal estabelecido, pode-se destacar fatos e acontecimentos que marcaram a localidade, como por exemplo, o desengavetamento do processo de criação do município e a conseqüente consulta plebiscitária à população na primeira metade da década de 1990, que acabou culminando com a emancipação em julho de 1995. No ano seguinte, são realizadas as primeiras eleições municipais, e em 1997, o novo município é oficialmente instalado, com a primeira administração e legislatura tomando posse de seus cargos eletivos. No começo do século XXI, especificamente no ano de 2003, Manari figuraria como a cidade mais pobre do Brasil, fato que gerou comoção a nível nacional, chamando atenção das grandes mídias – escrita, televisiva e radiofônica – e dos órgãos federal e estadual, para a problemática da região. No seio da comunidade católica local, ainda na primeira metade da segunda década deste novo milênio, tem-se a criação da paróquia no município, desmembrada a 10 de Janeiro de 2012, da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição em Inajá, tendo como limites o que possui atualmente o município de Manari, conforme Decreto da Cúria Diocesana de Floresta, assinado por Dom Adriano Ciocca Vasino, Bispo Diocesano. A escolha de São Sebastião como padroeiro da nova paróquia, se deu através de votação durante Assembleia Paroquial, com a participação dos paroquianos. Antes da eleição, a imagem do orago foi posta em peregrinação, passando por todas as comunidades rurais, distritos e povoados, com a intencionalidade de reafirmar a escolha deste.

Ao adentrar pelas análises das lembranças rememoradas pelos entrevistados, sobretudo, com os membros da Família Monteiro Lima, foi possível identificar, durante os primeiros da

Missa do Vaqueiro, princípios claros de solidariedade mútua para a organização e realização do evento religioso, que se estabeleceu entre os criadores e os próprios vaqueiros de Manari, incentivados pela influência denotada de Zé Pesqueira. Partindo desse contexto, seria possível presumir que antes de ser um instrumento de devoção e fé, a referida festividade religiosa, seria espaço de socialização, imbricando-se com interesses econômicos e de promoção social, facilmente compreendida com a junção de dois elementos que se complementam entre si: a festividade, que está atrelada aos condicionantes “sagrado” e “profano”, que na proposição tomada por Eliade (1992) em sua obra *O Sagrado e o Profano* apresentam-se como elementos opostos e opostos entre si. Uma dualidade conflitante que permeia o exterior e o interior do aludido objeto de pesquisa e a procissão, uma vez que, as festividades católicas ou as festas de santo, desde o processo de colonização do Brasil, acabaram adquirindo, também, um caráter social.

Além disso, os relatos dos descendentes de Zé Pesqueira, denotam o surgimento das primeiras problemáticas, as dificuldades financeiras no transcorrer da trajetória histórica da festividade religiosa, as disputas e conflitos internos, as relações de poder e sociabilidades que foram tecidas, principalmente, a partir da segunda metade da década de 1990, com a consolidação do processo de emancipação política do município.

Entre outros elementos, também é possível destacar a partir da análise das narrativas apresentadas, a ausência de políticas públicas voltadas para a promoção da cultura do vaqueiro no município de Manari durante o decurso do ano, fato bastante questionável, já que, desde o processo de fundação, ainda na primeira metade do século XVIII, a localidade tem uma relação bastante proximal com o campo, com a criação do gado bovino e com a presença do vaqueiro nestas terras. Talvez, o desconhecimento da própria história, faça com que autoridades políticas desta municipalidade se mantenham inertes ou não demonstrem interesse em propor e/ou promulgar leis de incentivo à cultura local. Nestes trinta e dois anos de realização da Missa do Vaqueiro, o que se percebe é o proveito político, por parte de alguns agentes públicos, que têm utilizado e tornado a festividade religiosa, em seu amplo espaço, em oportunidade de promoção eleitoral.

Dentro do recorte temporal proposto, com base no desenvolvimento da pesquisa, com a análise das narrativas apresentadas pelos colaboradores selecionados, é possível denotar que em determinados momentos, a festividade religiosa tem destoado de sua finalidade pastoral, apesar de Zé Pesqueira, o homem por trás da Missa do Vaqueiro de Manari, a ter fundado tendo como espelho de influência a Missa do Vaqueiro de Serrita, após esta ter ganhado espaço e notoriedade em todo o território nacional. Aproximadamente 340 km separam Serrita e Manari,

distância que seria superada através do uso do rádio – já que aparelhos de televisão ainda eram um ‘artigo de luxo’ e poucos habitantes tinham condições de custear a instalação de energia elétrica em suas residências – em que se divulgava e era transmitida a solenidade religiosa que acontecia em terras do Alto Sertão pernambucano.

Gestada a partir de uma promessa, conforme destacado no item 2.3, a Missa do Vaqueiro, é a junção de diferentes elementos: o ambiente sertanejo, o homem do campo, o vaqueiro, o cavalo, o criador, o agricultor, o gado bovino, a seca, a religiosidade e a fé, que reunidos, teve em Manari, espaço condicionante e ‘solo fértil’ para seu estabelecimento. A própria cultura local, fortemente voltada para o meio rural, acabou sendo absorvida para dentro da festividade religiosa, que em sua trajetória, tem passado por um processo de resignificação, pela inserção de novos signos, e na constante em manter-se no propósito de sua finalidade pastoral.

Entre histórias, memórias e narrativas, mostra como a história do evento católico e seus desdobramentos, assim como a historicidade do próprio município, têm dificuldades para serem desveladas, já que são possibilitadas a partir das narrações de colaboradores, que se dispuseram a narrar as suas memórias, as lembranças e as informações históricas que lhes foram transmitidas oralmente, bem como as vivenciadas, que para Halbwachs (2003, p. 86) “Toda a memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no espaço e no tempo” denotando-se a importância da seleção dos sujeitos de memória e do recorte temporal para o desenvolvimento da pesquisa.

A Missa do Vaqueiro é um ato religioso da Igreja Católica, que se firmou entre os elementos constituintes da cultura nordestina do homem do campo e também da cidade, que se identifica com a realidade e o convívio social do vaqueiro – como ‘profeticamente’ prenunciou o jornalista Geneton Moraes Neto, em matéria para o Diário de Pernambuco, ainda durante a década de 1970, após a realização da segunda edição do rito católico em Serrita: “*A Missa do Vaqueiro há se firmar pelo sertão*” (sic). Em Manari, é realizada desde sua fundação, no espaço urbano, dentro do principal logradouro público da cidade, a céu aberto, onde se reúnem, vaqueiros locais e de outras cidades e estados, religiosos, munícipes, personalidades políticas, admiradores e turistas. Um público com idades variáveis, em que se destaca a figura masculina.

O dia 10 de janeiro de 1986, é a data inaugural da Missa do Vaqueiro em Manari, conforme fora apresentada em narrativas da senhora Maria do Amparo Lima. Foi nesta data, que durante os dois primeiros anos o ato religioso foi celebrado, figurando como elemento de abertura para os tradicionais festejos de São Sebastião, já que naquele período, o novenário realizado na capela local, tinha grupos e familiares, anteriormente estabelecidos, que eram

responsáveis por todas as noites de celebração. Posteriormente, por intermédio da influência de Zé Pesqueira entre os próprios paroquianos e da ação interna da senhora Maria do Amparo Lima, é que acabou sendo inclusa dentro do novenário, juntamente com a noite dos vaqueiros, criadores e agricultores, estabelecendo-se no dia 18 de janeiro, em substituição à noite dos rapazes, que estava ficando obsoleta e sem enfrentante – pessoa(as) responsável(eis) pela organização e arrecadação de fundos para a realização da noite de novena.

A última noite do novenário era destinada ao público feminino e solteiro, a noite das moças; que acabou sendo suprimida para comportar a dos rapazes, tornando-se assim, a noite dos jovens. A ação, como a que fora realizada no interior da estrutura organizativa dos festejos religiosos é fruto de uma prática bastante comum em cidades pequenas do interior, como em Manari, por exemplo, quando se tornam obsoletas ou enfraquecidas. Comumente se destina ao público mais jovem e solteiro, as duas últimas noites de celebração religiosa, que termina por ser, também, um momento de sociabilidade, já que, após o novenário, geralmente acontecem as comemorações “profanas”, com festas regadas ao som de muita música, que vai do forró ao baião, passando por outros estilos musicais, e que podem durar até o amanhecer do outro dia.

FOTOGRAFIA 04: Celebração da Missa do Vaqueiro na calçada da Igreja Matriz.



Fonte: Acervo particular da Família França de Oliveira, 1998.

A FOTOGRAFIA 04, apesar de não ser um registro fotográfico da celebração da primeira Missa do Vaqueiro que se realizou no município de Manari, apresenta acentuada

verossimilhança com a narrativa descrita pela Família Monteiro Lima, e nos remete a data inaugural de 10 de janeiro de 1986, quando a calçada da capela local, serviu e foi utilizada como o primeiro espaço para realização do cerimonial litúrgico para os vaqueiros, até então algo inédito em solo manariense.

Para atender as necessidades que uma missa exige, o local fora especialmente preparado para a ocasião. Como podemos observar na citada fotografia, uma tenda fora montada com o intuito de proteger do forte sol da tarde, o celebrante, leitores e membros da Comissão Organizadora. Aproveitando-se do espaço, diversos moradores locais desfrutaram da sombra para acompanhar o rito católico. O enquadramento capturado propositadamente centraliza nos membros da Comissão Organizadora – os homens vestidos com camisa vermelha, enquanto outro membro está portando um traje mais social e com chapéu de couro na mão – já que os dois homens parecem posar para o momento. O padre aparece no registro fotográfico, portando um item da indumentária do vaqueiro, o tradicional chapéu de couro. A sua direita, um dos membros da Comissão Organizadora também vestido com camisa vermelha, dirige-se ao púlpito. Como podemos perceber a FOTOGRAFIA 04, retrata um retorno ‘forçado’ as suas origens, já que fora na calçada da capela local, defronte para a Praça da Conceição, principal logradouro público, de largas ruas no centro da cidade, sob a invocação de São Sebastião, que a Missa do Vaqueiro alocou-se para ser celebrada.

A senhora Maria do Amparo Lima (27/06/2018), destacou em trechos de sua narrativa, existir uma certa resistência entre os próprios paroquianos, que ainda não tinham vivenciado uma celebração deste porte, mesmo que já tivessem ouvido falar da que era realizada em Serrita; mas, como era um fenômeno novo para estes cidadãos, causou determinada estranheza: “*houve muita resistência dentro da Igreja com o pessoal mais velho. Àquele pessoal mais velho, não queria*”. Ao preferir não citar nomes, a entrevistada demonstra uma denotada mágoa para com alguns componentes da própria comunidade católica local, já que desde seus antepassados, participam ativamente da vida religiosa do município, o que subjetivamente, poderia facilitar decisões monocráticas advindas da narradora. Ainda em suas narrativas rememora outro fato, apontando falas que ouvira naquele período: “*eles diziam que os bichos (...) fazia muito cocô no meio da rua e fedia*”. A análise da narrativa permite visualizar que a aparente insatisfação e resistência de certos paroquianos está ligada com as relações conflituosas entre os paroquianos e não somente com as questões dos animais pelo logradouro urbano.

A passagem em destaque é reiterada com as narrativas de membros da Comissão Organizadora que afirmam existir “*uma ala dentro da Igreja que não concorda e não aceita a Missa do Vaqueiro*”. Apesar da suposição levantada, que deve se tratar do mesmo núcleo que

é contrário à realização da Missa do Vaqueiro – como citado pela Família Monteiro Lima – preferem não especificar a que ala da igreja estavam se referindo. Talvez, por se tratar de um evento católico de grande porte para a realidade local, por envolver uma quantidade considerável de pessoas em sua realização e por todos se conhecerem e fazerem parte desta mesma comunidade, preferiram manter o silêncio quando indagados sobre quem seriam esses membros ou grupos de pessoas, já que, ao citar nomes ou ala, poderia gerar ou acirrar ainda mais os atritos internos existentes. Porém, mesmo diante da polêmica apresentada durante a realização da entrevista, que era até então um fato desconhecido, quase que religiosamente guardado, fora dado prosseguimento ao planejamento e o evento, assim mesmo, foi iniciado. Contudo, este ainda parece ser um problema não superado, tanto que o pároco Giorgio Botta, adverte trinta e dois anos depois, em suas narrativas, sobre a problemática dos animais nas vias públicas, como apontado pelos paroquianos ainda em meares da década de 1980, antecedendo a primeira celebração.

Para o padre Giorgio Botta:

“bicho não é feito para ficar numa praça, e normalmente, vaquejadas, eventos de vaqueiro, nunca são feitos no meio de uma cidade, para questão de segurança, para questão de limpeza também. Porque depois, as fezes e urina dos cavalos, não tem como tirar num Pátio de Eventos aonde vai ter ainda outras noites de festa” (ENTREVISTA COM PE. GIORGIO BOTTA, 20/06/2018).

A narrativa do pároco, de maneira sucinta justifica sua advertência, preocupado, além de tudo, com o bem-estar animal, a segurança dos partícipes e a higiene do logradouro público. De certa forma, todo o imbróglio, apenas resultou em um dos primeiros impasses, na trajetória histórica percorrida em um pouco mais de três décadas de realização. Contudo, não foram somente essas questões que colocaram, e ainda colocam em xeque a existência e a celebração do ato religioso, bem como da noite dos vaqueiros, agricultores e criadores, como veremos no capítulo 3. No entanto, antes de se tornar um evento em escala ascendente e exercer influência na criação de outras Missas em algumas cidades do entorno e também em comunidades dentro do próprio município, o aparato estrutural que serviu para a realização das primeiras edições do ato religioso, no município, é bem modesto, como é possível observar na FOTOGRAFIA 04.

Por ser um evento recente na história da cultura nordestina, a Missa do Vaqueiro está intimamente ligada à história da cidade de Manari e à memória afetiva dos seus habitantes, principalmente dos sujeitos que foram selecionados para as entrevistas que se realizaram, em que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, 2003 p. 30). Por isso, seguindo o embasamento proposto na obra do autor citado, o grupo de

personalidades que expuseram em narrativa suas mais tenras memórias, estão interligados, mesmo que indiretamente.

O grupo expôs, individualmente, variados momentos que vivenciaram durante a participação no ato religioso ao longo dos anos e sob diferentes aspectos, de tal forma que terminaram por contribuir para a manutenção e execução da festividade religiosa, visto que como nos diz Del Priore (2017, p. 11) no terceiro volume da trilogia *Histórias da Gente Brasileira* “contar o passado significa remontar longe nos anos, atravessar fronteiras, deixar-se guiar pelo fluxo das imagens, das associações livres, dos vazios e das reentrâncias esculpidas pelo tempo”. Através das memórias e narrativas apresentadas, nos é possível percorrer entre os meandros de uma trajetória que desvela como um dos eventos religioso e cultural mais importantes da citada municipalidade.

Porém, são horas antes da celebração do rito católico, que os festejos alusivos à figura dos vaqueiros, dos criadores e também dos agricultores são iniciados. Começa de fato, nas primeiras horas do dia 18 de janeiro, com a propalada alvorada da Missa do Vaqueiro. Às seis horas da manhã, um saraivada de fogos⁵⁶ de artifício é feita em frente à Igreja Matriz, que chega a durar alguns minutos, anunciando à cidade que neste dia, será a celebração da solenidade religiosa. Após a queima de fogos, uma banda de pífanos⁵⁷, composta por quatro integrantes, dá seus primeiros acordes. E, como destaca Correia (2016, p. 66) “no dia da celebração da Missa do Vaqueiro, o município de Manari vive uma atmosfera diferente, um misto de tradições culturais (...) se mesclam e transformam a cidade”. De fato, o dia inteiro é dedicado à temática,

⁵⁶ Os fogos de artifício são secularmente utilizados em atos religiosos da Igreja Católica, que nas palavras de Souza (2013, p. 36) tornaram-se item praticamente obrigatório, do qual é um elemento indissolúvel, constituinte, parte integrante que não pode faltar. De acordo com Moura (2005, p. 116 apud SOUZA, 2013, p. 36) “os fogos, rojões, segundo a definição portuguesa, ou fogos-do-ar foram complemento das festas religiosas ou oficiais no Brasil desde o século XVII. Introduzidos pelos portugueses, vieram da China, no qual compunham as solenidades sagradas e profanas. Sua função sempre foi propagar o júbilo, atrair as pessoas, consagrar homenagens e saudar”. Como se observa, os fogos advindos de uma região com religião diferente da praticada na Europa, foram absorvidos aos ritos católicos, ressignificando seus usos e transpostos além-mar para as colônias, que reproduziam suas finalidades.

⁵⁷ As bandas de pífanos, são muito comuns em festas religiosas no interior do Brasil, sobretudo nos sertões do Nordeste. Em Manari, por exemplo, são responsáveis pela animação do novenário do padroeiro, bem como do novenário de Nossa Senhora da Conceição, que acontece entre o fim de novembro e o início de dezembro. Seus acordes também podem ser ouvidos após repique dos sinos, e o queimar dos fogos, que marcam a chamada Hora do Angelus. A banda é formada por quatro integrantes, geralmente de uma mesma parentela. Os instrumentos do grupo são dois pífanos, uma zabumba e uma caixa ou um triângulo, varia muito de um grupo para outro, assim como de uma localidade para outra. Há grupos chegando a comportar até seis integrantes. Suas origens são pouco conhecidas, mas, decerto, fora introduzido no Brasil durante o período colonial e adentrou aos sertões, onde perduram e resistem até os dias atuais. O instrumento que mais se destaca é o pífano, pela sua melodiosidade quase poética, que guia os demais instrumentistas. Geralmente, os integrantes do grupo são homens do campo, trabalhadores que sobrevivem da agricultura de subsistência, e produzem artesanalmente os próprios instrumentos, para fazer uma renda extra com a participação nestes festejos religiosos, já que todo o custeio com alimentação, estadia e traslados é feita pelos responsáveis de cada noite dos aludidos novenários. Comumente, o ofício de tocar em bandas de pífanos, é transmitido de uma geração à outra e pouco conhecem de escala musical.

inclusive os festejos profanos atingem seu ápice a partir deste dia, que é regado ao estilo musical apreciado, tanto pela vaqueirama, quanto pelo público presente.

Igualmente cedo começam os preparativos por parte da Comissão Organizadora, para que tudo ocorra com o mínimo de problemas possíveis. Teoricamente, o planejamento começa a ser feito meses antes, com reuniões com demais membros para definir tarefas e afazeres a serem realizados no dia 18/01; com a participação em assembleias da paróquia, que chegou a ser uma questão bastante enfatizada durante entrevista com o padre Giorgio Botta, que demonstra preocupação quanto a este item, sobretudo, após a criação da Paróquia. Em suas narrativas, chega a creditar a falta de compromisso e organização da Comissão Organizadora, como um dos maiores problemas, depois da questão financeira. Ajunta-se a isso, o fato de que, atualmente, as relações pessoais entre as três instituições responsáveis pelo ato religioso, Igreja Católica, Comissão Organizadora e administração pública municipal, não sejam das melhores.

Vale destacar que dentro da Comissão Organizadora há um fluxo constante de membros, enquanto uns chegam a pedir para sair, outros são convidados e inseridos, mesmo que não convivam ou não tenham contato com a realidade social do vaqueiro, do agricultor ou do criador. Dentre suas narrativas, quando questionada sobre a Comissão, a senhora Maria do Amparo Lima ressalta a importância deste núcleo para a manutenção da Missa do Vaqueiro, apesar das dificuldades que foram surgindo com o passar dos anos:

“A Comissão era devagar, tinha pouca gente. Era Zezinho da Grotta, Quino Jorge, Noé Freitas, eles ajudaram muito a Pesqueira, assim, a juntar bicho e tudo, né?! Juntar os animais ((para o leilão e para ajudar nas despesas financeiras)). Depois, entrou mais gente. Entrou: Leônidas, Quino Jorge, Tião de Beto, Nelinho Trocador também, Zé Vieira; essa comissão, ela... ela... ela foi a que mais durou, e foi a que, mais, assim, dividiam as tarefas, sabe? Ficava bem mais fácil pra gente” (ENTREVISTA COM MARIA DO AMPARO LIMA, 27/06/2018).

Perceba-se no trecho da narrativa acima, que para primeira formação da Comissão foram convidados apenas figuras masculinas, já que para as mulheres, o ambiente vaqueiro, não seria o mais indicado. As atividades femininas, deveriam se restringir a parte ligada ao cerimonial litúrgico, ornamentação da igreja ou à preparação do refeitório no local de acolhida dos vaqueiros. Analisando a transcrição da entrevista realizada, é possível notar uma passagem saudosista desta formação, já que durante anos, estes homens fizeram com que a Missa do Vaqueiro continuasse a ser realizada, mesmo após o falecimento de Zé Pesqueira. Esta formação apontada durante a entrevista, já não existe mais.

O senhor Ricardo Vieira Malta, membro da Comissão Organizadora, relembra que:

*“Hoje, a Comissão deu uma mesclada, né?! Entrou algumas pessoas do poder público, da prefeitura, os organizadores mais **velho**, recuaram um pouco, né?! Então, da Comissão inicial, ou seja, da Comissão mais velha ((fundada ainda com Zé Pesqueira em vida)) restou poucos membros. (...) Outros faleceram; outros por conta da idade também não dá mais **pra** acompanhar. Entrou algumas pessoas que se dispuseram, tanto a pedido da prefeitura, né?! Como órgão que financia a Missa, aliás, o evento. Como outras pessoas de fora se dispuseram a acompanhar. Tem uma média de uns oito representantes, que mesclam um pouco do pessoal da igreja, a Comissão de origem e a Comissão indicada pela prefeitura” (ENTREVISTA COM RICARDO VIEIRA MALTA, 25/03/2019).*

É possível observar que, com o passar dos anos, ocorre um processo de ressignificação dentro da própria Comissão Organizadora, gerado a partir dimensão tomada pela solenidade religiosa, assim como, pelas constantes disputas e relações de poder. Membros que ‘recuaram’ como sugeriu o senhor Ricardo Vieira Malta, na verdade pediram para deixar de fazer parte do grupo, já que, internamente, estava se fortalecendo um núcleo voltado para ações políticas na estrutura interna da Missa do Vaqueiro, gerando atrito, principalmente, com os que são declaradamente de oposição a atual administração pública do município. Com isso, os créditos relacionados aos trabalhos realizados, ou a atuação frente à Comissão Organizadora, começaram a deixar de ser dados, principalmente por questões eleitoreiras, assim como brigas internas também reforçaram os pedidos de saída.

Conforme análise das narrativas apresentadas em entrevista realizada com a senhorita Amélia Wanessa Monteiro Lima e o senhor Ricardo Vieira Malta, há uma indefinição no papel que deve ou que deveria ser desempenhado pelos membros da Comissão Organizadora. O dissenso é perceptível quando foram indagados a respeito da função deste núcleo. Enquanto para a senhorita Amélia Wanessa Monteiro Lima (25/03/2019), com certo tom “irônico”, o papel da Comissão resume-se a tão somente “organizar”, para o senhor Ricardo Vieira Malta (25/03/2019) seria “*levar paulada de um lado e do outro, né?!*” afirma em certo tom “irônico” ao tomar a palavra para si. Entre esses lados sugeridos, estariam a Igreja Católica e a administração pública municipal.

Já para o padre Giorgio Botta:

A questão é que tem que se entender quem faz o quê. Por que se um acha que fulano deve fazer, fulano deve fazer, fulano deve fazer, é claro que depois aparecem os buracos, e mexer com gente e cavalos; que cavalo não obedece, se não é bem treinado pela pessoa que tá em cima, fica ainda mais complicado; por que já mexer com estrutura, com as pessoas é uma coisa, mexer também o dia todo com a quantidade de pessoas, com todos os imprevistos que podem ter; e o respeito também para os cavalos, para o almoço do cavalo, para o banho do cavalo, para a água do cavalo, além das pessoas, é claro que depois se torna mais complicado. A gestão do dia precisa de muitas pessoas de boa vontade e que não fiquem se escorando um no outro, dizendo: é tu, é tu, é tu, é tu. Se tem que fazer, tem que fazer! Não é só dizer: eu quero fazer a Missa do Vaqueiro! Fazer uma missa do vaqueiro não é só subir no palanque

e fazer dois cantos; tem que dar atenção, uma coisa ou outra, outra, outra, outra, outra, outra, outras, o que não é pouca coisa (ENTREVISTA COM PE. GIORGIO BOTTA, 20/06/2018).

Decerto, o papel dos membros da Comissão Organizadora, deveria ser melhor definido e direcionado, deixando certo qual a função e o papel que deve ser desempenhado por cada um, já que as atividades realizadas não se resumem apenas em recepcionar as caravanas de vaqueiros, criadores e agricultores que começam a chegar a partir das nove ou dez horas da manhã, com homens a cavalo, em caminhões fretados, ou com carros de boi. Tampouco encerra-se ao fim do rito litúrgico no palco.

Para o senhor Ricardo Vieira Malta:

*“(...) a Comissão faz de tudo, né?!, **pelo** menos com uma grande parte ou uma boa parte da Comissão, faz de tudo **pra** que a Missa no seu ato, aconteça dentro do que manda a liturgia da Igreja, **né?** Lógico, valorizando a fé do povo, porque tem alguns fragmentos litúrgicos que são implementados na Missa, que fogem da liturgia, mas são vivências do povo do campo que a gente trás, **pra** no altar, agradecer a Deus, pela vida do homem do campo, do gado, **né?** Agradecer as chuvas, as vezes se lamentar pelo grande sol, mas, pedir forças que Deus e São Sebastião venham ao auxílio. Então, a Comissão é essa ponte **pra** que as coisas aconteçam. Desde **da** concentração até o ato religioso, e depois disso, quando termina, a gente fez um acordo, que quando termina as entregas de troféu e as premiações, o papel da Comissão se encerra ali, né, fazendo um pouco pra tirar os cavalos e cavaleiros da rua, e depois, a festa da noite fica agora por conta da prefeitura mesmo” (ENTREVISTA COM RICARDO VIEIRA MALTA, 25/03/2019).*

O narrador não cita em suas narrativas que, além de uma missa, neste mesmo dia, acontece na Igreja Matriz, a noite de novena para os vaqueiros, agricultores e criadores. É possível perceber no contexto da narrativa do colaborador da pesquisa, que o papel da Comissão Organizadora, encerra-se a partir do fim da procissão, ato que antecede a celebração da Missa, já que as atividades de organização de um espaço para recepcionar as diversas caravanas, vaqueiros, agricultores, criadores, políticos, admiradores e turistas – como podemos observar na FOTOGRAFIA 05, na página seguinte – são finalizadas após a saída da procissão.

Conforme pode ser observado na FOTOGRAFIA 05, um local de acolhida em um sítio, é preparado para este fim, que geralmente fica localizado nas cercanias da cidade. A partir do registro fotográfico exposto, é possível visualizar o fluxo constante dentro do espaço determinado para recepção dos que chegam. Carregada de intencionalidades, a fotografia procura expor, em primeiro plano, a chegada de diversos vaqueiros a cavalo, que adentram ao sítio Velho Matias, de propriedade da Família Monteiro Lima. Também é possível notar homens encourados, enquanto outros se utilizam apenas de alguns apetrechos da indumentária, como o chapéu de couro, por exemplo. Talvez, este seja um dos elementos mais identitários

para os vaqueiros como um todo. Ao centro da fotografia, podemos ver um caminhão pipa, que forneceu água para dar de beber aos cavalos, ou para o banho. Enquanto à esquerda da fotografia, nota-se um caminhão vermelho, de grande porte, que possivelmente veio de outra cidade, com caravana de vaqueiros, transportando cavalos para a edição da Missa realizada naquele ano.

FOTOGRAFIA 05: O sítio Velho Matias é transformado para recepcionar a chegada dos vaqueiros.



Fonte: Acervo particular da Família França de Oliveira, 2005.

No local de recepção, são servidos água e almoço, totalmente gratuitos para os que chegam, assim como água para matar a sede dos animais, e também para o banho, caso alguém deseje banhar seu animal. Para tornar o ambiente mais convidativo e animado, toadas⁵⁸ e repentes dão o tom à receptividade. A voz que sobressai durante anos, é de uma figura carimbada na Missa do Vaqueiro, a do cantor Zé de Almeida, que também é um esmero

⁵⁸ Toadas e aboios, são cantos distintos da cultura vaqueira. Começamos pelo aboio, que é um canto melódico, quase sem letra, salvo pela junção de algumas vogais que se complementam, usado sobretudo, para a condução do gado, seja para as pastagens, seja para o curral. É uma tática utilizada para guiar outros animais, não somente o gado bovino, desde tempos remotos, que segundo informa Cascudo (2012, p. 5 e 6): “Essa modalidade, de origem moura, berbere, da África setentrional veio para o Brasil, possivelmente, da ilha da Madeira, dos escravos mouros aí existentes”. A toada, é a melodia propriamente dita do aboio. Acrescida de letra, ritmo e comumente, de histórias do universo vaqueiro, a toada tomou proporção de músicas de sucesso em cenário nacional. O repente também faz parte da cantoria do universo vaqueiro, porém, com menos amplitude que a toada. Também é composto por letras e rimas, apesar de serem feitas na base do improviso, e pode versar sobre assuntos corriqueiros do cotidiano vaqueiro, sobre as mulheres ou direcionados a determinados acontecimentos.

repentista, aboiador e toadista, que inclusive já compôs diversas músicas tema para o ato religioso. No entanto, outras vozes começam a se destacar com o ambiente já tomado por diversos vaqueiros, turistas, autoridades políticas, admiradores e transeuntes locais. Também é comum registrar vaqueiros fazendo disputas de repentes, na base do improviso, enquanto outros entoam toadas já conhecidas do público, sendo este, um dos primeiros elos de afinidade, entre “sagrado” e “profano”, no espaço de sociabilidade da Missa do Vaqueiro. Espaço que seria conforme sugere Eliade (1992, p. 19): “a passagem do mundo profano para o mundo sagrado”, a partir da procissão, que transpõe para o local de realização do rito católico, os que se aglutinaram no espaço de acolhida, que para o autor seria o “lugar paradoxal” em que estes dois elementos se encontram e se comunicam entre si.

Para o espectador que deseja acompanhar desde as primeiras horas a realização do evento, é possível notar um frenesi constante de transeuntes. Poucos componentes da Comissão Organizadora podem ser vistos no local e muitos aparecem já perto do meio-dia, com parte das atividades já em andamento ou tendo sido executadas. Uma queixa que pôde ser notada durante a entrevista com membros da referida Comissão Organizadora, é de que há integrantes que se utilizam do status do grupo organizador para se promover. Sobre este episódio preferiram não adentrar ao tema, tampouco listar que tipo de promoção seria essa, nem que membros são. Houve um claro receio, bem como um certo desconforto ao adentrar em questões que envolvem, sobretudo, membros que foram inseridos a partir da imposição/indicação da administração pública municipal, uma vez que, as relações políticas em cidades de pequeno porte, como em Manari, são mais sensíveis e diretas entre os mandatários políticos e o servidor público que está em cargo de confiança. Em cenários conflituosos como este, o pesquisador deve respeitar o limite interposto por seus colaboradores, com o intuito de proteger suas informações e seu direito a privacidade dos fatos.

No que se diz respeito ao quantitativo do público presente, desde o local de chegada, passando pela procissão e/ou durante a solenidade religiosa, analisando as narrativas dos membros da Comissão Organizadora, evitou-se falar em números concretos de participantes, visto que nunca se ativeram em montar dados estimativos, já que oscila muito, de um ano para o outro, a quantidade de pessoas que vêm prestigiar o ato religioso, porém, a senhorita Amélia Wanessa Monteiro Lima (25/03/2019), empiricamente, faz a seguinte suposição: “*a gente já observou que tem períodos que têm cheias, (...) e tem períodos que não. Independente de ser sábado ou domingo, é baixo. É assim. Mas, sempre numa média de mil cavalos*”; indo em contraponto, o senhor Ricardo Vieira Malta (25/03/2019) enfatiza que “*a gente nunca se preocupou em coletar um dado oficial, do quantitativo de vaqueiro. Acho que a Comissão*

nunca se atentou a isso". Este é mais um dissenso que se desenvolveu durante o transcorrer da entrevista, percebendo-se entre outros fatos, que há uma clara desorganização e uma imensa falta de contato e diálogo entre os próprios membros. Dispersos após a realização do evento, não mantém uma agenda de contato que possa contribuir para o fortalecimento da cultura do vaqueiro no município, bem como, para buscar apoio institucional e financeiro de órgãos estaduais.

Ao analisar a entrevista, nota-se que o quantitativo de participantes se baseia na distributividade de quentinhas para o almoço, chegando a cogitar a possibilidade de ter em média, entre um mil e quinhentos a dois mil espectadores, dentre vaqueiros encourados, turistas, admiradores e também de vaqueiros chamados de camisa branca, que é uma designação frequentemente utilizada para destacar o público masculino que comumente frequenta as chamadas festas de gado e missas de vaqueiro. Não se revestem com a tradicional indumentária de couro; podem ou não correr boi no mato ou participar da corrida de mourão, dependendo da modalidade, e também podem ir apenas para curtir a parte festiva dos eventos voltados para a cultura vaqueira. *"Não necessariamente são vaqueiros, vaqueiro do dia a dia"* caracterizou-os a senhorita Norma Waleska Monteiro Lima (27/06/2018). Este grupo assim denominado, é composto em sua ampla maioria, por homens jovens, que tem dado sua contribuição para o processo de ressignificação da Missa do Vaqueiro, ao passo que a sua presença no ato religioso, é justificada meramente como um momento de distração, para exibição pessoal ou mesmo exibição de sua montaria, ou ainda como uma forma de ser visto, de sentir-se parte do grupo, mesmo que não faça parte dele.

Para o senhor Denisson Rodrigues D'Almeida Lins:

"O que a gente faz é apenas pra representar o grupo de amigos, que se juntam em várias épocas do ano para brincar, pra participar de vaquejada e estar junto na Missa do Vaqueiro. E tem outros grupos em nossa cidade. Tem equipes que vem da zona rural. (...) eles entram na brincadeira, porque eles estão nascendo e se envolvendo, mas com pouca informação do que é a cultura do vaqueiro, o que representa aquilo ali, a grande maioria, por isso, (...) eu sou a favor de que o poder público, até mesmo nas escolas, crie alguma matéria, algum espaço pra divulgar e propagar a cultura local. E quando aquela criança tiver ali participando da Missa do Vaqueiro ele saber, pra valorizar e respeitar mais ainda aquele evento, num é? Não esquecer a questão cultural no dia a dia e não só na Missa do Vaqueiro. Propagar essas informações para que os jovens cresçam sabendo o que é, que senão se perde no tempo"
(ENTREVISTA COM DENISSON RODRIGUES D'ALMEIDA LINS, 17/01/2019).

Em contraponto a crítica tecida, o senhor Denisson Rodrigues D'Almeida Lins, colaborador da pesquisa, que faz parte desse público denominado camisas brancas, organiza um grupo que se encaixa nas descrições pontuadas e faz questão de destacar a importância que

desempenham na vitalidade do evento, já que a presença destes, é marcada durante todo o dia festivo. Para o dia 18 de janeiro, estes grupos customizam e mandam produzir camisas com referência à edição da Missa do Vaqueiro, com frases e imagens que remetem à cultura do vaqueiro, bem como de símbolos religiosos. Reunidos, chegam a ter uma representação significativa no evento. Dentro destes grupos, também é possível perceber a inserção, mesmo que de forma tímida, do público feminino, que já demonstra uma maior abertura e menor preconceito em relação a participação das mulheres, diferente do que se via e era vivenciado nos anos iniciais. Em suas narrativas, o senhor Denisson Rodrigues D’Almeida Lins destaca a existência de uma certa quantidade de grupos que estão distribuídos por todo o município, que desponta como um elemento significativo para o processo de ressignificação do evento e para a manutenção da cultura do vaqueiro no município, além de criticamente apontar a ausência de políticas públicas voltadas para o fomento da cultura local.

Outro meio de observação utilizado para estimar a quantidade, durante a realização da entrevista, foi o momento da procissão, em que situaram a distância do local de recepção dos vaqueiros até o centro da cidade. Questionados sobre fatores que poderiam contribuir na oscilação do número de participantes, os membros da Comissão Organizadora foram divergentes quanto aos ciclos de seca, assim como a data poder cair em dias úteis da semana. Contudo, apesar do dissenso a este quesito, é bem provável que em épocas de longa estiagem, acarrete diretamente no número de participantes, assim como a data fixa também pode interferir em certa medida. Também aproveitaram a oportunidade, para listar as cidades de onde vem boa parte das caravanas dos vaqueiros: Águas Belas; Alagoinha; Buíque; Floresta; Ibimirim; Inajá; Itaíba; Petrolândia; Tacaratu; Tupanatinga; todas estando localizadas no sertão e agreste do estado de Pernambuco. Da Bahia, citam caravanas da cidade de Paulo Afonso. De Alagoas, estado com o qual o município é fronteiro, listam grupos das cidades de Água Branca; Canapi; Delmiro Gouveia; Inhapi; Mata Grande e Santana do Ipanema. Nota-se nesta listagem, um intercâmbio bastante promissor entre os diferentes estados do Nordeste, que além de estarem interligados através da cultura, se conectam ao conjunto da mesma condicionalidade territorial.

Ao observar *in loco* o ponto de acolhida, como o retratado na FOTOGRAFIA 04, percebe-se que é um ambiente predominantemente masculino; um espaço de sociabilidade e interação entre velhos amigos que se cumprimentam na chegada de mais um evento e de um novo reencontro. Atentando-se aos diálogos frenéticos do local, é possível ouvir frases com demonstrações de respeitabilidade, companheirismo e compadrio, sobretudo, entre vaqueiros de mais idade; e atitudes pouco observáveis entre os mais jovens. Areladas a essas questões,

que podem soar como atitudes corriqueiras, a Missa do Vaqueiro é carregada de intencionalidades, sejam elas de caráter político, de projeção social, econômico e/ou religioso.

Para o padre Giorgio Botta, a Missa do Vaqueiro:

“tem toda uma recuperação daquilo que é a vida do vaqueiro como tradição sertaneja; depois, não sei até que ponto, são todos vaqueiros, aqueles que estão em cima dos cavalos, por que isto é um pouco problema; tem algum que dá para perceber que são profissionais, no sentido que vivem ainda cuidando do gado; tem outros que consideram a paixão pelo cavalo. Pelo vício, vão mais para o passeio, para o evento, para a música, para as toadas, para o estilo de vida ou o agregado que se cria com a fantasia do vaqueiro. A nível religioso não muda muito a questão, porque depende sempre da alma de quem reza e de quem celebra. Os vaqueiros velhos têm uma tradição, uma reza com os benditos e tudo. Os vaqueiros novatos dependem quanto isso vai entrar no sangue ou vai entrar na tradição deles, além da coreografia externa. Porque quem vive de roça, de vaqueiro, tem uma fé popular com terço no pescoço e uma reza constante; quem vem só pelo evento, claramente não tem este... não sei como dizer, esta herança religiosa de vida espiritual” (ENTREVISTA COM PE. GIORGIO BOTTA, 20/06/2018).

Além de pontuar a importância do evento religioso para o contexto social experienciado por uma gama de pessoas que vivem do trabalho no campo, seja no roçado, seja na criação ou no trato com o gado; além da finalidade pastoral, a Missa do Vaqueiro tem servido como ponto de encontro, reafirmação da cultura vaqueira, fortalecimento das questões da fé, das festas de gado; agindo como um instrumento catalizador de forças que se entrelaçam e mantêm vivas as formas de vida deste homem e mulher do campo, mesmo que resignificadas com o passar dos tempos. Ante o exposto, a narrativa do pároco reitera que para a fé, não se tem idade para demonstrá-la, vai além do que condicionou chamar de *“coreografia externa”*, fruto do processo de resignificação da cultura do vaqueiro, acentuada com o avançar das novas tecnologias e da mecanização dos campos. Ou seja, até que ponto isso é uma demonstração da religiosidade particular de cada indivíduo, ou apenas exibição do gosto pela cultura que apropriam e tomam para si? Além disso, ao observador mais atento, é possível perceber uma grande dispersão, sobretudo, do público jovem durante a celebração litúrgica, bem como um esvaziamento destes, durante a noite de novena para os vaqueiros, criadores e agricultores, na Igreja Matriz.

Para compreendermos o esvaziamento ou distanciamento deste público, é necessário entendermos que esses jovens não vivem mais como os seus pais e avós, há que se levar em conta que vivemos em uma sociedade que está em permanente transformação. Este processo é o que Nora (1993, p. 8) nomeia de aceleração do tempo, em substituição de “uma memória voltada para a herança de sua própria intimidade pela película efêmera da atualidade”. É o enfraquecimento das memórias, ocasionadas a partir das mudanças ‘exigidas’ pela contemporaneidade.

Para o senhor Ricardo Vieira Malta (25/03/2019), a participação do público jovem, que se organiza em grupo para participar da Missa do Vaqueiro, teria como finalidade a exibição ou a autopromoção destes participantes. Em sua narrativa, enfatiza que “*tem pessoas que vão pra desfilar, que os vaqueiros novos gostam de andar com as meninas na garupa do cavalo pelas ruas, né? A gente sabe que, uma grande parte não fica no ato*”. Entretanto, não se pode generalizar a participação deste público, certo de que uma parcela significativa não tem uma vivência com o meio rural, com a religiosidade e/ou não fazem parte do grupo cultural, comparecem pela importância e tamanho da festividade; enquanto outros vão pela identificação com a solenidade religiosa, como demonstração de fé e se identificam desde tenra idade com a cultura e o cotidiano agropastoril. Este espaço de sociabilidade, é parte importante do processo de ressignificação da Missa do Vaqueiro, já que existem diferentes intencionalidades no público que participa.

Entre o público presente é possível notar a presença de muitas crianças, em sua maioria vestidas a caráter, com a indumentária de couro adaptada ao seu tamanho, ou portando algum item da vestimenta dos vaqueiros. Este processo faz parte da transmissão cultural de uma geração à seguinte. Indicativo de que o legado histórico-cultural, fortalecido após o estabelecimento da Missa do Vaqueiro, tem sido positivo. É um tema que deveria suscitar o debate, que deveria ser considerado, já que este público jovem é o que tem predominado no ambiente de realização. Para o senhor Denisson Rodrigues D’Almeida Lins (17/01/2019) “*todo mundo tem que dar sua cota de participação*” já que a Missa do Vaqueiro é um elemento da cultura local, que tem forte ligações, sobretudo, com a realidade social e econômica da ampla maioria da população, seja ela, rural ou urbana.

Para o senhor Ricardo Vieira Malta:

*“É um ato do povo, porque o povo tem isso como deles, se **apudera** disso. Por mais que a prefeitura, por mais que o poder público financie uma grande parte, mas o povo SENTE-SE DONO da Missa, né. No sentido de pertencer a essa história; pertencer a essa história que começou lá atrás e hoje, vem se mesclando, vem um ano fica mais fraco, outro ano fica mais forte” (ENTREVISTA COM RICARDO VIEIRA MALTA, 25/03/2019).*

O termo grifado em caixa alta, denota a fala dita de forma acentuada pelo narrador. Apesar de destacar que a Missa do Vaqueiro pertence ao povo, o que se tem visto nos últimos anos, durante o dia 18 de janeiro, se torna um pouco contraditório à narrativa do colaborador, por exemplo. Se percebe uma crítica direcionada a “apropriação” da festa por interesses de ordem política e seus agentes, assim como o caráter turístico da solenidade religiosa e o viés

econômico; ao vaqueiro, ao agricultor e ao criador, seria reservado um segundo plano, embora tudo seja feito e realizado em nome da valorização e fortalecimento cultural da profissão destes. Como uma forma de apropriação do pioneirismo estabelecido com o alcance da Missa, que em seu processo de ressignificação tem sido atrelada a diferentes interesses e culturas. Este contexto será explorado com maior atenção a partir do terceiro capítulo, que enfatizará, as relações políticas e seus desdobramentos no evento religioso.

O sítio que serviu de espaço para acolhida, transforma-se em um recinto festivo e efervescente quando se aproxima do meio-dia, momento em que a Comissão Organizadora começa a preparar a saída da procissão, que desde o advento do ato religioso, tem passado por um processo de ressignificação; fartamente carregada de signos, transformou-se com o passar dos anos para chegar aos moldes que se tem atualmente. A imagem de São Sebastião posta na entrada do espaço, é praticamente ignorada pela maioria do público presente. No local, também possível fazer a compra, bem como o consumo de bebida alcoólica, e muitos o fazem no entorno do ambiente preparado para a imagem do orago padroeiro. Fato que também acirra os conflitos internos sobre os procedimentos adotados em nome da Missa do Vaqueiro.

FOTOGRAFIA 06: Procissão da Missa do Vaqueiro.



FONTE: Acervo pessoal da Família Monteiro Lima, 1987.

Em seus primeiros anos, era organizada obedecendo poucos critérios, privilegiava-se somente os vaqueiros encourados para irem à frente, atrás apenas do carro veraneio adaptado e transformado em carro de som, que puxava em fila dupla, os homens montados a cavalo, como pode ser observável na FOTOGRAFIA 06. O trajeto a ser percorrido pela procissão privilegiava

as principais ruas e avenidas do pequeno traçado urbano antes de adentrar à Praça Nossa Senhora da Conceição, na qual se realizaria a solenidade litúrgica na calçada da capela. O registro fotográfico, centraliza as figuras dos vaqueiros vestidos com suas vestimentas constitutivas, estando em cortejo pela atual Avenida Costa e Silva, ainda sem os traços que lhes dão as características cidadinas. Enquanto isso, diversas crianças acompanham curiosas a procissão puxada pelo carro de som. A direita, uma forte claridade denota a pouca habilidade da pessoa que fez a fotografia e, não permite vislumbrar com mais eficácia alguns detalhes constantes no retrato, como por exemplo, o curso da procissão.

A procissão é o último ato que antecede a celebração do rito católico, considerada em narrativas do padre Giorgio Botta (20/06/2018) como “*a expressão mais simples da devoção acompanhar o santo*”. Historicamente, a procissão é parte constitutiva dos festejos religiosos da comunidade cristã católica. Está imbuída de elementos “profanos” constituídos anteriormente e absorvidos pelo catolicismo. A procissão reafirma o caráter sacro da solenidade religiosa, devido a seu ato de penitência.

Nas palavras de Souza,

A procissão simboliza o pertencimento dos fiéis à Igreja, mas é feita no espaço externo ao templo, nas ruas e não em seu interior, o que demonstra a ambiguidade inerente ao ritual: cerimônia ao mesmo tempo eclesiástica e profana, controlada pela Igreja e absorvendo elementos profanos. Ao mesmo tempo, a procissão afirma a autoridade da fé sobre o espaço profano, incorpora-o à autoridade da Igreja e faz com que a identidade cristã dos que dela participam seja afirmada perante eles próprios e perante quem se mantenha alheio à fé (SOUZA, 2013 p. 44).

A procissão antecede a celebração litúrgica da Missa do Vaqueiro, obedecendo a uma hierarquia que fora sendo estabelecida com o passar dos anos. Nas últimas edições tem privilegiado a seguinte estruturação: abrindo o cortejo, dois vaqueiros de mais idade são imbuídos para carregar o estandarte com a imagem do padroeiro, que seria a representação da valorização da fé do homem sertanejo. Em seguida, três mulheres, preferencialmente solteiras e jovens, portam as bandeiras do Brasil, de Pernambuco e de Manari, que emprestam um caráter cívico à procissão e ao ato religioso em si. Conforme relatos de membros da própria Comissão Organizadora, as figuras femininas ‘prestam leveza’ ao ambiente predominantemente masculino e ‘embelezam’ o evento. Revelando o caráter machista que ainda permeia o ambiente. Seguindo a hierarquia, dois vaqueiros encourados ficam encarregados de expor a faixa que traz o tema da edição.

Anualmente um tema tem sido proposto, alguns em homenagens póstumas a vaqueiros de destaque na região que já faleceram; enquanto outros seriam voltados a pedidos de

intercessão, como em períodos de seca, ou ainda temas que reforçam o caráter profissional das categorias envolvidas, assim como a preservação da caatinga, sobre a própria história, a cultura vaqueira e a fé. Com base na definição da temática uma toada é escrita abarcando a proposta apresentada, listando patrocinadores e que geralmente é entoada durante o cortejo dos vaqueiros. Atrás destes, em carro aberto, vem a imagem de São Sebastião na tradicional padiola⁵⁹. Ainda em procissão, vem os carros de boi⁶⁰ e as carroças. Posterior a estes, começam as filas duplas de vaqueiros encourados e por fim, os grupos de vaqueiros, os chamados de camisa branca, anteriormente definidos. A estruturação de toda essa hierarquia chega a ser bastante desafiadora.

Com o fim do cortejo através das principais ruas e avenidas do traçado urbano, é iniciada a solenidade religiosa, que adotou um processo de adaptação do tradicional cerimonial litúrgico da Missa à realidade social dos vaqueiros, criadores, agricultores e demais homens e mulheres do campo, tomando traços característicos que lhes são corriqueiros ao cotidiano; foi necessário para que o rito católico pudesse ser e estar mais próximo dessas pessoas, rompendo assim, com a sisudez do ritual romano, possibilitado pelas novas políticas eclesiais adotadas pela Igreja Católica, após o concílio Vaticano II. A linguagem utilizada é a mais acessível possível, inclusive os cânticos tradicionais, passaram por adaptação. Essa mudança é justificada pelo pároco, que explica a presença de tocadores e aboiadores no palco da celebração em substituição ao coro tradicional da missa:

“Não tem problema nenhum, porque tem muitas toadas que são religiosas. Tem específico na missa em latim, que é o gregoriano; aqui na prática foi incluído na Missa do Vaqueiro, uma categoria musical que são as toadas dos boiadeiros, que não é antilitúrgico, se o canto é expressão da própria fé. Os aboiadores exprimem a própria fé como uma forma de música, de canto, que é típica deles; tanto como a Igreja Romana tem uma música típica deles, (...) como a Legião de Maria ou os cantos

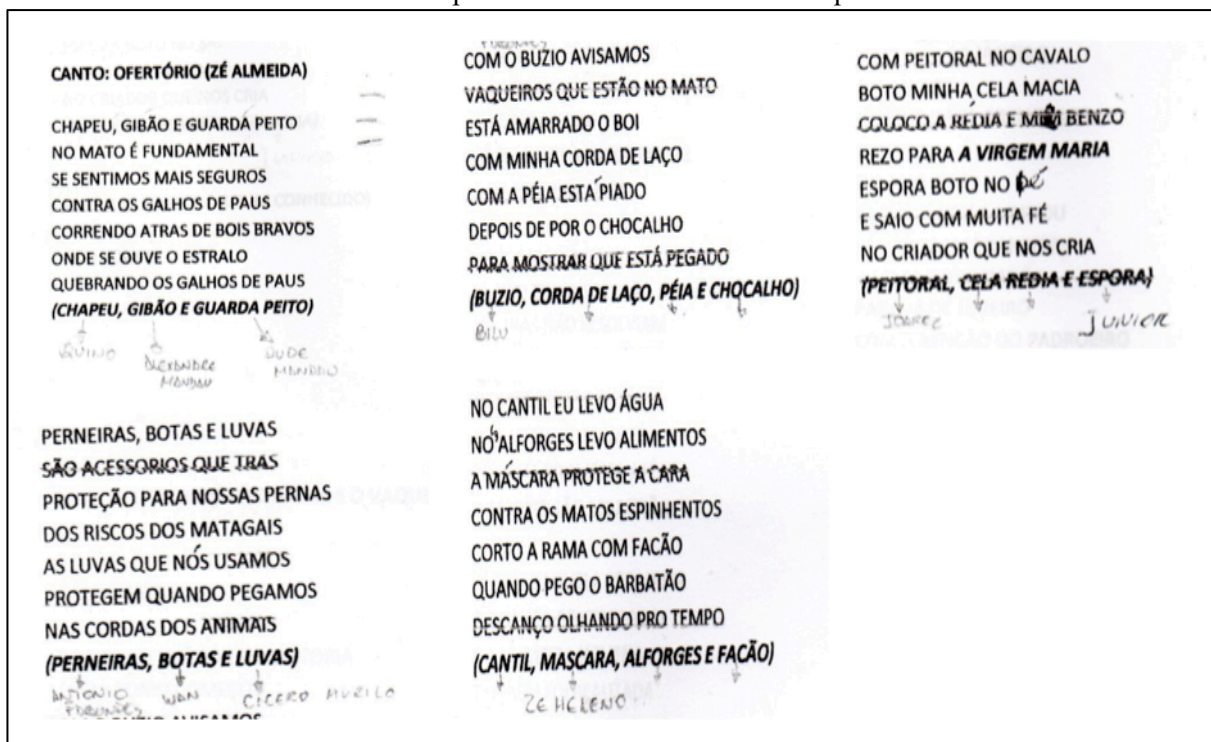
⁵⁹ A padiola tem diferentes nomenclaturas, podendo ser conhecida em diferentes regiões pelos nomes de andor e/ou também de charola. Utilizada em procissões católicas, comumente sua fabricação consiste em uma pequena estrutura retangular de madeira, aplicada sobre duas varas compridas, para que possa ser transportada com a imagem da santidade, sobre os ombros de quatro pessoas.

⁶⁰ O carro de boi é um dos mais antigos e modestos meios de transportes, ainda em uso pelos sítios e comunidades rurais do município. Também é utilizado para o transporte de água, de cargas e da produção agrícola. Foi introduzido no Brasil, ainda durante o período colonial, enquanto instrumento de trabalho largamente utilizado nos engenhos no decurso do ciclo do açúcar. Sua composição é bastante simples. Duas rodas feitas a partir da madeira e protegidas por anel de ferro ficam interligadas por um eixo, que é sobreposto por uma estrutura também de madeira, que forma uma espécie de mesa, com uma linha comprida ao centro, chamada de cabeçalho, que permitirá prender a canga à junta de bois. A canga é feita para prender-se ao pescoço dos bois por uma correia ou corda e assim dar sustentabilidade ao carro, que varia muito de tamanho, de acordo com as necessidades de seu dono, mas é comum ter entre dois metros e meio e três metros de comprimento, por pouco menos de um metro e meio de largura. As laterais da estrutura têm pontos vazados, em que serão incrustados, gradis ou fueiros, que sustentará o amontoado da carga posta. O carreiro, a pessoa que conduz o carro de boi, geralmente faz uso de um arpão, que nada mais é que uma vara longa, fina e pontiaguda, que tem como finalidade guiar os animais e indicarlhe a direção a seguir, e em alguns casos, castigar.

devocionais de Nossa Senhora tem outra forma. Isso não é contra a religiosidade de uma manifestação, ainda mais da fé popular” (PE. GIORGIO BOTTA, 20/06/2018).

Os cânticos para a Missa do Vaqueiro são feitos em forma de versos e entoados por aboiadores e cantores de toadas, que substituem os tradicionais oradores. A homilia feita pelo padre também é simplificada; e o momento do ofertório é outro ponto característico dessa adaptação e o mais original possível, com arreios, peças da indumentária de couro⁶¹ e instrumentos de trabalho sendo apresentados, um a um, por diferentes vaqueiros, que são convidados a depositarem no altar, simbolicamente, tais artefatos e apetrechos que utilizam, tanto para proteção pessoal, quanto para a labuta no trato com o gado, ao som de versos e rimas feitos exclusivamente para o momento, como podemos ver na FIGURA 05, a seguir.

FIGURA 05: Versos feitos para o ofertório da Missa do Vaqueiro de Manari – PE.



FONTE: Acervo da Família Monteiro Lima, 2010/Compilação feita pelo autor.

⁶¹ Sobre a indumentária do vaqueiro, Cunha (2003, p. 213) diz que “as vestes são uma armadura”. O autor faz alusão à armadura que era utilizada pelos cavaleiros na Europa medieval. Porém, “de um vermelho pardo, como se fosse de bronze flexível, não tem cintilações, não rebrilha ferida pelo sol. É fosca e poenta”. O vaqueiro, além de ser um cavaleiro sem fidalguia ou brasão, tinha que se utilizar desta indumentária feita de couro, para poder adentrar à caatinga espinhosa e desconhecida, caso contrário, estaria colocando em risco sua própria vida. A roupa/armadura produzida a partir do couro é de grande resistência e durabilidade. Contrastando com a descrição de Cunha sobre a caracterização da vestimenta do vaqueiro, Correia (2016, p. 88) pontua que é comum o uso de trajes mais trabalhados, carregando decorações e/ou enfeites, sobretudo nos que são mais visíveis, como o gibão e o guarda-peito. Esses itens, podem apresentar desenhos estilizados, em alto e baixo relevos, com pespontos manuais ou não, além de ser acompanhados de cordões, fivelas, abotoaduras e cores vibrantes, sendo “a estética do vaqueiro reafirmada através de sua vestimenta”, produzida, a partir da vasta disponibilidade de matéria-prima.

Para se compreender melhor este momento do ato religioso, padre Giorgio Botta (20/06/2018) destaca em suas narrativas que *“sempre quando se tem missa de categoria, especialmente no ofertório, se dá espaço para serem apresentados, os instrumentos de trabalho, como suporte, ou como agradecimento, ou como intercessão para a vida no campo”*. Fato também possibilitado pelas mudanças realizadas após o concílio. O material exposto, é um dos poucos registros escritos que estão disponíveis, e foi ‘garimpado’ dentre o vasto acervo pertencente à Família Monteiro Lima, referentes ao objeto desta pesquisa, e mostra com bastante detalhes, dentro das cinco estrofes, rimadas em forma de versos, partes da indumentária e o tipo de instrumento utilizado pelo vaqueiro, assim como sua devida finalidade, não sendo possível identificar a autoria.

Na FIGURA 05, é possível perceber alguns rabiscos feitos a mão, por alguém da solenidade religiosa, designando quem deveria comparecer à frente do palco montado na Praça de Eventos, e depositar aos pés do altar posto o objeto determinado a cada estrofe entoada pelos aboiadores. Dentre os citados, há alguns componentes da Comissão Organizadora; também há membros da administração pública municipal, bem como vaqueiros que vieram de outras localidades, e que frequentemente marcam presença nas celebrações Missa do Vaqueiro em Manari.

Outro elemento marcante e característico da solenidade religiosa, se dá durante o momento de comunhão, que apesar de seguir os ritos da missa comum, é sucedido com a distribuição de queijo coalho e rapadura aos vaqueiros, turistas e demais participantes que queiram compartilhar desta ocasião, que deve ser encarada como um momento de sublime partilha e fraternidade, externada por uma categoria profissional, que valoriza em seu âmago a lealdade e o companheirismo; e este é o seu alimento ‘sagrado’, consumido, sobretudo, quando incurso nos campos e caatingas no decurso de sua labuta.

Estes dois alimentos, historicamente fazem parte da alimentação do vaqueiro, quando este sai para a mata em busca de arrebanhar o gado solto. A rapadura, segundo Cascudo (2012, p. 605) é um “tíjolo de açúcar mascavo. (...) objeto de comércio intenso no Nordeste. Pelos séculos XVIII e XIX era a forma usual do açúcar”. O queijo coalho é misturado a farinha de mandioca, e serve de alimento durante extensas jornadas de trabalho ou nos dias em que fica longe de casa. Geralmente tudo isso é misturado, colocado em um pano de prato limpo, e feito uma espécie de bolsa, que vai ser colocado dentro de um bernal de couro ou alforje, que comportará também uma moringa com água para saciar a sede.

A alimentação consumida pelos vaqueiros, foi utilizada durante as primeiras celebrações da Missa do Vaqueiro em Serrita, no processo de adaptação adotado pelo padre

João Câncio, que nomeou este momento de comunhão sociológica. O fato de distribuir queijo e rapadura, como uma segunda comunhão, se tornou alvo de polêmicas e motivo de discórdia dentro do próprio clero, sobretudo, entre a ala mais conservadora. Fugindo do círculo religioso, a polêmica é transportada para as páginas dos jornais em coluna para o Diário de Pernambuco, assinada por Luiz Delgado, a partir de uma matéria intitulada de: “*Subjetivismos litúrgicos*”, em 20 de agosto de 1974. Em seu texto, critica o idealizador da Missa do Vaqueiro de Serrita, afirmando que “*melhor maneira não poderia haver, de se confundirem realidades diferentes. Para apagar na mente daqueles sertanejos (...) a noção de que a Eucaristia (sic) não é uma refeição comum*”. Entre as linhas de seu artigo, chega a caracterizar o ato religioso de Serrita de “*estranha coisa tornada famosa*”; assim como critica a principal entidade turística do estado de Pernambuco, a EMPETUR, mesmo que indiretamente, sem citá-la, e as autoridades clericais, que para ser mais preciso, estaria direcionadas à Diocese de Salgueiro, a qual a paróquia do município de Serrita está vinculada, por permanecerem inertes ante as adaptações do pároco oficiante. Considera de fato como sacrílega esta segunda comunhão, além de chamá-la de uma “*autêntica profanação*” do ofício religioso e que dessa forma, as adaptações “*andam a matar a fé, esvaziando o cristianismo*”; apontando ao fim, uma série de pretextos que teriam a finalidade de desvirtuar o rito sagrado do missal romano.

Chega-se à benção final do ato religioso e a Praça de Eventos é tomada por um vai e vem intenso de cavalarianos. Encerra-se a Missa e a Comissão Organizadora ocupa-se em fazer a tradicional entrega de homenagens e premiações, que consiste em um troféu personalizado para o momento. Esta ocasião, é marcada pela tomada de diversos agentes públicos e autoridades políticas, que se utilizam do espaço para promoção pessoal e/ou com fins eleitoreiros. Centrando-se nas homenagens, há alguns critérios que foram narrados em entrevista pelos membros da Comissão, que merecem atenção, pois, é como se realiza a entrega e distribuição das honrarias, que vão para o vaqueiro melhor trajado; vaqueiro mais novo; vaqueiro mais velho; cavalo marchador; vaqueiro que veio de mais longe; junta de boi mais bonita; cavalo melhor equipado; equipe com mais vaqueiros – ou seja, a caravana que mais trouxe vaqueiros para a solenidade; e também às comissões organizadoras de outras cidades. Com o esvaziamento da Praça de Eventos, é possível notar fatos curiosos, como por exemplo, vaqueiros que vem montados em mulas, jumentos, e também em búfalos.

E para encerrar os festejos religiosos do dia dedicado aos vaqueiros, criadores e agricultores, a partir das 19h na Igreja Matriz é celebrada a noite de novena. Não é surpresa que para o novenário não compareçam membros das categorias profissionais citadas, que são responsáveis pela noite, ou até mesmo é possível notar a ausência da maioria dos membros da

própria Comissão Organizadora, que após a celebração da Missa, privilegiam o início dos festejos “profanos” na Praça de Eventos. O novenário segue um ritual anteriormente posto, com a entrada da imagem do padroeiro sendo carregada por membros da própria comunidade católica, seguida pelo pároco, leitores e ministros da eucaristia. Atualmente, tem sido realizada na calçada da Igreja Matriz, já que o interior do recinto não comporta a quantidade de pessoas que vêm para acompanhar o novenário, para isso, os fiéis são acomodados em bancos e cadeiras na rua, que é fechada para o trânsito. Ao fim da novena, era comum a realização de um leilão⁶², prática atualmente extinta.

Com a conclusão das atividades religiosas, o dia 18 de janeiro, ainda tem como encerramento das homenagens, no palco da Praça de Eventos, o festejo “profano”, com atrações musicais. Bandas de forró ou vaqueiros cantores se apresentam para o grande público. Atrações de renome nacional, como o cantor alagoano, Mano Walter, já se apresentaram por diversas vezes nesta data.

Encerradas todas as atividades e tarefas do dia dedicado à Missa do Vaqueiro, a análise da narrativas dos membros da Comissão permite observar que não se realiza reunião ou encontro entre os membros ou entre as três entidades envolvidas, seja para se discutir os acontecimentos, erros e acertos referentes ao evento como um todo, ou para planejar ações futuras. Fato que segundo as narrações do senhor Ricardo Vieira Malta (25/03/2019) “*a Comissão, só se reconhece como Comissão, perto da Missa. Depois a gente esquece a Comissão e todo mundo é amigo*”. A análise da entrevista com os membros da Comissão Organizadora, também permite compreender que os membros estão cientes das dificuldades e das falhas que geralmente acontecem. Apesar dos problemas e das dificuldades, demonstram incapacidade de tecer uma crítica interna, que venha a contribuir para o fortalecimento do evento como um todo.

A Missa do Vaqueiro é a história viva e vivenciada por um povo, que se apresenta interligada a diferentes elementos reunidos em um mesmo contexto histórico: a cultura do vaqueiro. A busca para conhecer e adentrar através de suas raízes igualmente históricas e culturais, facilitada a partir dos registros de memória e desveladas em narrativas orais de alguns agentes históricos, que se dispuseram como colaboradores desta pesquisa, têm contribuído para

⁶² O leilão é uma prática bastante comum nas festas tradicionais do interior do Nordeste. Consiste basicamente na arrecadação de ‘prêmios’, como animais de pequeno e médio porte, comidas típicas, frutas, legumes, verduras, roupas, calçados, objetos de uso doméstico e também do cotidiano, entre outras coisas, que são vendidas em lances iniciados pelo leiloeiro e serviria para angariar fundos, que ajudariam a custear as despesas feitas para a realização do novenário, como por exemplo, o pagamento dos fogos de artifício, o pagamento com despesas diversas, com a ornamentação da Igreja, entre outras finalidades.

a construção da história não escrita sobre a festividade religiosa; além de propiciar uma ampliação do conhecimento sobre o universo constitutivo do vaqueiro, que tanto permeia e faz parte da historicidade do município; bem como cooperam para a preservação da historicidade local, que é carente de registros históricos e documentais. As narrativas revelam problemas e dificuldades que se arrastam por mais de três décadas nas estruturas internas e externas da solenidade religiosa, como veremos no capítulo seguinte.

CAPÍTULO III

3. RELAÇÕES DE SOCIABILIDADE E DE PODER NO PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO DA MISSA DO VAQUEIRO

3.1 A Missa do Vaqueiro e suas interfaces: relações sociais e de poder

A partir do desenvolvimento da pesquisa, bem como da análise das entrevistas, é possível notar que a Missa do Vaqueiro de Manari, perpassa por momentos de conflitos, de alta adesão e participação de público e baixas na estrutura organizativa. Essas questões são partes constituintes do que podemos chamar de processo de ressignificação/transformação da própria Missa do Vaqueiro. Diferentes interesses e intencionalidades estão no bojo da tessitura social que emana das relações sociais e de poder, como veremos neste subitem.

Durante a realização da entrevista com os membros da Comissão Organizadora, essas interfaces menos conhecidas do grande público tomaram evidência, especialmente no tocante às relações sociais que são costuradas em nome da solenidade religiosa e também da festa “profana”. No quesito social a enfática dos narradores, membros da Comissão Organizadora, focam nos anos em que apresentaram um expressivo número de vaqueiros e demais participantes, em sua maioria vindos de outras cidades e/ou outros estados vizinhos para a celebração da Missa do Vaqueiro. Sendo a diminuição do público participante, resultante de questões variáveis, como por exemplo: o agravamento das problemáticas causadas pela seca no sertão; dificuldades de ordem financeira da própria organização, bem como dos problemas entre as entidades responsáveis, que fomentam o dissenso e acirram essas relações sociais e também de poder, tecidas a partir da fundação ainda na década de 1980. Conforme narrou em entrevista o senhor Ricardo Vieira Malta (25/03/2019) *“tem vários interesses, né?! (...). Tem interesse político, tem interesse financeiro. (...) o que eu vejo menos interesse na verdade, é a igreja”* esta gama de interesses, é parte da dialética construída em torno da Missa do Vaqueiro, e emergem de ambos os lados, exercendo influência e diferentes interpretações.

A relação entre religião e estrutura social criada em torno da realização da Missa do Vaqueiro, assume múltiplas faces, entre elas, poderíamos citar a predominância “machista” do ambiente, que poderia facilmente, ser objeto de um outro estudo mais aprofundado, e que nestas páginas não teria como discorrer com mais propriedade. São ações e atitudes que se complementam com as problemáticas e os desdobramentos que abordaremos neste capítulo, iniciadas a partir das relações sociais e de poder, que no decorrer dos anos foram sendo acentuadas, acentuando-se a partir da criação da Paróquia de São Sebastião.

Para adentrarmos nas questões acerca das relações de poder, tomamos de empréstimo a proposição dada por Machado (2019, p. 17-18) na introdução para a edição brasileira da obra *Microfísica do Poder*, do filósofo, teórico social, historiador das ideias e professor francês Michel Foucault, ao destacar que “rigorosamente falando, o poder não existe; existem práticas

ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que efetua, que funciona. (...) Não é um objeto, uma coisa, mas uma relação”. De fato, o poder é abstrato, mas se concretiza em ações. Além disso, a concepção foucaultiana de poder também permite distinguir quem não o detém.

Para que a Missa do Vaqueiro pudesse, de fato, se estabelecer no calendário festivo e religioso, quando Manari ainda era apenas um distrito, foi preciso que seu idealizador e fundador, Zé Pesqueira, se utilizasse de toda sua influência, construída ao longo dos anos, junto à comunidade católica local. Essa influência parte do pressuposto, segundo Blackburn (1997, p. 301) autor do dicionário de filosofia, de que “o poder é a capacidade de se mobilizar forças econômicas, sociais ou políticas para obter certo resultado. A capacidade de este conseguir algo, quer seja por direito, por controle ou por influência”. Dentro do contexto apontado pelo autor, e sendo o idealizador uma figura bastante conhecida entre a população manariense, sempre presente nas festividades religiosas, destacou-se por ser um bom articulador; além de contar com boas relações sociais com diferentes pessoas, inclusive de outros lugares e cidades circunvizinhas.

Por sua atuação denotada dentro do contexto religioso local, conseguiu fazer com que a Missa do Vaqueiro tomasse proporção, popularidade e aceitação pela região e seu entorno, apesar das críticas fomentadas entre os próprios paroquianos, e que conforme a concepção foucaultiana de poder, viria a ser um instrumento de resistência a esse exercício de poder dentro das estruturas internas do novenário de São Sebastião. Considerando as devidas proporções, tanto a festa religiosa quanto a “profana”, igualmente criadas para servir de homenagem aos vaqueiros, não só de Manari, devem ser analisadas do ponto de vista que também servem como espaço de sociabilidade, de contato entre diferentes culturas, de interação entre os participantes do evento, de possibilitar dar corpo e voz àqueles que permaneceram silenciados pela história oficial local.

As festas, são conforme descreve Albuquerque Junior,

(...) espaços de negociação, de tensões, de conflitos, de alianças e de disputas entre distintos agentes, que se conflitam e se debatem em torno não só dos sentidos e significados a serem dados à festa, como também em torno das práticas que as constituirão, dos códigos que as regerão, das regras que estabelecerão permissões e proibições, que definirão limites e fronteiras entre o que pode ser admitido e o que deve ser excluído. As festas podem não só ser campos de lutas concretas, de enfrentamentos entre pessoas e grupos, em torno dos valores e preceitos que definem o viver em sociedade, mas elas são campos de luta simbólica, de luta entre projetos, sonhos, utopias e delírios, mas são acima de tudo momento de invenção da vida social, da ordem social e da própria festa e seus agentes (ALBUQUERQUE JR. 2011 p. 147-148).

Tomando como base as proposições apontadas pelo autor no tocante à vivência social, as práticas e os sentidos, vemos que a festa criada em torno da Missa do Vaqueiro em Manari, é uma ‘reprodução imagética’ do mundo vivido e experienciado por seu idealizador e fundador, Zé Pesqueira, enquanto homem do campo, com uma história de vida completamente voltada para o meio rural, para o plantio e cultivo da terra, e da mesma forma para a criação e o trato com o gado bovino.

Assim como a materialização de sua idealização é fruto de sua influência e poder locais, construídos no perpassar de seus anos de vida em terras manarienses, e que acabou tomando outras proporções, perdendo no transcorrer de sua trajetória histórica, elementos de sua finalidade pastoral, religiosa e/ou cultural – tomados de empréstimo a partir da observância da Missa do Vaqueiro de Serrita – igualmente ressignificadas, principalmente quando se analisa os modos de viver numa sociedade que passou e passa por profundas transformações, experimentando diferentes contextos, posturas, sobretudo, a partir da ascensão dos meios de comunicação, do fácil acesso à redes de internet, ao avanço tecnológico, que proporciona a ressignificação de valores e costumes sociais, historicamente constituídos. As mudanças se tornam parte das relações sociais e do exercício de poder instituído, passando a ressignificar a Missa e a cultura do vaqueiro.

Ainda segundo Albuquerque Junior (2011), deve se pensar a festa como “um texto e um contexto que requer uma dada hermenêutica, uma dada leitura, que convoca e provoca leituras e recepções diversas” (p. 146); recepções que até hoje, passados mais de três décadas, ainda suscitam debates, divergências, conflitos de interesses, bem como, fortes tensões que evocam relações de poder em seu interior. Até mesmo o fato de a Missa do Vaqueiro, continuar a se realizar anualmente e por mais de trinta anos, de forma ininterrupta, é segundo Foucault, a manutenção e a aceitação das relações de poder, uma vez que o poder “de fato permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (2019, p. 45). A produção dessas relações de poder, iniciada por Zé Pesqueira, lá em meares dos anos de 1980, introduziu paulatinamente no municípe manariense, um processo de fortalecimento de identificação com a cultura do vaqueiro, que herdou formas de saber construídas durante o processo de ocupação/exploração deste território e que permanecem até os dias atuais, ainda que ressignificados.

As relações de poder, também são exercidas institucionalmente, seja por meio de membros da administração pública municipal, da própria Comissão Organizadora, ou mesmo da Paróquia de São Sebastião, enquanto principal instituição religiosa do município. A este último, conforme análise das entrevistas com a Família Monteiro Lima, e da mesma forma entre os membros da Comissão Organizadora, o exercício de poder manifesta-se, principalmente,

através do pároco, assim como de membros da própria comunidade católica, a quem nomearam de *'alas'* setoriais da Igreja local, que de acordo com Berger (1985, p. 163) “os diferentes grupos religiosos procuram, por diversos meios, manter seus mundos parciais em face da pluralidade de mundos parciais concorrentes”. As disputas, os atritos e a busca pela manutenção de seus mundos parciais, não somente no interior da Igreja, mas também entre as diferentes autoridades que estão à frente das instituições que detém poder, conforme a análise dessas narrativas, permite compreender que tomaram maior proporção e complexidade durante os dois últimos anos que abarcam o recorte temporal proposto, ou seja, entre 2017 e 2018. Os últimos acontecimentos, ficaram marcados na trajetória histórica da Missa do Vaqueiro, conforme foi possível denotar durante e após a realização das entrevistas pontuadas neste parágrafo.

Como a Missa do Vaqueiro é instituída no território manariense somente a partir da segunda metade da década de 1980, em um contexto pós-Vaticano II e no decurso da Teologia da Libertação no Brasil – que teve no Nordeste brasileiro e no sertão nordestino em si, terrenos favoráveis para a aplicabilidade dos ideais emanados. Seca, fome, vulnerabilidade social e violência que também chega ao campo, enquanto herança de um modelo sistêmico e opressor, permitiram que a nova filosofia eclesial buscasse aproximar igreja, evangelho e povo – que conforme Santos (2006) entrava em uma nova fase, marcada principalmente pelo início do papado de João Paulo II, bem como pelo fim da Ditadura Militar. Resultante deste processo, as mudanças de atuação do seio católico brasileiro, influenciaram no estabelecimento e fortalecimento das missas de categoria, como é o caso da dos vaqueiros.

Concernente ao objeto em questão, há em sua trajetória histórica uma clara divergência de ideias e posicionamentos entre os envolvidos na realização, que acabou tomando forma, conteúdo e ação mais recentemente. Fatos que ficaram marcados pela reestruturação, reorganização e redirecionamento em busca de atender os anseios da finalidade pastoral e que a parte litúrgica, aconteça como manda os ditames de um missal romano, advindos diretamente das *'alas'* setoriais, bem como de paroquianos mais conservadores, apoiando-se na figura de seu líder católico.

No tocante a essa mudança de postura como pontuada no parágrafo anterior, que são atitudes geradas a partir de problemáticas não resolvidas, durante toda a sua narrativa, padre Giorgio Botta demonstra acentuada preocupação com os rumos que se têm tomado em nome da Missa do Vaqueiro, desde o processo de fundação até os dias atuais, sobretudo, no que diz respeito aos interesses do campo religioso, a exemplo da necessidade de separar-se o local de realização do ato religioso do espaço em que acontecem os festejos “profanos”. Com a criação da Paróquia de São Sebastião, a Igreja local passou a adotar uma postura mais rígida –

diferentemente da flexibilidade que era visível em outros anos, principalmente quando estava vinculada com a Paróquia de origem, da qual fora desmembrada – a questionar determinadas posturas, principalmente a organizativa, cabedal das principais queixas, tensões e dos diferentes interesses.

Novas medidas, assim como novas posturas podem causar determinada estranheza, incompreensão e/ou gerar, ou ainda reforçar focos de conflitos internos. A paróquia tem colocado em prática seu exercício de influência entre os paroquianos, adotando medidas que viessem romper com a postura anteriormente adotada tanto pela Comissão Organizadora, quanto pela administração pública municipal, enquanto principal financiador da festividade dos vaqueiros como um todo – estavam acostumados a tomar. Para tanto, as medidas adotadas nessa fase de reestruturação, reorganização e redirecionamento foram pontuadas pelo pároco da seguinte maneira:

“O evento praça, o evento rua, já teve o acordo para que não seja na frente da Igreja, tanto que a prefeitura deslocou toda a estrutura de organização: palanque, barracas, para a praça dos eventos; para que na frente da Igreja, pelo menos pudesse ter mais espaço e mais respeito para as celebrações. O mesmo critério foi usado para a Missa do Vaqueiro. Foi pedido à organização de dar respeito no espaço dos eventos; a organização não garante o respeito nas barracas e no som, no espaço dos eventos. A paróquia quando foi feita a assembleia, de acordo com a Comissão dos Vaqueiros, acharam que era melhor que a Missa fosse feita em outro canto, não na praça dos eventos, porque os barraqueiros e o pessoal que vende nas barracas não respeita o momento da celebração” (ENTREVISTA COM PADRE GIORGIO BOTTA, 20/06/2018).

O deslocamento a que se refere o pároco, ocorrido no ano de 2007, pode ser observado a partir das FOTOGRAFIAS 07 e 08, que retratam a Missa do Vaqueiro em dois momentos, em pontos diferentes da cidade. Após acordo entre Paróquia e administração pública, todo o paramento estrutural das festividades de São Sebastião, que ocorrem entre os dias dez e vinte de janeiro, e historicamente eram realizadas na Praça da Conceição, em frente à Igreja Matriz – FOTOGRAFIA 07 – fora alocado na Praça de Eventos, na Avenida Juscelino Kubistchek – FOTOGRAFIA 08.

Esta ruptura é resultante das constantes tensões e divergências ocorridas entre as instituições envolvidas. Apesar de ser um acordo entre as partes interessadas, conforme análise das narrativas do pároco, representou uma rachadura nas relações estabelecidas entre a Paróquia de São Sebastião, a administração pública do município e a Comissão Organizadora, que ignoravam as queixas da instituição religiosa, bem como de alguns paroquianos, a exemplo da venda e consumo de bebida alcoólica nas barracas da festa e do alto som musical durante o horário de realização do novenário na Igreja Matriz, bem como da celebração litúrgica da Missa

do Vaqueiro, no dia dezoito de janeiro, que acabava gerando um aberto ‘desconforto’ da comunidade católica com a citada prática comercial.

Conforme Eliade,

A igreja faz parte de um espaço diferente da rua onde ela se encontra. A porta que se abre para o interior da igreja significa, de fato, uma solução de continuidade. O limiar que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo a distância entre os dois modos de ser, profano e religioso. O limiar é ao mesmo tempo o limite, a baliza, a fronteira que distinguem e opõem dois mundos – e o lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam, onde se pode efetuar a passagem do mundo profano para o mundo sagrado (ELIADE, 1992, p. 19)

Este limiar de fronteiras, como sugere o autor, entre a Igreja – com seu apego a sisudez dos missais e rituais romanos, em certos casos não permite acompanhar de perto as mudanças da sociedade e, inclusive dentro da própria igreja – e a rua – espaço de sociabilidade, de caráter mais liberal – encarnam modos ser e ver o mundo de formas ambivalentes, ainda que os habitantes comunguem da mesma fé. É parte constituinte das formas de enxergar o mundo ao seu redor, mesmo estes espaços estando carregados por valores, hábitos, símbolos, signos e costumes diferentes entre si. Em contraponto à narrativa do pároco, destacada na página anterior, para o senhor Ricardo Vieira Malta, enquanto membro da Comissão Organizadora da Missa do Vaqueiro, essa relação com o consumo de bebida alcoólica e o alto som musical durante a realização do ato religioso, é uma prática comum e que faz parte da cultura local e do brasileiro de modo geral. Certo de sua proposição, cita em suas narrativas fragmentos de memória compartilhados socialmente:

*“as novenas, é o momento do povo se encontrar. Se encontrava **pra rezá** e naquele **mermo** tempo que tiravam de sair de casa, **iam** botar as **conversa** em dia, tomar sua bebida, **ia** se **divirtí**. A Missa de Vaqueiro, também se tornou isso. As novenas em si, se tornaram isso. Se celebra na igreja, se dança na rua. O povo que tá na igreja rezando, setenta por cento, é o povo que tá na rua **dança**no. Lógico, tem aqueles que num **gosta** de festa, de jeito nenhum, e num vão, mas tem, sempre teve essa relação” (ENTREVISTA COM RICARDO VIEIRA MALTA, 25/03/2019).*

As histórias que o senhor Ricardo Vieira Malta ouvira de sua avó a esse respeito, coaduna com o que Souza (2013) relata sobre as festas católicas, no capítulo de abertura da obra *Festas, romarias, procissões, milagres*, ao destacar que estas são, de acordo com a história, marcadas pelo excesso, inclusive pelo excesso de bebidas. E conforme podemos observar nas narrativas apresentadas, esta era uma questão ignorada pela comissão, assim como também o era pelos transeuntes, turistas e pelos proprietários de barracas. Intrinsecamente, a dualidade “sagrado” e “profano” entravam em ‘disputa por um mesmo espaço’ de sociabilidade

historicamente constituído. Contudo, cabe ressaltar que a Missa do Vaqueiro surgiu num contexto diferente na década de 1980 e, portanto, passou por profundas mudanças e transformações da sociedade, mas que em muitos momentos continua preservando os mesmos costumes e valores, especialmente os morais. Foram e são contextos diferentes, vivenciados desde o surgimento da missa até os dias atuais. São continuidades e mudanças que convivem entre si, mas não sem conflitos.

Nas narrativas apresentadas pelo pároco, feita de forma veemente quando questionado sobre como se dava essa relação, chegou a afirmar que *“a Igreja não está disputando nenhum espaço (...). No palanque não é a festa da Paróquia. A festa da Paróquia é na Igreja! A festa do palanque é a festa de rua. São duas coisas diferentes”* (ENTREVISTA COM PADRE GIORGIO BOTTA, 20/06/2018). Nesta dialética existente dentro do espaço de sociabilidade, estão diferentes ligações com um contexto sociocultural em comum. Enquanto elementos dissonantes, “sagrado” e “profano” tornam-se protagonistas, mesmo que sejam diferentes e/ou discordantes, mas imbuído por interesses dos diferentes sujeitos que fazem da Missa do Vaqueiro a representação do seu microcosmo diário.

FOTOGRAFIA 07: Vaqueiros acompanham a última Missa a ser celebrada na Praça Nossa Senhora da Conceição.



Fonte: Acervo particular do fotógrafo George Pessoa. 2006.

Na FOTOGRAFIA 07, é possível observar a aglomeração de vaqueiros a cavalo após o fim da procissão, de frente para o palco – oculto no registro fotográfico – em que se realizaria o rito católico. Alguns estão portando itens da indumentária de couro, enquanto outros estão vestidos com o terno completo. Note-se que a imagem de São Sebastião permanece exposta em praça pública, na tradicional padiola, que seguiu em um veículo motorizado abrindo a procissão até adentrar ao local de realização da Missa do Vaqueiro. O registro feito pelo fotógrafo é intencional, a fim de capturar com suas lentes, o máximo possível de pessoas que acompanham a celebração do missal. Ao fundo da imagem, o carro de som era responsável por reproduzir para o público que ficou mais distante, o rito realizado no palco.

A fotografia retrata a edição de número vinte e a última que fora realizada naquela Praça, mesmo logradouro público em que se encontra a Igreja Matriz. Em 2007, a Missa do Vaqueiro fora migrada com toda a estrutura da festa “profana” para a atual Praça de Eventos, situada na Avenida Juscelino Kubistchek. A mudança de local, é fruto da ruptura nas relações entre as instituições envolvidas, assim como dos diferentes interesses, incluindo-se aí, os interesses da própria comunidade católica local, e também das relações de poder, sobretudo as que estão tecidas na estrutura interna da festividade religiosa como um todo e que antecedem a criação da paróquia.

FOTOGRAFIA 08: Vaqueiros acompanham a celebração da 23ª edição da Missa do Vaqueiro na atual Praça de Eventos, situada na Avenida JK.



Fonte: Acervo particular do fotógrafo George Pessoa. 2009.

A FOTOGRAFIA 08, exposta na página anterior, registra o momento de realização da 23ª edição da Missa do Vaqueiro na atual Praça de Eventos. A mudança de local de realização não apresentou mudanças significativas, já que o ato religioso continuou dividindo o mesmo palco, estrutura e espaço com os festejos “profanos” da cidade. Ainda no registro fotográfico pode-se observar que a predominância do público presente e montado a cavalo, é masculina. É possível notar, ao centro do palco o altar posto para a celebração. A resolução da imagem não permite visualizar com mais detalhes o interior do palco, que geralmente está repleto de figuras políticas, que aproveitam o evento e o espaço para fins políticos e eleitorais, como veremos no subitem 3.4, que discorrerá sobre a atuação política e seus desdobramentos dentro do evento como um todo, a exemplo do que acontecia nos primeiros anos de realização da Missa do Vaqueiro em Serrita, que conforme Campos (20/06/1973) “(...) já estão aproveitando o acontecimento para transformá-lo em promoção política” em fato compartilhado na sua Coluna do Interior, sobre a inserção e a atuação de interesses políticos na solenidade serritense. Seja em Serrita ou em Manari, certo é que com as novas mídias digitais e as novas tecnologias essa relação ficou ainda mais intensa.

Da FOTOGRAFIA 08 se faz pertinente destacar a exposição de diferentes faixas; na parte superior, a faixa com a frase exposta aponta que os festejos são uma realização da prefeitura municipal, que no ano de 2009, em aparente decisão unilateral ou com interesses diversos, resolveu suprimir a nomenclatura adotada em anos anteriores: “FESTA DE SÃO SEBASTIÃO”, como é possível observar na FOTOGRAFIA 11, registrada anos depois. Abaixo, sobre uma longa faixa verde que recorta de um lado a outro o rodapé do palco, duas faixas trazem homenagem a um vaqueiro morto⁶³ naquele mesmo ano.

Neste bojo, o posicionamento de Pinheiro e Sales a respeito da festa para os vaqueiros, bem como do público assistente, destaca:

A festa do vaqueiro anualmente recebe um grande público, instiga vários setores da sociedade, despertados por diversos interesses, dentre eles destacam-se: religioso, político, cultural, econômico e social, enfim, atrai pessoas que tem um forte sentimento para com o evento, assim como também pessoas que não se preocupam com o sentido da festa (2018, p. 9).

⁶³ A homenagem a que se referem as faixas expostas, são em memória ao vaqueiro Antonio Nilson P. da Silva, conhecido pela alcunha de Nilsinho, que veio a falecer dias antes da realização da Missa do Vaqueiro. A morte se deu em decorrência de um acidente de trabalho em seu sítio, quando manejava a retirada do tanque de seu caminhão-pipa. A falha ocorrida na hora do manuseio, fez com que a corrente de sustentação não aguentasse o peso do tanque, que acabou caindo em cima do vaqueiro, que também exercia a atividade de pipeiro, fazendo o transporte de água potável ou não, para consumo humano e também dos animais, por sítios e povoados no interior do município de Manari.

Esta visão compartilhada pelas autoras, não está muito distante da realidade experienciada pela Missa do Vaqueiro em Manari, principalmente no tocante ao sentido da festa, ao se perceber que o viés do interesse político e suas teias, tecidas entre relações sociais e exercícios de poder tem despertado preocupação e pôde ser observado em análise das entrevistas com o padre Giorgio Botta, e também com os próprios membros da Comissão Organizadora; com a Família Monteiro Lima e com o senhor Denisson Rodrigues D’Almeida Lins. A problemática em questão, não está resguardada apenas por trás do evento ou aos bastidores, tem se demonstrado atuante em diversos ambientes, como por exemplo, no local de recepção para os vaqueiros, na estruturação da procissão, nas assembleias convocadas pela paróquia e que antecedem a organização do novenário de São Sebastião, e sobretudo, durante o momento da solenidade religiosa.

Em meio a esses conflitos, não apenas por espaço, mas que reflete as relações complexas de disputas de poder entre as instituições, o ano de 2016 é um marco na intensificação das rugas e estranhamentos, que ocorreram durante as comemorações da trigésima edição do ato religioso, chegando ao ponto de, no ano seguinte, em 2017, a Missa do Vaqueiro não ser realizada no palco da Praça de Eventos como em anos anteriores. Fora celebrada na calçada da Igreja Matriz, juntamente com o novenário dos vaqueiros, agricultores e criadores. Os acontecimentos levaram ao ápice o atrito entre as três instituições envolvidas. A esse fato, emerge novamente a discussão em torno das relações sociais, que sempre foram problemáticas, aliadas a dissensos externos sobre a venda e consumo de bebida alcoólica durante a liturgia e a contenda sobre o local da celebração.

O dissenso revela um anseio antigo conforme análise das entrevistas: de se ter um local e/ou espaço fixo e adequado para que se realize a solenidade religiosa, a exemplo do que acontece no município de Serrita, em que a Missa do Vaqueiro é celebrada dentro do Parque Nacional do Vaqueiro, criado especificamente para atender a esta finalidade. Porém, como a realidade financeira, econômica e política do município de Manari não permitiu a criação de um parque municipal para os vaqueiros, em comum acordo entre a paróquia, a administração pública e a comissão organizadora, fora celebrado um termo de compromisso, no qual estes dois últimos, se responsabilizariam pela ordem e zelo, durante a celebração, que seria realizada no Parque de Vaquejada Maria Chaveiro, situado dentro dos limites urbanos da sede do município, mesmo que temporariamente. Além disso, deveria se discutir entre as autoridades envolvidas, a criação de um espaço para as próximas missas do vaqueiro, e para que esses conflitos não continuassem interferindo de forma negativa na realização do evento religioso.

Conforme ressalta o sr. Denisson Rodrigues D’Almeida Lins,

“(...) uma coisa que não deveria ter sido feita, era tá mudando todo ano de lugar. Eu acho que o poder público deveria definir um local, e ali ficar. Não ficar dependendo de esse ano um proprietário convida e dá o seu espaço, ano que vem ele tem uma raiva e tira. Eu acho que a prefeitura e os organizadores não podem tá dependendo de A ou de B. Tem que ter um local público” (ENTREVISTA COM DENISSON RODRIGUES D’ALMEIDA LINS, 17/01/2019).

As mudanças que se seguiram, provocaram reações adversas, e a narrativa do entrevistado expõe o ponto de vista de muitos munícipes, bem como o de muitos vaqueiros, principalmente dos que se deslocaram de outras cidades e/ou estados. Conforme podemos observar das narrativas do pároco, para apaziguar as contestações surgidas durante a assembleia paroquial e conter as rugas existentes, a nova mudança se justificaria da seguinte maneira:

*“(...) a missa é dentro, na programação da novena de São Sebastião (...). E, festa de rua, festa de Igreja, sempre são dois elementos que podem conviver ou podem entrar em choque; na base de quem organiza, na base daquilo que estrutura o espaço, tempo e a reza. Nem sempre as duas coisas vão de comum acordo. (...) Se tu bota missa no palanque, no meio **dum** Pátio de Evento, onde tem de tudo que é **tanto**, tem a maioria do pessoal que não tem nada a ver, os barraqueiros que não tem nenhum interesse; ainda mais com a freguesia cobrando cerveja, bode assado, comida, uma coisa ou outra, no momento que temos o evento religioso; digo que as duas coisas entram em choque. Tendo no parque, o pessoal sabe que lá é a celebração, e ainda mais o espaço para os vaqueiros, a água para os vaqueiros, a bebida para os vaqueiros, nesse sentido, eu acho que (...) era melhor fazer desta forma, para depois ter o espaço, para ter toda a passeata com o Santo (...) e continuar a programação profana no palanque, depois de entregar o santo na Igreja” (ENTREVISTA COM PADRE GIORGIO BOTTA, 20/06/2018).*

No entanto, apesar das intenções apresentadas pelo pároco em busca de atender os anseios da finalidade pastoral – emanados, principalmente durante as assembleias paroquiais, advindos de famílias mais tradicionalistas ou mesmo de membros mais conservadores – e de um espaço adequado que a solenidade religiosa precisa, o que se observou foi um esvaziamento durante a celebração do ato litúrgico, como podemos ver na FOTOGRAFIA 09, exposta na página seguinte.

Para o senhor Ricardo Vieira Malta:

*“(...) a Comissão deveria pensar de um local próprio pra a celebração eucarística. E, nós apelamos, como tem que ter um local próprio, (...) tentamos lá no Parque Maria Chaveiro, o pessoal não se **atentaram** pra Missa lá no local. Ficou muito disperso, meia dúzia de vaqueiro, apesar que tinha muita gente, mais o pessoal **ficaram** todos na rua, todos na rua. Não teve, a gente, infelizmente, não teve referência naquele ano. (...) Foi um desastre!” (ENTREVISTA COM RICARDO VIEIRA MALTA, 25/03/2019).*

O desastre, considerado pelo senhor Ricardo Vieira Malta Comissão Organizadora, se justifica, entre outros percalços, pelo fato de que o novo espaço não é o mais adequado, assim

como não estaria preparado para atender tal finalidade e a demanda que a Missa do Vaqueiro exige antes e durante a celebração, não sendo, portanto, o espaço ideal. O episódio acontecido, prima por uma reflexão que deveria estar presente nos envolvidos com a organização da Missa do Vaqueiro: se atentar aos fatos de que a maioria das pessoas que se deslocam de outras cidades, de outros estados, e até mesmo a população local, para acompanhar a realização da solenidade religiosa, tem interesses ambíguos.

FOTOGRAFIA 09: Vaqueiros participam da 32ª edição da Missa do Vaqueiro realizada no Parque de Vaquejada Maria Chaveiro.



Fonte: Reprodução/Créditos na imagem, 2018.

O registro fotográfico está imbuído de interesses, principalmente ao capturar uma pequena parcela de vaqueiros que acompanhavam a celebração da Missa que se realizou no Parque de Vaquejada Maria Chaveiro no ano de 2018. A pouca adesão ao novo espaço, pode ser considerada como uma forma de resistir ou de boicotar as mudanças propostas, que reafirma o caráter político-ideológico de determinado grupo de pessoas, para inflar os conflitos internos e para justificar o ‘fracasso’ de público vaqueiro na edição de número 32 (trinta e dois), conforme é possível perceber ao analisar trechos das entrevistas destacadas anteriormente e dos membros da Comissão Organizadora.

Enquanto uns vaqueiros primam pelo aspecto religioso e apego à fé, outros participam apenas como momento de exibição de sua montaria e de seus apetrechos mais trabalhados, justamente pelas novas características adquiridas neste processo de resignificação que

acompanha a Missa do Vaqueiro. Em outras palavras, uma parcela dos vaqueiros presentes, não está interessada ou desconhece o significado e a finalidade pastoral da missa, assim como simplesmente escolheram não acompanhar a liturgia da solenidade religiosa. Entre outros interesses, eles vêm para aproveitar este espaço de sociabilidade, que após o rito católico, culmina com a festa “profana” na Praça de Eventos. Nesta gama de interesses que se desvela, as entidades envolvidas precisam refletir e compreender que há pessoas não vão à missa, mas vão à festa e vice-versa. O fracasso ou o desastre, como pontuado pelo narrador depende do significado que esse evento tem para cada um, ou para cada grupo de pessoas.

Essa atitude segundo Foucault, denota que:

O exercício do poder pode perfeitamente suscitar tanta aceitação quanto se queira: pode acumular as mortes e abrigar-se sob todas as ameaças imagináveis. Ele não é em si mesmo uma violência que poderia, às vezes, se esconder, ou um consentimento que, implicitamente, se reconduziria. É um conjunto de ações sobre ações possíveis: ele opera sobre o campo de possibilidades onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou dificulta, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente; mas é sempre um modo de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir (FOUCAULT, 2009, p. 242-243).

Como o exercício de poder implica uma gama de atitudes e ações, o que se observa durante a trajetória histórica da Missa do Vaqueiro, é um processo de ressignificação ladeado por diferentes interesses. A diferença de ideias, pensamentos e posicionamentos, assim como as disputas internas e externas ao campo religioso, são frutos das diferentes gerações que estão inseridas em toda a estrutura da festividade religiosa, seja através da relação “sagrado” e “profano” – como veremos a seguir –, seja no processo organizativo, financeiro e celebrativo da solenidade religiosa. Faz parte dos modos de viver em sociedade, que paulatinamente vão sendo modificados e adquirindo novos sentidos, significados e valores. Conforme assevera Chartier (2002, p. 17) “as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas. (...) As representações do mundo social (...) são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam”. Práticas e significados que implicam em relações de poder, que prosseguem como ponto central na tomada de decisões, já que estão em jogo diferentes pessoas e instituições, ambas com interesses diversos.

3.2 Entre o “sagrado” e o “profano”

Como uma dualidade conflitante, a relação “sagrado” e “profano” parece estar indissociável da realização da Missa do Vaqueiro em Manari, praticamente desde o processo

de fundação. Ao passo que “o sagrado manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades “naturais””, conforme assegura Eliade (1992, p. 12). O “profano” é encarado como elemento de oposição a esta manifestação, porém, não muito distanciado, podendo inclusive, ser absorvido para o campo sacralizado.

Apesar de se apresentarem como pontos dissonantes, são partes constituintes de uma realidade fulcral. Uma temática que apesar de estar presente em narrativas de alguns colaboradores durante a realização das entrevistas e extensamente criticada entre membros que compõem as estruturas internas da solenidade religiosa, exterioriza dimensões que extrapolam a manutenção de hábitos e costumes que foram fazendo parte do dia a dia do homem sertanejo, são costumes e modos de viver, sua cultura. Ainda segundo o autor, “A oposição sagrado/profano traduz-se muitas vezes como uma oposição entre real e irreal ou pseudo-real. (...) o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história” (*ibidem*, p. 14, 15). O conhecimento e a compreensão desta dupla composição se fazem pertinentes para se dimensionar a vivência que se teceu entre esses elementos, que apesar de discordantes, estão na construção da trajetória histórica da Missa do Vaqueiro.

Historicamente, desde o advento de sua fundação, em janeiro de 1986, a Missa do Vaqueiro dividiu o mesmo espaço e ambiente de celebração, com os festejos “profanos” do padroeiro São Sebastião, já estabelecido havia algumas gerações. Antes de migrar para o palanque, em que se apresentavam as atrações musicais para o público festivo, que ficava ao lado da Igreja Matriz, inicialmente fora realizada na calçada da capela. Conforme foi possível extrair da análise das entrevistas com a Família Monteiro Lima e com membros da Comissão Organizadora, até o momento de emancipação política do então distrito de Manari, a maior preocupação exteriorizada: “*É a parte financeira!*” como assegurou a senhorita Amélia Wanessa Monteiro Lima (25/03/2019) em meio às lágrimas, antes mesmo que conseguisse explorar o questionamento levantado durante a realização da entrevista. Foi um dos momentos mais tensos de todas as entrevistas realizadas. Após longa pausa, e ainda com a voz embargada, lágrimas escorrendo pelo rosto, a neta de Zé Pesqueira mostrou-se bastante indignada com a situação da organização do evento e também com os demais órgãos envolvidos na realização da Missa do Vaqueiro.

Ao analisar as narrativas, durante este episódio percebe-se que há um desgaste dentro da própria Comissão Organizadora e uma crítica com certa mágoa pela pouca autonomia entre os membros, assim como da difícil articulação entre si, provavelmente pelo fato da administração pública municipal, enquanto principal financiadora do evento, ver-se como

mandatária e na capacidade de determinar quem entra, quem sai, e também quem deve permanecer. Além das dificuldades financeiras dos anos iniciais, havia a parte estrutural que era deficitária. O momento de angariar recursos, de responsabilidade da Comissão Organizadora se dava por meio de contribuições da própria categoria, com doações em dinheiro e também em animais vivos, assim como entre os feirantes locais e devotos de São Sebastião, que também contribuíam. Tudo isso para que pudessem custear as despesas para recepcionar os vaqueiros, os do próprio município e os que vinham de outras cidades e estados vizinhos para participarem de todo o dia festivo.

As festas de Santo, assim como a Missa do Vaqueiro, carecem de acordo com Souza (2013, p. 23) “de elementos profanos, ou seja, desvinculados do rito religioso, para alcançar efetivo apelo popular”. Dissonantes, os elementos “sagrado” e “profano” apresentam-se como faces duais de um mesmo corpo, apesar de serem conceitos opostos e de interesses antagônicos. O ato de desvinculação conforme sugere o autor, advém das relações e exercícios de poder que emergem do contato e das práticas sociais, tecidas entre diferentes vivências, modos de pensar e agir, conflitos e intencionalidades diversas. Assim como, das diferentes culturas que se entrecruzam antes e durante a Missa do Vaqueiro e na vida cotidiana.

FOTOGRAFIA 10: Vaqueiros, turistas e munícipes dividem o mesmo espaço da Praça de Eventos para acompanhar mais uma celebração da Missa do Vaqueiro.



Fonte: Acervo particular do fotógrafo George Pessoa. 2009.

Como podemos observar na FOTOGRAFIA 10, apesar da Praça de Eventos ter se tornado durante a realização da Missa do Vaqueiro um espaço com dupla finalidade, em contraponto a propositura do autor supracitado, as narrativas do pároco asseveram que a Igreja não está no meio dessa disputa que foge do campo sagrado, já que o que acontece naquele ambiente, antes ou após o ato religioso, não faz parte da programação religiosa que é preparada. Dessa forma, enquanto não se questionou a dualidade “sagrado” e “profano” no local destinado à realização da solenidade religiosa, seja por interesses ou por concordância, a Praça de Eventos, como podemos ver na fotografia exposta na página anterior, deteve ou ainda detém, uma finalidade, diríamos, ambígua.

A dicotomia “sagrado” e “profano” se tornaria o elemento que sobressairia como uma das principais causas das mudanças de espaço para a celebração do ato litúrgico. As barracas que são montadas dentro da Praça de Eventos, como se pode notar à esquerda do registro fotográfico, servem além de bebidas, alcoólicas ou não, petiscos e pequenas refeições, sendo inclusive, a principal renda de algumas famílias durante o decurso do ano. Tendo os dois últimos dias de festas, juntamente com a Missa do Vaqueiro, o ápice de público e de faturamento.

Todo esse imbróglio envolve questões que estão além do campo religioso, colocam em xeque fatores econômicos, em um município que apresenta altos índices de miserabilidade e vulnerabilidade social. Analisando a fotografia exposta na página anterior, ainda é possível observar uma garrafa inflável, de uma marca de bebida alcoólica, enquanto elemento propagandístico de um dos patrocinadores dos festejos “profanos” que se realizaram naquele ano. Neste caso, ainda conforme Souza (2013, p. 27) “o espaço da festa já não é o espaço da igreja, o que simboliza uma clivagem que iria se mostrar definitiva”. O espaço da festa, por seu caráter duplo, serviu de instrumento de acirramento nas relações sociais e de poder, já estremecidas entre as entidades envolvidas. As queixas, que tem como cabedal o espaço inadequado para a celebração religiosa, a venda e consumo de bebida alcoólica durante a Missa, está permeada de anseios e interesses diversos, vai além da questão religiosa ou da fé dos vaqueiros, está imbuída de valores morais e em certa medida por um conservadorismo evidenciado e vivenciado em nossa sociedade.

Conforme aponta Souza (2013), historicamente, as festas de santo implicam uma dualidade existencial entre o “sagrado” e o “profano”. Mas, para que esta condicionalidade dual se mantenha em equilíbrio e não desqualifique ou descaracterize o caráter espiritual e sacro da instituição religiosa, precisa-se ter o controle dela; controle este, que era reiterada vezes, solicitado pela Paróquia de São Sebastião às entidades que cuidavam da parte organizativa.

Conforme narrativas do Padre Giorgio Botta:

*“Por isso, que de fato, não tendo esta garantia, a Paróquia achou melhor não fazer mais presença no palanque (...). Tanto que também no palanque, foi tirada a Festa de São Sebastião, das faixas e tudo. (...) Tu não **pode** usar daquilo que não é teu! A prefeitura que organiza a festa **num** palanque, não pode se doar ou se apropriar daquilo que não é seu. (...) Para a gestão pública, ela não tem como se apropriar daquilo que não é deles; não pode dizer que é deles a festa do padroeiro. Prefeitura não é Paróquia e depois ser festa de rua, que é festa para todos. Festa de Igreja não é para todos, é para o povo da Igreja. (...) Nesta parte acho questão de competência, de respeito, de espaços, ou pelos menos de equilíbrio entre aquilo que é alegria, que a Paróquia não proibe” (ENTREVISTA COM PE. GIORGIO BOTTA, 20/06/2018).*

O trecho narrativo em destaque, demonstra o caráter conservador do pároco, bem como uma postura rígida e em alguns pontos, diríamos mais incisiva, que estaria justificada pelo fato de que o apelo da instituição religiosa não foi assegurado nem pela Comissão Organizadora, tampouco pela gestão do município. As narrações também se referem a essa falta de equilíbrio, de apropriação por parte da administração pública, e do descontrole que se deu não só em nome, mas pela e na Missa do Vaqueiro, que estaria descaracterizando o rito tradicional do missal romano.

A dita “apropriação” pública de elementos “sagrados”, como pontuadas na narrativa do pároco, resultou em mudanças que refletem a prática de exercícios e relações de poder emanados institucionalmente. O cenário permite interpretações que envolvem, além das práticas de poder, conflitos internos, a participação de diferentes agentes sociais e autoridades políticas. Durante dois anos consecutivos, 2017 e 2018, a Missa do Vaqueiro deixou de se realizar no mesmo palco da festa “profana” na Praça de Eventos. No mesmo bojo de mudanças, entrou a nomenclatura que era adotada para a festa de rua, amplamente utilizada na divulgação do evento por meio da administração pública, como podemos observar na FOTOGRAFIA 11, e na IMAGEM 04, exposta na página 125.

A FOTOGRAFIA 11 é um dos últimos registros em que ainda podemos encontrar a nomenclatura que era utilizada também em cartazes de divulgação dos festejos profanos do padroeiro do município de Manari. Imbuída por diversos interesses e intencionalidades, entre eles o de preservar os anseios e interesses da comunidade católica local, a Paróquia em comum acordo com a administração pública municipal, a retirada do palco, dos cartazes, adesivos e das faixas a terminologia anteriormente posta, “FESTA DE SÃO SEBASTIÃO”, como está visível na FOTOGRAFIA 11. Desta feita, a nomenclatura terminou sendo substituída por outra, distante do apego religioso adotado desde tempos idos. Para atender a nova demanda, a festa profana passou a ser nomeada de “TRADICIONAL FESTA DE JANEIRO”.

FOTOGRAFIA 11: Palco dos festejos “profanos” serve de altar para a Missa do Vaqueiro.



Fonte: Acervo particular do fotógrafo George Pessoa. 2014.

Ainda no registro fotográfico é possível visualizar as faixas com o nome Missa do Vaqueiro, sem fazer referência a número de edição que se estava realizando naquele ano. Ao centro do palco, o pároco faz os aprontamentos finais do altar, que estava recoberto por uma toalha vermelha; a cor utilizada, tanto nas faixas quanto no ornamento do palco fazem referência ao orago padroeiro. Ao canto esquerdo da fotografia pode-se notar alguns membros da Comissão Organizadora vestidos com camisa na cor vermelha. No canto direito da fotografia, fora do palco, nota-se a presença de dois vaqueiros, portando a tradicional indumentária de couro; pelo vazio que se nota do espaço, certamente não acompanharam o cortejo da procissão e foram diretamente para a Praça de Eventos, ficando junto do palco, de onde teriam uma melhor visão da celebração e das homenagens que seguem após o término da solenidade religiosa.

A IMAGEM 04, exposta na página seguinte, demonstra que a constância da dualidade “sagrado” e “profano”, não se dava somente dentro do âmbito do espaço urbano da Praça de Eventos. A Comissão Organizadora confeccionava cartazes e adesivos que eram utilizados com a finalidade de divulgação e convite para a solenidade religiosa e também para a festa “profana” que acontece no mesmo dia. São distribuídos durante eventos de promoção da cultura vaqueira, como as pegas de boi mato ou as corridas de mourão, bem como em outras missas de vaqueiro, seja dentro do próprio município e em cidades circunvizinhas, ou ainda em outros estados da

região Nordeste. O ato propagandístico também se dava entre os próprios munícipes, assim como pelas diversas redes sociais dos envolvidos na organização.

IMAGEM 04: Adesivo de divulgação da 28ª edição da Missa do Vaqueiro de Manari.



FONTE: Arquivo da Comissão Organizadora, 2014.

A montagem do adesivo para divulgação da edição de número 28 da Missa do Vaqueiro, conforme observável na IMAGEM 04, traz em associação a composição dual “sagrado” e “profano” que talvez justifique a necessidade e apelo da inclusão dos diferentes sujeitos na estrutura organizativa da aludida solenidade religiosa. Como artefatos discordantes, iconograficamente permeiam o mesmo espaço de divulgação: a imagem do orago padroeiro, São Sebastião e as atrações musicais que se apresentariam durante a noite, na festa “profana”. Como partes de um todo, os elementos “profano” e “sagrado” contidos na IMAGEM 04, mostram a necessidade de colocar em um mesmo cartaz as diferentes atividades programativas do evento como um todo, só que em nome da Missa do Vaqueiro, adotando em sua compositura, diferentes signos e sentidos, que imbuídos por diversos valores, não podem ser descartados, tampouco ignorados.

De acordo com narrações do padre Giorgio Botta:

“O problema é sempre a questão da tradição e da continuidade das tradições. Porque o núcleo principal, tem uma motivação de devoção popular. O problema é a execução desta promessa no tempo, quando se perdem as raízes. Quando um momento religioso se torna um evento, é perigoso! Porque assume outra estrutura, outra característica, outra finalidade. Quando é uma expressão de fé, é claro que continua de outro jeito, de outra forma; mas depende sempre de quem é que organiza, quem prepara, qual é a alma que está debaixo. Neste sentido, no sertão tem muita manifestação popular religiosa, que merecem um destaque, outras que precisam ser – não digo eliminadas – mas, purificadas, para não misturar aquilo que é devoção com a magia, com outras expressões que, com a religiosidade tem pouco a ver; ou pelos menos, o equilíbrio entre o religioso e o mágico se torna muito, muito, muito perto. Isso seria aplicado a qualquer evento religioso, na psicologia religiosa ou no estudo da fenomenologia religiosa, isso faz parte dos problemas que podem acontecer: no tempo, na tradição, na cultura. Tem que ter cuidado para não distorcer aquilo que é a finalidade de cada coisa. A minha preocupação como pastor de uma Igreja Católica é: qual é o núcleo, a proposta religiosa nisso? Para se ter uma proposta religiosa, tem que se defender algumas coisas, tem que garantir algumas coisas. Se é uma proposta de outro jeito, a Igreja não tem nada a ver com isso, a gente não acompanha o evento” (ENTREVISTA COM PE. GIORGIO BOTTA, 20/06/2018).

A narrativa apresentada pelo pároco, reforça o caráter tradicionalista e conservador da Igreja Católica, principalmente se levarmos em consideração os ideais apregoados com o Vaticano II. Da mesma forma, as narrações em destaque, representam as ideias e pensamentos de uma parcela significativa dos paroquianos locais. Do ponto de vista do contexto histórico, os elementos “sagrado” e “profano” apesar de serem dissonantes, estão juntos e ‘dividem’ o mesmo espaço, não sendo possível fazer uma separação lógica entre eles, tampouco saber onde começa ou onde termina cada um deles. O processo de ressignificação é composto por diferentes sujeitos, de diferentes gerações, que trazem em si, valores e comportamentos sociais, que deram forma e conteúdo ao que veio a ser a Missa do Vaqueiro em sua fase atual. O equilíbrio está nas diferenças, que tornou possível o surgimento e o conseqüente estabelecimento da solenidade religiosa, que é contemporânea à festa “profana”.

Conforme Coutrot,

Devemos nos interrogar sobre o efeito produzido pelos ritos, o cerimonial, o cenário, os gestos obrigatórios, as posições prescritas, tudo isso vivido no seio de uma comunidade consensual. Além disso, a mensagem da Igreja não pode ser transmitida a não ser por expressões culturais próprias de cada época. A homilia, os cantos, a prece universal são assim, atualizações da mensagem que reúnem os crentes na vida quotidiana (COUTROT, 2003 p. 336).

As atualizações conforme sugere a autora, permeiam o ato de ressignificar, de adquirir novos sentidos, valores, signos, e também acompanha o processo histórico da Missa do Vaqueiro em Manari. As mudanças são imperiosas e fazem parte do equilíbrio necessário à sua manutenção, não importa quem organize, quem financie ou quem a celebre. Os conflitos tratados neste subitem sempre existirão, assim como consensos, apesar da dificuldade de

diálogo entre as entidades envolvidas. Tanto o processo de pesquisa, quanto a escrita dissertativa não tem por finalidade encontrar culpados para as problemáticas encontradas, muitos menos produzi-los. Se faz oportuno, ainda segundo a autora mencionada, interrogar os signos que compõem o rito, certos de que estamos em constante processo de mudanças e rupturas, seja dentro do campo sagrado ou externo a ele. Da mesma forma, a vivência de diferentes elementos culturais convivendo e dividindo um mesmo espaço, tende ao conflito, uma vez que, conviver com a diversidade, é algo que o ser humano tem dificuldade, justamente por essas relações de poder estabelecidas.

O caráter dual das relações entre o que chamamos de “sagrado” e “profano”, presente no espaço da Praça de Eventos, em que se realiza a solenidade para os vaqueiros, dos cartazes, faixas e adesivos de divulgação, os elementos “sagrado” e “profano”, também aparecem no(a) brasão/logomarca criado(a) para a Missa do Vaqueiro e para a Noite dos Criadores, como é possível observar na IMAGEM 05, exposta a seguir.

IMAGEM 05: Brasão/logomarca da Missa do Vaqueiro e da Noite dos Criadores de Manari.



FONTE: Arquivo da Comissão Organizadora, 2014.

Conforme as narrativas da senhorita Amélia Wanessa Monteiro Lima (25/03/2019) “a ideia era um brasão da Missa do Vaqueiro. Que representa Manari que já foi a cidade do milho e do feijão. A gente fez questão de botar o milho e o feijão. Tem a parte da eucaristia, tem o búzio e o chapéu de couro”. A compositura idealizada procura abarcar os diferentes elementos que fazem parte da vivência social, histórica, econômica e religiosa do vaqueiro. Entre os elementos “sagrados”, estão a cruz ao centro entrecortada por um escudo composto por um manto na cor vermelha, em referência ao padroeiro e uma hóstia, que divide o mesmo espaço com artefatos da cultura do vaqueiro; como o chapéu de couro, item da indumentária do vaqueiro, e o búzio⁶⁴, um instrumento acessório. Ainda no mesmo espaço estão contidos elementos da produção agrícola local, com destaque para o milho e o feijão.

Elementos não restritivos ao espaço da festa – mas que sempre causaram conflitos – como vimos nas IMAGENS 04 e 05, Souza (2013) destaca que o componente “profano” sempre foi parte constituinte das festas cristãs, mesmo que detenham finalidades distintas, e coaduna com a narrativa do pároco, quando questionado sobre a ótica do evento como um todo: “A expectativa da festa de Padroeiro, é reforçada com a Missa do Vaqueiro. Tem uma expectativa já para a festa (...). Mas, como o pessoal sempre espera a última noite, (...) a festa mais badalada, também do evento de rua, a Missa do Vaqueiro é na pareia com a expectativa do povo” (Pe. GIORGIO BOTTA, 20/06/2018). Em outras palavras, a adesão do público, seja ele do próprio município ou turístico, vai além da fé.

Conforme Souza (2013, p. 13):

As festas católicas, contudo, caracterizaram-se por seu caráter híbrido: poderiam ser promovidas tanto pela igreja quanto pelos fiéis, com a participação do clero, no caso, variando de intensidade. É mesmo quando a festa era promovida e organizada pelo clero, a participação dos fiéis nem sempre se mantinha presa às normas previamente definidas pela instituição eclesiástica, para escândalo e desaprovação dos sacerdotes que precisavam muitas vezes, contudo, de transigir com os fiéis, o que aproxima as festas católicas de outras festas, exclusivamente profanas.

O caráter híbrido sugerido pelo autor, pode ser aplicável à Missa do Vaqueiro em Manari, já que durante os anos iniciais era promovida pelos fiéis católicos, e celebrada por padres de outras paróquias, uma vez que a Paróquia de São Sebastião só fora criada em janeiro

⁶⁴ O instrumento é usado pelos vaqueiros nos sertões do Nordeste do Brasil, desde o período colonial. Conforme assevera Cascudo (2012, p. 141-142) “eram empregados no Brasil como buzinas, uso universal, sagrado e profano. (...) O búzio também é usado no sertão, e, quando sopram, estão chamando gente. (...) Os grandes vaqueiros, vez por outra, levam esses búzios (chifres de boi) amarrados na sela, quando vão *dar campo* às reses desaparecidas ou difíceis, espalhadas nas chapadas das serras”. Além disso, é usado em diferentes culturas espalhadas pelo mundo, produzidos em diferentes tipos de materiais.

de 2012. Talvez por isso, a solenidade religiosa tenha se aproximado mais do caráter “profano” e se distanciado, em partes, durante o transcorrer de sua trajetória histórica de trinta e dois anos, de sua sacralidade e da finalidade pastoral. É fruto desse contexto, o fortalecimento de elementos como o debatido neste subitem, que por sua proporção dentro e fora do contexto religioso, seja difícil de ser superado, ou talvez nem precise ser.

A Missa do Vaqueiro em Manari, carrega a partir de sua origem, características que perpassam a demonstração de fé cristã, está imbuída pela resistência e resiliência do homem sertanejo, do campo ou da cidade, assim como do vaqueiro presente nestas terras. Há uma relação intrínseca estabelecida entre o ato religioso e a cultura do vaqueiro nordestino, que prima pela valorização das coisas dos elementos e signos do sertão, especialmente da cultura vaqueira. Da finalidade pastoral, a comunhão entre irmãos, desponta como um dos principais desígnios. Fé, religião e cultura, formam o elo tecido a partir da promessa e concretizado na realização da Missa do Vaqueiro.

São trinta e dois anos de realização ininterrupta, que em sua origem não precisou de palco para ser iniciada em meados dos anos 1980, nem de ostentações para que pudesse acontecer. No decorrer de sua trajetória, tornou-se um patrimônio para o munícipe que se identifica com a cultura vaqueira, com seus símbolos e significados, e comunga da fé católica. Constituída entre elementos que são opostos, mas que fazem parte de uma mesma cultura, como discutidos neste subitem, é praticamente impossível dissociar o novenário de São Sebastião da celebração da Missa do Vaqueiro e vice-versa. É uma relação composta por diferentes interesses, símbolos, valores, finalidades, assim como por relações e exercícios de poder, que imbricados entre focos de atritos, permeada através da dualidade “sagrado” e “profano”, e acrescidas por problemáticas que envolvem a política e seus agentes – como veremos no subitem a seguir –, demarcam a historicidade da festividade religiosa como um todo.

3.3 Relações políticas e seus desdobramentos

Política e religião sempre tiveram uma relação bastante proximal e complexa. A Idade Média nos remete a este panorama intrincado, já que não existia separação entre Estado e Igreja. Trazendo esse cenário para a contemporaneidade, mais especificamente para uma pequena cidade do interior do Brasil, como Manari, por exemplo, tornam-se práticas inter-relacionadas e que conforme Martins (2018, p. 55) “A separação entre a Igreja e o Estado, efetivada na proclamação da República, em 1889, evidencia um processo de separação entre o poder secular e religioso”. Apesar da ‘separação’, e de se apresentarem como dois campos distintos,

historicamente, política e religião se complementam, especificamente quando um ato religioso, como a Missa do Vaqueiro, a exemplo da que acontece em território manariense, precisa de recursos públicos, para que efetivamente seja realizada. Percorrer por esses meandros, nos permite observar a solenidade religiosa e sua aproximação com a corrente política local, assinalando momentos históricos importantes, como os abordados anteriormente e que foram tecidas em sua estrutura. Para os vaqueiros, turistas e munícipes, que não estão envolvidos diretamente com a realização da Missa do Vaqueiro, e que só acompanham a celebração, seja montado a cavalo ou sob a sombra das barracas de festa que ficam enfileiradas de ambos os lados da Praça de Eventos, como vimos na FOTOGRAFIA 10, está alheio às problemáticas que a aludida solenidade religiosa carrega em seu bojo.

Para este subitem, trataremos sobre as relações políticas no interior da Missa do Vaqueiro de Manari, bem como os seus desdobramentos que se exteriorizam para além das estruturas da solenidade religiosa, e que se tornaram norteadores para o desenvolvimento da pesquisa de campo. Em análise das narrativas orais, foi possível perceber o quanto estas relações estão enraizadas, já que a política assistencialista é uma realidade cotidiana e ‘tornada cultural’, principalmente em regiões que concentram altos índices de miserabilidade e vulnerabilidade social, como o sertão do Nordeste do Brasil, por exemplo.

Quase como um tabu, falar abertamente e pela primeira vez sobre esta temática existente no seio da estrutura organizativa da Missa do Vaqueiro, não foi uma tarefa fácil de se conseguir com alguns colaboradores da pesquisa, visto que a cultura política local não lida bem com o contraditório, e quem o faz, está passível das mais variadas sanções. No tocante, é importante frisar, que a atuação política e de agentes políticos não é um elemento recente na história do missal para os vaqueiros em território manariense. A análise das entrevistas permite notar que o uso político da solenidade religiosa tem causado desconforto, fomentado dissensões, rupturas e estranhamentos entre as três entidades envolvidas.

De acordo com narrativas da senhorita Norma Waleska Monteiro Lima:

*“(...) quando foi que o primeiro prefeito daqui assumiu, Santo Vieira, foi quando a gente começou a ter conflito. Aí, a família rompeu, não subiu no palanque, porque eles deram uma conotação política. (...) Eles, **eles, eles, eles**, chegaram, por não acompanharem e terem dado essa conotação, eles chegaram a botar a data da missa errada, que mãe, **mãe** uma vez fez um **bilete** e mandou eles corrigirem, que a data **tava** errada. (...) Mas, nesse tempo, **eles, eles, eles, eles**, homenagearam vô Pesqueira. Eles homenagearam. **Num** sei quando, nem lembro quantas vezes e tudo, mas eles homenagearam. Mas, por causa da conotação política, bem forte, que eles realizaram. Porque eles tiveram conflito e num foi só com a gente não. Eles tiveram conflito com o Padre” (ENTREVISTA COM NORMA WALESKA MONTEIRO LIMA, 27/06/2018).*

A narrativa apresentada pela neta de Zé Pesqueira, marcada por repetição de algumas palavras durante o contexto da entrevista, demonstra um certo nervosismo e a existência de mágoa para com os desdobramentos políticos tomados durante a primeira legislatura municipal – da qual eram adversários – em relação à realização da Missa do Vaqueiro, uma vez que desde o processo de fundação, a Família Monteiro Lima esteve envolvida em todas as etapas de organização, que não se restringia apenas ao campo religioso. Mas, a partir da emancipação política do então distrito de Manari, a solenidade religiosa passaria a ter como principal financiadora, a administração pública da nova municipalidade, realidade que se tornou comum em cidades do interior, sobretudo a partir da década de 1990, e que marcou os primeiros anos do novo processo de redemocratização do Brasil.

Durante a realização da entrevista, no tocante ao questionamento levantado por mim, há uma leve tensão entre as entrevistadas, bem como entre as respostas dadas ao que foi perguntado. Notou-se uma conotação de divergência – já que estão em destaque diferentes interesses e modos de enxergar o mundo – que durante a segunda metade da década de 1990 extrapolou os limites da atuação política e afetou diretamente as relações interpessoais, já que os membros da aludida família, fizeram campanha para o candidato de oposição, que terminou perdendo a eleição, por duas campanhas seguidas.

Para além das questões pessoais e/ou familiares, a atuação política, que geralmente advém de interesses das classes dominantes, que neste caso, seria representado pelos membros da administração pública local, tomou forma e ação dentro da estruturação do evento como um todo, não somente durante a realização da Missa do Vaqueiro. Com a emancipação do município, a aludida solenidade religiosa passou a ser encarada pelos agentes políticos, como o carro-chefe das festividades do padroeiro, obviamente com fins eleitoreiros, que vão desde o financiamento total do evento, até a contratação de atrações de renome nacional para os festejos profanos.

Padre Giorgio Botta, em suas narrações, afirma que:

“Não é tanto o lado político do evento; se tornando um evento de massa, é interesse particular, eles podem criar um deslocamento do interesse principal. Não é fácil juntar o povo; um evento já organizado, de estrutura, quem tiver interesse, além da vida religiosa ou de interesse particular, pode aproveitar numa presença de massa por campanha pessoal, para campanha política ou para outras finalidades que não são ligados a festa do padroeiro ou a vida espiritual. Isso não tem que ser ingênuo. Até quem quiser vender o seu produto, fazer a publicidade para qualquer produto num evento desses tem já uma exposição fácil, além da política; eu quero mostrar, não sei, o meu comércio; eu quero mostrar os meus produtos, quero mostrar alguma coisa, já tem todo o povo que tá reunido, pode olhar e ver. A questão também não é tanto política; é do investimento econômico (...). Isso que cria um problema religioso, econômico, social, político; porque o investimento também não é de pequeno porte.

E o financiamento não é de pequeno porte” (ENTREVISTA COM PE. GIORGIO BOTTA, 20/06/2018).

Além dos interesses políticos que estão imbuídos na realização da solenidade religiosa para os vaqueiros no dia 18 de janeiro, o pároco do município elenca em sua narrativa diferentes interesses que podem ser e/ou estar atrelados a Missa do Vaqueiro. Nota-se que além dos interesses eleitoreiros, os diversos fins que se deu em nome da Missa do Vaqueiro. Levando-se em conta, a existência de um investimento econômico, que para os padrões locais, não é baixo, e que acaba destoando da realidade vivida por uma ampla maioria da população do município de Manari, de tal forma que acentua a manutenção de interesses políticos-ideológicos que estão por trás da denotada atuação política e de seus agentes, que se sobrepõe por meio das suas ações, mantendo o poder político e econômico em benefício próprio e dos seus interesses.

Desta ótica, é importante se considerar que, a partir de uma festa grande como esta, que para a maioria da população de Manari, não teria oportunidade de participar se não fosse dessa forma, os políticos têm nas mãos uma forma de aproximar os eleitores e ter a sua simpatia. Dessa forma, a festa acaba se tornando um instrumento de poder e as relações interpessoais ultrapassam o senso de criticidade. Ou seja, se para alguns, o gasto é muito alto, pois há outras necessidades essenciais, para outros, isso não é levado em conta, já que isso envolve elementos culturais, sociais, valores morais e juízo de valor, a partir dos modos de viver e enxergar o mundo, pontos de vista que envolvem também o conhecimento formal e de senso comum. seguindo um ‘jogo’ de interesses de ambas as partes envolvidas/interessadas.

Neste percurso de trinta e dois anos de realização, tomando proporção para além do imaginado, tanto pelos fundadores, quanto pela Comissão Organizadora – inicialmente Zé Pesqueira priorizou pela inserção de familiares, parceiros e amigos de profissão, como poderemos observar na FOTOGRAFIA 12, na página seguinte – foi preciso que diferentes atores sociais, com interesses diversos, passassem a integrar e fazer parte da estrutura organizativa. Conforme análise das entrevistas, é neste momento de inserção de novos integrantes, a partir da emancipação política na segunda metade da década de 1990, que se denota um deslocamento de finalidade e de interesse, que foram idealizados ainda antes da fundação do objeto pesquisa.

A FOTOGRAFIA 12, é um dos últimos registros com membros da Comissão Organizadora da Missa do Vaqueiro, que foram convidados a participar, ainda com Zé Pesqueira em vida; durante muitos anos, foram responsáveis, por angariar recursos que financiariam todo o custeio da festividade religiosa, bem como pela divulgação dentro e fora do município, seja entre cidades circunvizinhas e/ou outros estados da região Nordeste. A

chegada e a saída de novos membros, perpassam desde questões políticas, por alguns membros serem adversários da administração pública do município, assim como por divergências com a administração da paróquia. Esse fluxo também pode ser visto como parte do processo de ressignificação que se observa no contexto da solenidade religiosa.

FOTOGRAFIA 12: Membros da Comissão Organizadora carregam a tradicional padiola com imagem de São Sebastião, durante a 26ª edição da Missa do Vaqueiro, realizada na Praça de Eventos.



Fonte: Arquivo pessoal do fotógrafo George Pessoa. 2012.

O dissenso coloca em debate a união do grupo formado para se responsabilizar pela organização do evento religioso, bem como a preservação deste para o fortalecimento da cultura vaqueira. Por ser um ambiente predominantemente masculino, com fortes ligações conservadoras, o choque de ideias e pensamentos, se tornou inevitável, com vistas ao crescimento da festividade, que demandou por maiores financiamentos. Como consequência, se sobrepôs os interesses econômicos e políticos com demandas eleitoreiras em torno da Missa do Vaqueiro.

Analisando as entrevistas, foi possível notar que há um consenso de que a inserção e a atuação de agentes públicos e políticos no evento, desde o local de acolhida, passando pela procissão, assim como durante a celebração e ocupação do espaço reservado para o missal

católico, é um fato dado e concreto, é de conhecimento de todos os entes envolvidos, e que contribui na compreensão desse processo.

A senhorita Norma Waleska Monteiro Lima em suas narrativas, destaca:

*“A politização é forte. Só que assim, hoje ela tomou outro viés, a gente, **pelos menos**, tem diálogo com eles; e eles, o que a gente pede como Família, que começou a organizar e tudo, eles acatam. Eles não costumam... é tanto que, assim, liturgicamente e tudo, eles começaram a respeitar mais o local em que é celebrada a missa, e tudo; porque foi um pedido da gente. Que não misturasse. Que a hora da missa, é a hora da missa. Depois eles podem fazer o que quiser. Mas, enquanto o altar, **tiver** lá, posto, vai ser rezar a missa! Tem que se obedecer **o** que sempre foi **querido**, que foi pagar a promessa, **e tudo**. E isso, a gente sempre deixou bem claro! (ENTREVISTA COM NORMA WALESKA MONTEIRO LIMA, 27/06/2018).*

O termo politização, utilizado durante a narrativa em destaque, conforme Coradini (2017, p. 37) “implica a conversão, ou seja, um processo de transformação de algo supostamente externo passando a ser referido como da ordem da “política” ou daquilo que foi “politizado””. Porém, divergente do conceito atribuído pelo autor, o termo usado refere-se à atuação política e de seus agentes, bem como por suas teias existentes no interior da Missa do Vaqueiro. É possível perceber no trecho da entrevista acima, o quanto a prática política, é muito comum em eventos que carecem do investimento e financiamento público, sobretudo, em pequenas cidades de interior, como Manari, por exemplo. Conforme Souza (2013) para a compreensão das festas católicas – e aqui poderia ser inclusa a Missa do Vaqueiro – é importante compreender “o sentido político” (*ibidem* p. 17), já que além do caráter religioso, são também uma manifestação de poder.

Em análise da entrevista realizada com membros da própria Comissão Organizadora, destaca-se que o maior pico de atuação de agentes políticos se dá em anos eleitorais, sobretudo, em períodos de eleições municipais. A problemática em debate pode ser observada desde a instalação da primeira administração municipal, ocorrida durante a segunda metade da década de 1990.

Este processo de proximidade da solenidade religiosa com agentes políticos, tem relação bastante proximal com o que se vivenciou durante os primeiros anos da Missa do Vaqueiro de Serrita, que devido a seu alcance inicial, terminou por chamar a atenção dos órgãos públicos do do estado de Pernambuco, principalmente da Secretaria de Turismo, conforme podemos observar no trecho a seguir, de uma matéria veiculada no Diário de Pernambuco, em 18 de maio de 1981, do jornalista Liêdo Maranhão, que trazia o seguinte recorte de entrevista feita com o Padre João Cância em 1979: “a Missa deixou de ser uma promoção religiosa e sociocultural para projetar a figura do vaqueiro desde que a Empetur e a Prefeitura de Serrita se

acasalaram, ganhando cunho político e turístico. Foi afastada da finalidade pastoral”. Ainda no escopo da matéria, o escrevente denuncia a ameaça que representa o Projeto Pró-Memória, classificando-o como “elitista-turístico-monumental” que para os padrões atuais, facilmente poderia ser visto, também, com finalidades mercadológicas. Atrelado ao cenário vivido, encontra-se a dificuldade de aceitar as mudanças de comportamento e interesse da sociedade.

Para a senhorita Norma Waleska Monteiro Lima:

“Ela deve tá acima dessas coisas, né? Se deve querer preservar e passar a mensagem pra frente, né? A mensagem da promessa, a mensagem do povo que trabalha, do povo que é extremamente religioso, e tudo. E hoje, o entrave é esse! É muita gente querer se apropriar de uma coisa que não é de ninguém, na verdade é essa. E o problema hoje, é exatamente esse” (ENTREVISTA COM NORMA WALESKA MONTEIRO LIMA, 27/06/2018).

As narrativas da senhorita Norma Waleska Monteiro Lima, procuram atribuir significado à sua experiência vivida dentro da estrutura organizativa da Missa do Vaqueiro, e demonstram a temeridade da perda dos significados que foram atribuídos e construídos desde o processo de fundação da solenidade religiosa. O teor de criticidade externa a insatisfação com a inserção de agentes políticos na Comissão Organizadora, que são indicados pela administração pública municipal, da qual são correligionárias. É como se a Família Monteiro Lima nutrisse um sentimento de perda do reconhecimento e da memória do próprio Zé Pesqueira, ao mesmo tempo em que se sente guardião da Missa do Vaqueiro, e responsáveis pela preservação do legado histórico-cultural, enquanto instrumento de pagamento da promessa feita.

Em análise da entrevista, é possível notar o sentimento de orgulho externado pela Família Monteiro Lima, adicionado a um misto de outros tantos que perpassam pelo medo e a tristeza, com tudo o que vivenciaram durante a trajetória histórica. Sentimentos que afloraram entre vozes embargadas e se transformaram em lágrimas durante a realização da entrevista, que precisou de leves pausas para recomposição emocional das entrevistadas.

Para a senhorita Norma Waleska Monteiro Lima:

“Justamente por causa da politização, a gente acha que, exatamente por causa da politização. (...) tá mais enrolado, porque não existe um, um, um... (...) um grupo bom pra organizar e dividir tarefas. (...) Por causa do tamanho da festa. Porque assim, pelo tamanho que ela tomou, hoje, a gente entende que por ela, pelo tamanho dela e tudo, ela tinha que ser separada, ela num tinha que tá em palanque de festa profana, nem nada. Por causa do tamanho dela e da idade dela, ela já merecia, realmente, mas... (...). A Igreja, na verdade, ela quer separar, né? Ela quer deixar a festa religiosa como sempre foi e como é a vontade da gente.” (ENTREVISTA COM NORMA WALESKA MONTEIRO LIMA, 27/06/2018).

Apesar de ser correligionária à atual administração pública, juntamente com a Família Monteiro Lima, em toda a sua narrativa, a colaboradora da pesquisa demonstra-se ciente dos efeitos da chamada “politização”, que tem implicado na manutenção do pagamento da promessa. Sabedora das mudanças ocorridas nas estruturas da Missa do Vaqueiro, em consonância com o processo de transformação da sociedade como um todo, busca uma aproximação com os objetivos pretendidos pela Paróquia para a reestruturação e reordenamento da solenidade religiosa, apesar do dissenso existente entre os descendentes de Zé Pesqueira e o líder católico local. O sentido pejorativo atribuído pelo termo “politização” demarca que membros envolvidos na organização e realização, escolhem lados, partidos e/ou políticos. O que aqui chamamos de relações políticas, descortinam-se na verdade, como relações de compadrio, que prevalecem como prática comum em algumas cidades pequenas do interior da região Nordeste do Brasil.

A análise das entrevistas com a Família Monteiro Lima, com membros da Comissão Organizadora e com Padre Giorgio Botta, permite visualizar que as relações políticas estabelecidas com a Missa do Vaqueiro em Manari, tem como principais desdobramentos, mudanças na composição da Comissão Organizadora, efetivamente entre membros que não são partidários ou correligionários à atual administração; assim como a interferência em assuntos que deveriam permear apenas o campo religioso; a falta de diálogo e dissenso entre as instituições envolvidas. Enquanto consequência, tem se observado a predominância de diferentes interesses, o distanciamento de personalidades do meio vaqueiro que tiveram atuação denotada na solenidade religiosa desde o processo de fundação na década de 1980, e muitas críticas pelas mudanças do local de celebração, que chegou a ser considerado “um desastre” por membros da própria Comissão Organizadora, como citado anteriormente, bem como é possível observar na FOTOGRAFIA 13, exposta na página seguinte, clicada durante a entrega de premiações e homenagens, na edição de número trinta e dois da Missa do Vaqueiro.

Os registros fotográficos da solenidade religiosa que se realizou em janeiro de 2018, como podemos observar nas FOTOGRAFIAS 09 e 13, são importantes para se perceber as consequências das relações políticas e seus desdobramentos na estrutura organizativa da Missa do Vaqueiro. Se observa que uma parcela dos vaqueiros participantes desconhece ou está alheia aos fatores anteriormente destacados neste capítulo, como as relações de poder e o ‘embate ideológico’ entre a dicotomia “sagrado” e “profano” no ambiente celebrativo, já que participam da solenidade religiosa pelo valor histórico, cultural que lhes pertencem de fato. As divergências pessoais e/ou institucionais, demonstram a existência de diversos interesses por trás do ato religioso.

FOTOGRAFIA 13: Vaqueiros acompanham as homenagens e entrega de troféus na Praça de Eventos.



Fonte: Reprodução/Créditos na fotografia. 2018.

As relações políticas e seus desdobramentos, assim como outros imbróglis que envolvem a realização da Missa do Vaqueiro, como vistos neste capítulo, perpassam por questões históricas, culturais, sociais e econômicas, numa teia que envolve, principalmente, as três instituições que são responsáveis pela manutenção da promessa, organização, celebração, realização e financiamento do evento como um todo. Neste bojo, a Missa do Vaqueiro tem sido importante para o processo de identificação histórico, iniciado ainda durante a ocupação das terras marianas, no século XVIII. Destarte, é preciso ressaltar que os valores morais e o conservadorismo são muito presentes e condicionam a vida e a relação das pessoas em cidades pequenas do interior, como Manari, por exemplo. Em certa parcela, soa como um falso puritanismo/conservadorismo de sujeitos e instituições que usam, inclusive da igreja/religião e da política para justificar suas escolhas ou interesses, que culmina em conflituosas relações e exercícios de poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da pesquisa sobre a Missa do Vaqueiro em Manari e o universo constitutivo do vaqueiro, não foi um caminho fácil de percorrer, apesar da minha relação proximal com o tema; sobretudo ao mergulhar entre minhas próprias memórias e relembrar de minha vivência social, em que via meu pai portando itens da indumentária de couro, seja para a lida ou para o trato com o gado que mantinha em criatório no roçado ou para participar das festas de gado. Denota-se que neste tempo e espaço, o vaqueiro traz em sua trajetória, heranças seculares que foram se adaptando e adquirindo novos signos e sendo ressignificados através das gerações. O modo de vida de seus antepassados é marcado pela mudança da sociedade atual, apesar de manter a terra, o gado e a caatinga, como elementos e signos que demarcam o movimento de vivência com o mundo rural e agropastoril. É um sujeito que tem em sua historicidade, um emaranhado de mistérios que beira quase o misticismo, ao passo que tem a composição de sua tessitura estereotipada, baseada na imagem que fora difundida a partir da literatura sobre o sertão.

Com raros registros escritos, a história do município de Manari está intimamente ligada à memória de seus habitantes, principalmente dos mais velhos que guardaram em suas lembranças, relatos que ouviram de seus avós e seus pais; lembranças que ainda não foram registradas de modo oficial, permanecendo ‘silenciada’ por uma parcela significativa da população, na espreita para que alguém a materialize, tornando-a acessível. Enquanto isso, a oralidade tem sido um recurso histórico de fundamental importância para a manutenção de vínculos com o passado, e conforme assevera Nora (1993, p. 9) “A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações”.

A seleção dos entrevistados se pautou por sua relação proximal com o tema e possibilitou explorar as experiências vividas por cada sujeito através das narrativas de seus registros de memória, que também desvelou dificuldades, desafios e conflitos de interesses, marcados sobretudo, por relações e exercícios de poder entre as três instituições responsáveis pela organização, financiamento e celebração da Missa do Vaqueiro. Ao analisar cada entrevista, foi possível perceber a carga de emoções e o sentimento de pertença, que foram tecidos ao longo da trajetória histórica da solenidade religiosa, cada sujeito à sua maneira.

A pesquisa de campo possibilitou compreender o processo de ressignificação do evento e sua importância, que permeia diferentes intencionalidades e interesses, com vistas ao conservadorismo latente de alguns setores diretamente envolvidos. E dessa forma, abre-se um leque de oportunidade para o desenvolvimento de pesquisas futuras sobre a temática em tela, como por exemplo, a participação do público feminino em um ambiente predominantemente masculino; as relações entre território, religiosidade e política; a estereotipia da figura do vaqueiro na literatura e nas diferentes mídias através dos tempos; a condicionalidade climática e o caráter religioso da própria Missa do Vaqueiro seria um campo fértil para se debruçar em uma pesquisa, entre outras inúmeras possibilidades que podem ser tiradas desta escrita dissertativa.

Por estar intimamente ligada à história recente do município de Manari e a memória individual e coletiva dos seus habitantes, a Missa do Vaqueiro traz consigo traços culturais herdados do processo de colonização, bem como do processo de adaptação à condicionalidade climática do sertão, e também do contato entre os nativos que primitivamente ocuparam estas terras. Elementos que, mesmo ressignificados através do tempo, do espaço e da história, se faz presente no cotidiano da população manariense. Está interligada com a história, com a oralidade, com a memória, com a religiosidade, com a política e com a cultura, em suas mais variadas instâncias.

Uma inquietação se apresenta a partir da pesquisa, se haverá continuidade ou não da solenidade religiosa. Isso dependerá da dinâmica e dos aspectos socioculturais e políticos imbrincados no processo histórico; das mudanças e permanências que ocorrerão ao longo da História. A manutenção do pagamento da promessa durante todo este tempo, ocorreu das ações de sujeitos e aponta para diferentes interesses, de relações sociais e políticas conflituosas em determinados momentos da trajetória histórica e do processo de ressignificação das diferentes formas de viver da sociedade e atribuir significados às suas próprias experiências, que culmina em diferentes vivências e valores que esses sujeitos atribuíram e atribuem à Missa do Vaqueiro e aos modos de viver do povo do sertão nordestino.

A Missa do Vaqueiro tornou-se um instrumento de acolhida e comunhão, espaço de socialização e de visibilidade das diferentes manifestações da cultura vaqueira, assim como dos vínculos historicamente constituídos, personificados na figura imagética do vaqueiro, enquanto homem essencialmente rural, com forte apego religioso e atrelado ao conservadorismo, que pelo ardor de seu trabalho, independentemente da estação do ano, é resistência e resiliência em pleno sertão nordestino.

REFERÊNCIAS

ABREU, Capistrano de. **Capítulos de história colonial (1500-1800)**. 7ª ed. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1988.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBERTI, Verena. **O que documenta a fonte oral? Possibilidades para além da construção do passado**. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, 1996. 13f. Trabalho apresentado no II Seminário de História Oral, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 19-20 set. 1996.

ALBUQUERQUER JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. **Festas para que te quero: Por uma historiografia do festejar**. UNESP- FCLAs- CEDAP, v.7, n.1, 2011.

ALBUQUERQUER JR, Durval Muniz de. **Distante e/ou do instante: “sertões contemporâneos”, as antinomias de um enunciado**. In: Cultura dos sertões. Org. Alberto Freire. Salvador: EDUFBA, 2014.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A Terra e o Homem no Nordeste**. São Paulo: Brasiliense, 1963.

AURÉLIO, o minidicionário da língua portuguesa. 4ª ed. Revista e atualizada. 7ª impressão – Rio de Janeiro, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 2002.

BARRETO, José Ricardo Paes. **A linguagem do vaqueiro: aspectos sintáticos e estilísticos**. Recife, PE: Editora Universitária da UFPE, 1983.

BELO, Reinaldo. **Da inveja à missa do vaqueiro valente**. Diário de Pernambuco. Recife, 07 de jul. de 1973. Primeiro Caderno. Municípios/Nordeste. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_15&Pasta=ano%20197&Pesq=subjativismos%20lit%c3%bargicos&pagfis=44438. Acesso em: 03/06/2018.

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

BERGER, Peter L. **A dessecularização do mundo: uma visão global**. Religião e Sociedade. Vol. 21. Rio de Janeiro, 2000.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício do historiador**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Senado Federal, Brasília, DF: SEFRAF, 2015.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **O que é agricultura familiar**. 2016. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/o-que-%C3%A9-agricultura-familiar>. Acesso em: 26/03/2019.

BRASIL. **Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006**. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111326.htm. Acesso em: 26/03/2019.

BRASIL. **Lei nº 12.870, de 15 de outubro de 2013**. Dispõe sobre o exercício da atividade profissional de vaqueiro. 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12870.htm. Acesso em: 10/04/2019.

BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo, SP: Companhia de Bolso, 2010.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CAMPOS, Vanessa. **Assim não**. Diário de Pernambuco, Recife, 20 de jun. de 1973. Coluna do Interior. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_15&Pasta=ano%20197&Pesq=Wanessa%20Campos&pagfis=43792. Acesso em: 25 de jul. de 2018.

CAMPOS, Vanessa. **Vaqueiro, um “status” ameaçado**. Diário de Pernambuco, Recife, 31 de ago. de 1974. Segundo Caderno, editais e avisos. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_15&pasta=ano%20197&pesq=Vaqueiro. Acesso em: 25 de jul. de 2018.

CAPELATO, Maria Helena. A imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador. In: VILLAÇA, Mariana; PRADO, Maria Ligia Coelho. (Orgs.). **História das Américas: fontes e abordagens historiográficas**. São Paulo: Humanitas: CAPES, 2015.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Tradições populares da pecuária nordestina**. Documentário da vida rural n. 9. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1956.

CASCUDO, Luís da Câmara. **A Vaquejada Nordestina e sua Origem**. Imprensa Universitária: Recife, 1966.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e Cantadores: folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará**. Rio de Janeiro; Ediouro, 2000.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12ª ed. São Paulo: Global, 2012.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. 3ª ed., Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CORREIA, Carlos André. **Manari: história, tradição e cultura**. Recife – PE. Tarcísio Pereira Editor, 2016.

CORREIO BRASILIENSE. **Cartazes divulgam a missa do vaqueiro**. Brasília, 14 de jul. de 1974. Caderno de Integração. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=028274_02&pasta=ano%20197&pesq=Missa%20do%20Vaqueiro%20alegra%20sertanejo. Acesso em: 03/06/2018.

CORREIO BRASILIENSE. **Missa do vaqueiro reuniu 15 mil: PE**. Brasília, 16 de ago. de 1974. Caderno de Integração. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=028274_02&pasta=ano%20197&pesq=Missa%20do%20Vaqueiro%20alegra%20sertanejo. Acesso em: 03/06/2018.

COUTROT, Aline. **Religião e política**. In: Por uma História política. Tradução Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Edição Especial. São Paulo: Martin Claret, 2016.

DELGADO, Luiz. Subjetivismos litúrgicos. Diário de Pernambuco. Recife, 20 de ago. de 1974. Opinião, Primeiro Caderno. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_15&Pasta=ano%20197&Pesq=subjetivismos%20lit%3%bargicos&pagfis=59974. Acesso em: 03/06/2018.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias da Gente Brasileira**. Vol. 3: República – Memórias (1889-1950). Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Devoção e turismo**. Recife, 05 de jul. de 1973. Opinião. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_15&pasta=ano%20197&pesq=devo%C3%A7%C3%A3o%20e%20turismo. Acesso em: 03/06/2018.

DIÁRIO DO PARANÁ. **Missa do Vaqueiro: Um grandioso espetáculo no Sertão de Pernambuco**. Curitiba, 14 de jul. de 1978. DP Automóveis e Turismo. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=761672&pasta=ano%20197&pesq=Missa%20do%20Vaqueiro>. Acesso em 14/08/2018.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FAGUNDES, Valéria Pereira. **Manari, minha terra**. Pro dia nascer feliz. Direção de João Jardim. Brasil: Globo Filmes et al. 2006. 1 DVD (88 min), color.

FERRAZ, Socorro; BARBOSA, Bartira Ferraz. **Sertão: fronteira do medo**. Recife: Editora UFPE, 2015.

FERREIRA, Dayse Regina. Serrita: **A Alma Nordestina na Missa do Vaqueiro**. Diário do Paraná, Curitiba, 15 de jul. de 1982. Turismo. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=761672&pasta=ano%20197&pesq=Missa%20do%20Vaqueiro>. Acesso em: 14/08/2018.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, tempo presente e história oral**. Rio de Janeiro: Topoi, 2002.

FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**. In: Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. MICHEL FOUCAULT. Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. 2ª Edição Revista. Trad. Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. 2ª Ed. São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2006.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 49ª ed. rev. – São Paulo: Global, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil**. 7ª ed. rev. – São Paulo: Global, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

IBGE. **Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias.** Coordenação de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/apps/regioes_geograficas/. Acesso em: 17/02/2019.

IBGE. **População estimada.** Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente. 2018. Disponível em: www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/por-cidade. Acesso em: 20/09/2018.

IBGE. **Situação domiciliar.** Taxa percentual. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/manari/pesquisa/23/25207?tipo=ranking&indicador=29519>. Acesso em: 20/09/2018.

IBGE. **Amostra – Religião.** Censo Demográfico 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/manari/pesquisa/23/22107?indicador=22416>. Acesso em: 03/04/2019.

IBGE. PNAD Contínua. **Trabalho Infantil.** 2017. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101388_informativo.pdf Acesso em: 20/09/2019.

JORNAL DO DIA. **Missa do Vaqueiro atrai europeus.** Cuiabá, 03 de jul. de 1984. Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=581577&pasta=ano%20198&pesq=Missa%20do%20Vaqueiro>. Acesso em: 15/08/2018.

JORNAL DO DIA. **A missa mística dos vaqueiros.** Cuiabá, 21 de jul. de 1985. Ideias. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=581577&pasta=ano%20198&pesq=Missa%20do%20Vaqueiro>. Acesso em: 15/08/2018.

LIÊDO, Maranhão. Cultura popular hoje. Diário de Pernambuco. Recife, 18 de mai. De 1981. Opinião. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_16&Pasta=ano%20198&Pesq=Cultura%20popular%20hoje&pagfis=27028. Acesso em: 03/06/2018.

LINS, Leticia. **Missa do Vaqueiro: Sanfonas e gibões na liturgia do sertão.** Rio de Janeiro, 01 de ago. de 1974. Caderno B. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_09&pasta=ano%20197&pesq=Sanfonas%20e%20Gib%C3%B5es. Acesso em: 04/06/2018

LÖWY, Michel. **Marxismo e Teologia da Libertação.** São Paulo: Cortez, 2000.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. **Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea.** In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coord). **Usos &**

abusos da história oral. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

MAGALHÃES, Antonio Rocha. **Vida e seca no Brasil.** In: NYS, Erwin De; ENGLE, Nathan L.; MAGALHÃES, Antonio Rocha. (Orgs). **Secas no Brasil: política e gestão proativas.** Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos; Banco Mundial, 2016. Cap. 1, p. 19-35.

MAUAD, Ana Maria. **Fotografia e história – possibilidades de análise.** In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (Orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação.** São Paulo: Cortez, 2004.

MARTINS, Patrícia Carla de Melo. **Conservadorismo católico e a construção do tempo na História Mestra da Vida.** In. **Política e Cultura no Catolicismo Contemporâneo.** Orgs. Candido Rodrigues... [et al.]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias.** São Paulo: Contexto, 2011.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Cultura política e lugares de memória.** In: **Cultura, política, memória e historiografia.** Orgs. Cecília Azevedo... [et al.]. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

MICHALSKI, Yan. **Missa nordestina lança teatro na FUNARTE.** *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 09 de jun. de 1978. Serviço. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_09&pasta=ano%20197&pesq=janduhy%20finizola. Acesso em: 04/06/2018.

NETO, Geneton Moraes. **Missa do Vaqueiro.** *Diário de Pernambuco*. Recife, 05 de ago. de 1972. Linha de frente. Suplemento Infantil. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_15&Pasta=ano%20197&Pesq=subjetivismos%20lit%c3%bargicos&pagfis=30737. Acesso em: 04/06/2018.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: A problemática dos lugares.** Trad. Yara Aun Khoury. Proj. História, PUC-SP, 1993.

PASSOS, João Décio. **Concílio Vaticano II: reflexões sobre um carisma em curso.** São Paulo: Paulus, 2014. — (Coleção Comunidade e missão)

PERICÁS, Luiz Bernardo. **Os cangaceiros: ensaio de interpretação histórica.** São Paulo: Boitempo, 2010.

PINHEIRO, Cícera Luziana de Moraes; SALES, Ana Cristina de. **Os usos da memória sobre a festa do vaqueiro Raimundo Jacó em Serrita - PE: (1971-2017).** III Seminário Nacional de História e Contemporaneidades. Universidade Regional do Cariri – URCA, Crato – CE, 2018.

PNUD. Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. **Perfil do município de Manari – PE.** Disponível em: http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/manari_pe. Acesso em: 20/09/2018.

QUEIROZ, Washington. **Ofício de Vaqueiro, patrimônio cultural da Bahia: breve histórico.** In: Cultura dos sertões. Org. Alberto Freire. Salvador: EDUFBA, 2014.

REGO, Luzarina. **No sertão, a festa e a missa do vaqueiro.** Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 16 de jul. de 1986. Turismo. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_10&pasta=ano%20198&pesq=Missa%20do%20Vaqueiro. Acesso em: 04/06/2018.

RIBEIRO, Helena Maria. **Os caminhos da Missa do Vaqueiro.** Diário de Pernambuco, Recife, 15 de jul. de 1976. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_15&pasta=ano%20197&pesq=Os%20caminhos%20da%20Missa%20do%20Vaqueiro. Acesso em: 28/07/2018.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RODRIGUES, João Paulo. **Diálogos entre História e Memória: A construção de um campo interdisciplinar de estudos** In: SILVA, Vicentônio Regis do Nascimento; et. al. **História: Diálogos & Paradigmas.** Jundiaí, Paco Editorial: 2013. Cap. 3, p. 44-68.

SANTOS, Irinéia Maria Franco dos. **Luta e perspectivas da Teologia da Libertação: O caso da Comunidade São João Batista, Vila Rica, São Paulo: 1980-2000.** Dissertação de Mestrado. São Paulo, USP: 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, procissões, romarias, milagres: aspectos do catolicismo popular.** Natal: IFRN, 2013.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral.** Trad. Lúcio Lourenço de Oliveira – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TINHORÃO, J. R. **O milagre andou por perto na Missa do Vaqueiro.** Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 02 de set. de 1976. Música Popular. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_09&pasta=ano%20197&pesq=missa%20do%20vaqueiro. Acesso em: 04/06/2018.

FONTES

BOTTA, Pe. Giorgio. **Entrevista para pesquisa de mestrado.** Manari, 20 jun. 2018.

LIMA, Maria do Amparo. **Entrevista para pesquisa de mestrado.** Manari, 27 jun. 2018.

LIMA, Norma Waleska Monteiro. **Entrevista para pesquisa de mestrado.** Manari, 27 jun. 2018.

LIMA, Amélia Wanessa Monteiro. **Entrevista para pesquisa de mestrado.** Manari, 25 mar. 2019.

LINS, Denisson Rodrigues D'Almeida. **Entrevista para pesquisa de mestrado.** Manari, 17 jan. 2019.

MALTA, Ricardo Vieira. **Entrevista para pesquisa de mestrado.** Manari, 25 mar. 2019.

SILVA, João Francisco da. **Entrevista para pesquisa de mestrado.** Manari, 19 set. 2018.